

tou á Camara Legislativa sobre a necessidade de se annexarem mais alguns estudos ao Curso Pharmaceutico. A Camara consultou a sua Commissão de Legislação, que foi de Parecer se adiasse o pedido para tempo opportuno; o que ficou approvedo pela Camara. Por proposta do mesmo digno Socio está a Commissão de Direito Pharmaceutico elaborando outra representação, para na proxima Legistura se pedirem as necessarias reformas de Instrucção e Policia Pharmaceutica. Por outra proposta do mesmo Sr. a Sociedade representou ao Governo para dar as providencias devidas, a fim das Escolas passarem os recibos dos Registros das Matriculas dos Practicantes; esta requisição foi attendida, passando-se Circular ás Secretarias das tres Escolas para aquelle fim.

O Sr. Vicente José de Carvalho, Director da Eschola Medico-Cirurgica do Porto, enviou á Sociedade uma Memoria, em que propõe se represente ás Camaras Legislativas, para que por meio de uma Lei se regularisem os estudos que se devem exigir nos Exames aos Aspirantes de Pharmacia, em conformidade com os meios que indica na sua Memoria. A Sociedade deliberou discutir o Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, motivado pela proposta do Sr. José Tedeschi, tendente ao mesmo fim: decidindo se archivasse a Memoria do Sr. Carvalho.

Tendo o nosso Consocio, o Sr. Carlos Maria Monteiro Freire, estabelecido no Logar de Bucellas, officiado á Sociedade participando a existencia de dous charlatães que, com toda a ousadia, tractam de doentes n'aquella povoação e vizinhanças; deliberou-se representar ao Conselho de Saude indicando-lhe este facto.

A Sociedade approvou diversas indicações tendentes a melhorar o nosso Jornal.

A Commissão de Redacção tem sido assidua nos trabalhos que lhe estão confiados; ao seu incansavel Director se deve a boa regularidade com que tem sido impresso o Jornal; no n.º 6 do mez de Junho ultimo, principiou a publicar-se um novo capitulo « *Revista dos Jornaes* » cu-

ja tarefa a Commissão encarregou ao Sr. João José de Sousa Telles. São dignos de louvores muitos Cavalheiros e Consocios por terem coadjuvado a Commissão com seus escriptos, não devendo esquecer o Sr. José Tedeschi por facilitar o Jornal de Pharmacia de Paris, e o Sr. José Pereira d'Azevedo o Jornal de Chymica Medica, Pharmacia e Toxicologia de Paris.

Tendo o Sr. José Alexandre Rodrigues indicado a grande conveniencia de se estudarem os Jornaes scientificos, publicando-se no nosso Jornal um juizo critico ácerca das materias de maior interesse n'elles contidas, a Sociedade convidou para este trabalho aos Srs., Dr. Ignacio Antonio da Fonseca Benevides; Dr. Bernardino Antonio Gomes; Dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão; José Tedeschi; Vicente Tedeschi; José Alexandre Rodrigues; João Manuel Ognudo; Joaquim Nunes Barbosa; e João José de Sousa Telles.

Por proposta do nosso mui respeitavel Consocio o Sr. Henrique José de Sousa Telles, foi convidada a Commissão de Redacção a inserir no Jornal artigos de fundo, em que se mostrassem as necessidades da classe; e indicassem as providencias que se devam adoptar, tendentes a diminuir os excessivos abusos que definham os interesses da Classe. Em vista dos muitos trabalhos que pesam sobre esta Commissão, a Sociedade elegeu, para satisfazer a esta missão, ao Sr. José Tedeschi.

Publicou-se no Jornal um artigo offerecido pelo Membro Honorario, o Sr. Dr. Florencio Peres Furtado Galvão — Algumas ideias sobre o estado da Pharmacia em Portugal; e bem assim outro artigo, traducção do Sr. Francisco Bernardo dos Santos — O Relatorio sobre a Organização da Pharmacia na Noruega, dirigido ao Sr. Ministro de Instrucção Publica, pelo Sr. Martius, Membro da Commissão do Norte.

Publicou-se uma Portaria do Ministerio dos Negocios da Marinha e Ultramar, na qual Sua Magestade Manda agradecer á Sociedade o trabalho a que procedeu na analyse toxicologica do estomago do fallecido Governador da

Provincia de S. Thomé e Príncipe, José Caetano Reimé Wiomont Pessoa; e uma traducção do Sr. Francisco Bernardo dos Santos, artigo do Sr. Gnior de Grand-maison, Pharmaceutico em París, demonstrando a proporcional reduccão das officinas pharmaceuticas.

Por propôsta do Sr. João José de Sousa Telles, a Sociedade encarregou a Mesa de nomear uma Deputação para felicitar ao Ex.^{mo} Sr. Duque de Saldanha, e pedir-lhe se interessasse pela nossa Classe. Foi recebida com a affabilidade que distingue este nobre Portuguez, garantindo-nos com delicadas expressões a sua protecção.

Tendo inadvertidamente o Jornal Esculapio, que se publica n'esta Capital, publicado um artigo insultuoso, desacreditando alguns de nossos Collegas estabelecidos no Porto, em pontos moraes e scientificos, e querendo estes desaffrontar-se em sua reputação, representaram á Sociedade com documentos justificativos; e sendo ouvida a Comissão de Direito Pharmaceutico, suspendeu o seu juizo, por quanto os Redactores do referido Jornal, retractando-se, publicaram uma satisfação cavalheira, com a qual terminou esta delicada questão.

A Commissão do Codigo prosegue nos seus trabalhos, e estão quasi concluidos.

Senhores, todos os Funcionarios d'esta Sociedade rivalisaram no desempenho dos encargos que lhe foram confiados, podendo com ufania certificar-vos, que trabalhos tão assiduos podem-se imitar, mas não exceder.

A Sociedade, em virtude de uma proposta do nosso Membro Effectivo, o Sr. Francisco Fortunato de Assis, e em attenção aos relevantes serviços que nos tem prestado o nosso Membro Honorario e Delegado no Porto, o Sr. Antonio de Sousa Dias, concedeu-lhe o titulo de Membro Benemerito; bem como, por proposta do nosso Membro Benemerito, o Sr. José Dionysio Corrêa, admittiu para seu Membro Honorario, ao Sr. Dr. Florencio Peres Furtado Galvão, Lente de Materia Medica e Pharmacia na Universidade de Coimbra.

Falleceram os Membros Honorarios, o Ex.^{mo} Sr. Dr.

José Alexandre de Campos, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, e Ministro de Estado Honorario, e o Ill.^{mo} Sr. Dr. Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia na Eschola Polytechnica. Com magoa vos faço esta declaração; a nossa Sociedade perdeu duas columnas poderosas, e a Patria dous Cidadãos honrados, independentes, e exemplares de integridade de character, cujos principios lhes abbreviaram seus dias. Tambem a morte nos roubou dous dignos Membros Correspondentes Nacionaes, os Srs., Antonio Caeiro Ferreira, de Monsaraz, e Luiz Albertino Gomes, da Ribaldeira.

A Receita da Sociedade foi, n'este anno, de 679\$890 réis, a Despesa de 624\$265 réis, ficando, para o anno seguinte, um Saldo de 55\$625 réis.

Os Fundos do Monte-Pio Pharmaceutico são: 1:400\$000 réis em Inscriptões de 5 por cento, a Receita foi de 173\$189 réis, a Despesa de 44\$400 réis, ficando de saldo em cofre 128\$789 réis.

A Sr.^a D. Balbina Rosa de Sousa Pereira, continua a receber regularmente a pensão que lhe foi votada, como Viuva do nosso finado Presidente, o Sr. Gregorio de Sousa Pereira, nome sempre lembrado com saudade.

Meus Collegas, Amigos e Consocios, posso affiançar-vos que a nossa Sociedade é considerada com respeito por todas as Corporações e homens de letras. Dedicada ao estudo da sciencia que professamos, e cada vez mais empenhada no bem estar da Humanidade, ja o Paiz lhe deve relevantes serviços, e não obstante os duros espinhos que tem supplantado em seu transito, caminha des-sombrada, e continuará a merecer as benções da posteridade, se vós, animados do mesmo zêlo que hoje aqui vos reuniu, continuardes esta obra de civilização e progresso. Tributo-vos o meu reconhecimento pela attenção que me prestasteis, devida á vossa indulgencia. — Disse.

Concluido este Relatorio, deu o Sr. Presidente a palavra ao Sr. Primeiro Secretario, Henrique José de Sousa Telles, que leu o — Programma sobre questões Scientifi-

cas — a Lista dos Doadores e dos Objectos doados — e o Resumo do Quadro actual da Sociedade, com as alterações occorridas no anno findo — ; tudo como se segue :

PROGRAMMA.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em observancia do disposto no § 8.º do Art.º 27.º dos seus Estatutos, tem a honra d'apresentar, aos Amadores das Sciencias, o seguinte Programma.

PARA O ANNO DE 1851 A 1852.

Primeira Questão.

A descripção e classificação botanica, e a analyse chymica d'uma planta indigena, actualmente em uso na Medicina popular.

Segunda Questão.

Demonstrar, se nas aguas aromaticas a essencia se mucilagifica? Se ha n'ellas formação de cyanogenio? Se a qualquer d'aquellas circumstancias se deve attribuir a sua alteração? Como existe n'ellas o acido acetico?

Terceira Questão.

Causas efficientes da influencia da luz sobre os corpos organicos, e diversos preparados chymico-pharmaceuticos?

Natureza da sua acção, e meios d'a destruir ou modificar.

Quarta Questão.

Meio d'obstar, ou prevenir, a facil decomposição do acido cyanhydrico, isto provado por experiencias.

Quinta Questão.

Enumeração e classificação zoologica dos animaes, que habitam qualquer das nossas Provincias, que não estejam classificados.

Sexta Questão.

Uma Pharmacopêa practica, verdadeiramente portugueza, que represente o estado actual da Sciencia.

Setima Questão.

Centro de Doenças e Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

A analyse d'uma agua mineral do Reino, ainda não analysada; acompanhada d'uma noticia do uso medicinal que haja tido.

CONDIÇÕES.

Os premios consistirão em medalhas d'ouro, de valor em peso d'uma onça, e de prata d'egual peso; tendo as de ouro, d'um lado, a seguinte inscripção — *Ao Membro Benemerito* —, e de outro o Timbre da Sociedade, e a le-

genda — *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*. As de prata, d'um lado, a palavra — *Accessit* —, e, do outro, o Timbre e a mesma legenda. Umas e outras medalhas serão pependentes de fita amarella.

As medalhas d'ouro, serão conferidas áquelles individuos que desempenharem os objectos propostos; e as de prata serão destinadas para os que mais se approximarem ao fim proposto.

Todas as Memorias, que vierem a concurso, serão escriptas em portuguez, se seus Auctores forem naturaes d'estes Reinos, e em francez se forem estrangeiros; e virão expedidas, ao 1.º Secretario da Sociedade, por todo o mez d'Abril do anno em que houverem de ser julgadas.

Trarão o nome do Auctor em carta fechada, na qual se lerá por fora, como divisa, a mesma epigraphe da Memoria, e que será aberta na Sessão Solemne, se a Memoria for premiada; e pelo contrario a carta será queimada, sem ser aberta, se a Memoria não obtiver premio, e esta será entregue a seu Auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As Memorias, que houverem de ser lidas na Sessão Solemne Anniversaria, deverão ser approvadas para isso pela Sociedade; outro sim, serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo — *Memorias da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*.

Além dos premios acima mencionados, o Auctor da Memoria premiada, impressa, e publicada, terá mais cem exemplares sendo a edição de mil; e cincoenta sendo de quinhentos.

Finalmente, os premios conferidos aos Concorrentes, nem sempre serão uma prova decisiva de que esta Sociedade sanciona absolutamente a doutrina das Memorias; mas sim um testemunho auctentico de que seus Auctores desempenharam, em geral, o exigido pela Sociedade no seu Programma.

RELAÇÃO DOS DOADORES E DOS OBJECTOS DOADOS, DURANTE
O DECIMO SEXTO ANNO DA SOCIEDADE.

Da *Academia Real das Sciencias de Lisboa* — os n.ºs 3 a 6 dos folhetos das suas Actas, T. 2.º

Da *Academia de Medicina y Cirurgia de Barcellona y Palma* — os n.ºs 7 a 12 do 5.º anno, da sua *Abelha Medica*.

Do *Instituto Medico Valenciano* — os n.ºs 7 a 18 do T. 5.º do seu Jornal.

Da *Sociedade Auxiliadora d'Industria Nacional do Rio de Janeiro* — os n.ºs 1 a 9 do Vol. 5.º do seu Jornal.

Da *Sociedade d'Emulação Medico-Cirurgica de Lisboa* — os n.ºs 11 a 15 do seu Jornal.

Da *Sociedade Medica General de Soccorros Mutuos* — os n.ºs 236 a 261 do 1.º T. 1.ª Epocha, e os n.ºs 1 a 26 do 1.º T. 2.ª Epocha.

Da *Sociedade Hahnemanniana Matritense* — 8 folhetos do T. 5.º do seu Jornal.

Da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* — o seu Jornal do mez d'Abril a Dezembro de 1850, e Janeiro e Fevereiro de 1851 — Discurso pronunciado na Sessão Solemne Anniversaria da mesma Sociedade, pelo seu Presidente o Sr. Dr. José Pereira Mendes.

Da *Sociedade Pharmaceutica de Soccorros Mutuos* — o seu Periodico Official = *El Restaurador Pharmaceutico de Madrid* = os n.ºs 19 a 36 do 6.º anno, e os n.ºs 1 a 18 do 7.º anno — *Historia Natural das Drogas simples* por Guibourt, 17 cadernetas do T. 1.º

Da *Sociedade Promotora da Industria Nacional* — os n.ºs 1 e 2 dos seus Annaes — Discurso do Ex.º Sr. Visconde da Carreira, recitado na Sessão da inauguração do busto do Ex.º finado Duque de Palmella — Relatorio sobre os objectos Industriaes e Artisticos que concorreram à Exposição de 1849.

Da *Universidade Litteraria de Salamanca* — Solemne abertura da Universidade, verificada em o 1.º d'Outubro de 1850, debaixo da Presidencia do auctor da mesma o Sr. Dr. João José Villar.

Da *Redacção do Esculapio* — os n.ºs 76 a 126 do seu Jornal.

Da *Redacção da Gaceta Medica de Madrid* — os n.ºs 199 a 234 do seu Jornal.

Da *Redacção da Gazeta Medica do Porto* — os n.ºs 206 a 227 do seu Jornal.

Da *Redacção da Revista dos Espectaculos* — os n.ºs 6 a 12 do seu Jornal.

Da *Redacção da Revista Popular* — os n.ºs 16 a 40 do 3.º Vol. e 1 a 25 do 4.º Vol. do seu Jornal.

Da *Redacção da Revista Universal Lisbonense* — os n.ºs 42 a 48, rosto e indice do 2.º T. da 2.ª serie, e os n.ºs 1 a 43 do T. 3.º da mesma serie.

Da *Redacção da Semana* — os n.ºs 1 a 19 do seu Jornal.

Da *Redacção do Telegrapho Medico de Barcellona* — os n.ºs 4 e 5 do 4.º anno do seu Jornal.

Do Sr. Dr. *Bernardino Antonio Gomes* — 4 exemplares dos seus Elementos de Pharmacologia Geral.

Do Sr. Dr. *Carlos Luiz de Saules* — os n.ºs 1 a 3 da Gazeta dos Hospitales e Reportorio Medico Brasileiro.

Do Sr. *Eduardo de Castro* — 3 amostras de quina, real, vermelha, amarella ou calissaya.

Do Sr. *Eugenio Rodrigues d'Oliveira* — os n.ºs 25 a 48 do Jornal Litterario — O Pirata — 1 buzio de grande dimensão — 6 ditos menores — 1 espuma do mar petrificada — 1 pequeno arbusto creado debaixo da agua salgada, com a raiz petrificada — 1 diminuta porção de pequenos buzios, tudo vindo de Macau.

Do Sr. *Francisco José da Silveira* — os n.ºs 1 a 48 do Jornal Litterario — O Pharol — 1 folheto sobre a questão do Sr. Faustino da Gama com a União Commercial — Causa da Nunciação de nova Obra do Conselheiro João da Silva Carvalho com Manuel Joaquim Jorge — Me-

dicina de Raspail — Resposta ás duas palavras do Sr. Rio-Tinto.

Do Sr. *Joaquim José de Queiroz e Silva* — 1 gravura em madeira com o desenho da baunilha.

Do Sr. *Joaquim Nunes Barbosa* — Noticia sobre as virtudes e usos medicinaes da Agua dos Cucos.

Do Sr. *José Dionysio Corrêa* — Relatorio e Contas da Gerencia Administrativa do Hospital de S. José, relativas ao anno economico de 1849 a 1850 — Regulamento da Botica do Hospital de S. José.

Do Sr. *José Joaquim da Silva Pereira Caldas* — Mineralogia e Geologia pelo Sr. Beudant, 1 vol. 8.^o francez. — Elementos de Direito Natural, pelo Sr. Vicente Ferrer Netto de Paiva, 1 vol. em 8.^o francez — Peter Parley's Annual *And Christmas de New Years = Presesent =* London 1843, 1 vol. em 8.^o — Visitas ás Possessões Portuguezas na Costa Occidental da Africa, por George Tams — Quadros Synopticos d'Oratoria, Litteratura Classica, Poetica, Longimetria, Geometria, Grammatica Geral, Sciencias Naturaes, Mathematicas, &c.

Do Sr. *José Silverio Rodrigues Cardoso* — o n.^o 214 do Nacional do Porto, que contém uma poesia da sua composição.

Do Sr. *José Pedro Henriques de Carvalho*, Cirurgião da antiga Eschola de Lisboa — A defesa da Cirurgia e dos Cirurgiões.

Do Sr. Dr. *José Pereira Rego* — Historia e descripção da febre amarella epidemica, que grassou no Rio de Janeiro em 1850, 1 vol. — n.^o 123 dos Annaes de Medicina Brasiliense.

Do Sr. *José Tedeschi* — o seu Jornal d'Agosto de 1850 a Julho de 1851.

Do Sr. *P. H. Lepage* — as suas Memorias e observações de Chymica, 1 folheto — Historia chymico-pharmaceutica das folhas de loureiro-cereja, 1 folheto.

Do Ex.^{mo} Sr. *Visconde de Villarinho de S. Romão* — Memoria sobre as epidryadas reinantes n'este anno, especialmente a das batatas — Tractado theorico e practico,

sobre a maneira de construir fogões de sala, 1 folheto em 4.º — Memoria sobre pesos e medidas de Portugal, 1 folheto.

RESUMO DO QUADRO ACTUAL DA SOCIEDADE, COM AS ALTERAÇÕES OCCORRIDAS N'ESTE ANNO.

PROTECTORES.

SUA Magestade FIDELISSIMA A SENHORA D. MARIA II., RAINHA DE PORTUGAL.

SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. FERNANDO II.

FORAM ADMITTIDOS PARA A CLASSE DE



Benemeritos.

O SENHOR :

Antonio de Sousa Dias..... *Porto.*

Honorarios.

O SENHOR :

Dr. Florencio Peres Furtado Galvão..... *Coimbra.*

Effectivos.

Os SENHORES :

Antonio Domingues Villa Nova..... *Lisboa.*

João Theodorico Maciel..... *Idem.*

Manuel Ferreira Giraldes..... *Idem.*

Correspondentes Nacionaes.

Os SENHORES :

Albano Abilio Andrade	Porto.
Anselmo José Martins	Boticas.
Antonio Guedes do Nascimento.	Vianna do Castello.
Antonio Joaquim Ferreira	Idem.
Antonio Joaquim Simões	Maranhão.
Bernardo d'Oliveira Ramos	Porto.
Caetano José d'Araujo.	Lagos.
Clemente José Gonçalves	Porto.
David Cesar Pereira	Cintra.
Francisco Antonio Frazão	Sacavém.
Francisco Cesar Pereira	Villa Franca de Xira.
Francisco de Paula de Macedo	Evora.
João Augusto Penedo	Villa de Jaguarão (Brasil).
João José da Silva Junior	Setubal.
Joaquim José Dias	Braga.
Joaquim José da Silva Pipa	Idem.
Joaquim dos Santos Morim	Maranhão.
José Bernardo Gonçalves	Porto.
José Carlos Pinto de Carvalho	Poyares.
José Fernandes de Carvalho	Canellas.
José Joaquim Lopes da Silva	Braga.
Manuel de Cerqueira Ribeiro	Maranhão.
Miguel José de Sousa Ferreira	Porto.
Miguel dos Santos Martins	Sobral do Perilhão.
Silvestre Marques da Silva Ferrão	Maranhão.

Correspondentes Estrangeiros.

Os SENHORES :

João José Villar (Dr.)	Salamanca.
P. H. Lepage	Gisors.

PEDIRAM A SUA DIMISSÃO.

Correspondentes Nacionaes.

Os SENHORES :

Jeronimo de Belém Silveira..... *Monte-Mór o Novo.*
Manuel Antonio Gomes Almendro..... *Brogança.*

FORAM DESPEDIDOS PELA SOCIEDADE.

Correspondente Nacional.

O SENHOR :

José Vicente Pires..... *Torre de D. Chama.*

FALLECERAM.

Honorarios.

Os SENHORES :

Francisco d'Assis de Carvalho (Dr.)..... *Lisboa.*
José Alexandre de Campos (Dr.)..... *Coimbra.*

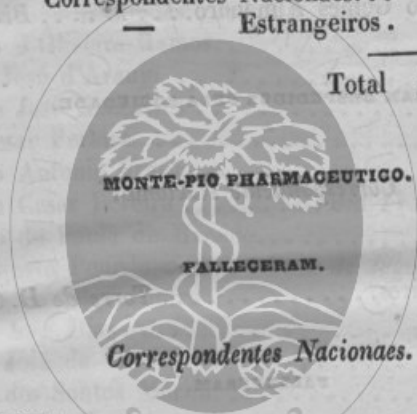
Correspondentes Nacionaes.

Os SENHORES :

Antonio Caeiro Ferreira..... *Monsaraz.*
Luiz Albertino Gomes..... *Ribaldeira.*

FICAM EXISTINDO.

Protectores.....	2
Benemeritos.....	11
Honorarios.....	68
Effectivos.....	74
Correspondentes Nacionaes...	214
— Estrangeiros.	22
	<hr/>
Total	391



O SENHOR :

Antonio Caeiro Ferreira Monsaraz.

FICAM EXISTINDO.

Effectivos.....	27
Correspondentes Nacionaes...	49
	<hr/>
Total	76

Terminada esta leitura, o Sr. Presidente, Antonio de Carvalho, leu o seguinte Discurso.

SENHORES!

Quando n'uma sociedade, assente em bases seculares, e soffrivelmente organizada, existe uma classe, padecendo da desigualdade das leis, e do vexame d'inveterados preconceitos, se esta classe merece realmente a consideração publica, e a attenção dos legisladores, é um dever moral de todo o homem, que pode fazer ouvir a sua voz em beneficio da communitade, lembrar aos Poderes do Estado aquelles soffrimentos, patentear aquelles vexames, indicar os males e injustiças que flagrantemente se commettam, e flagrantemente se não quer ou se não ousa remediar. Este dever, esta obrigação moral, incumbe hoje ao vosso Presidente; assim elle possa satisfazer ás necessidades da situação actual da nossa Sociedade.

A Sociedade Pharmaceutica foi creada e instituida com dous fins, na apparencia diversos posto que ligados intimamente entre si. Cumpre-lhe incitar e promover os interesses scientificos da Classe Pharmaceutica; assim como deve espreitar e servir as conveniencias da profissão no que ellas tiverem de legal e necessario. Para satisfazer a ambos estes fins a Sociedade está posta nas melhores e mais favoraveis condições. De um lado tem a Classe, a que o vosso Presidente se congratula de pertencer, composta de pessoas espalhadas em todo o Reino, todas formadas em Institutos Scientificos, e podendo por consequente informalmente, não só sobre os interesses geraes da sciencia, mas ainda sobre todos os que estão ligados com a Arte que professamos. Por outro lado está em relação immediata com os poderes publicos, que desejam ser convenientemente instruidos, e a quem por mais de uma vez esta Sociedade tem exposto as conveniencias da Classe.

A Sociedade, e o vosso Presidente não duvida asseveral-o, não deve ter receio de se apresentar á Classe, como seu mais zeloso e fiel Procurador; pois, como sabeis todos, não tem perdido occasião ou circumstancia que julgue favoraveis, para reclamar as reformas, havidas por urgentes, e trabalhar ardentemente pela sua realisação.

Quando todas as classes, movidas pelo amor da patria, se empenham em resolver o difficil problema da civilisação d'este Paiz, quando todos se põem a caminho na estrada do futuro, esta Sociedade intende não ficar ociosa, vendo desfilar as cohortes esperançosas, cobardemente assentada no marco da actualidade. Na conquista d'esse novo mundo dos grandes melhoramentos, ninguem a poderá arguir de ficar na retaguarda; a sua maior gloria será fazer commungar a classe do pão azymo das reformas civilisadoras.

Desgraçadamente estamos n'um paiz em todo o ponto excepcional. E' necessario remontar á origem para percebermos toda a profundeza dos males que nos affligem. Se muitos d'elles derivam da nossa incuria e incomparavel desleixo, d'este descabimento moral em que nos deixamos tão culpadamente abater, muitos vem de traz, de longe, e tem as raizes cravadas na origem tumultuaria da fundação d'estes reinos, na direcção irracional que adoptamos quando nos constituimos nação independente.

Desencravado a ponta da lança da corôa mussulmana, andou o paiz em luctas permanentes durante os primeiros seculos da monarchia. O Rei era o primeiro soldado da nova patria: o povo seguia o chefe valeroso, arando, no remanso da paz, com o ferro das batalhas o solo conquistado. As treguas eram consumidas nos preparativos das futuras guerras, em cercar de inexpugnaveis baluartes as fronteiras, sempre ameaçadas. Uma tal situação apenas deixava espaço aos animos pacificos para pensar gravemente na organização social; a desordem interna provinha tanto do extremo ardor de estender o dominio portuguez, como da natural preocupação em guardar intacto o fructo das conquistas. Quando ja soava por toda a parte o ameno susurro das palestras litterarias, aqui apenas se ouvia o clangor das tubas guerreiras, o estridor fremente das armas de batalha. As letras cifravam-se n'alguma canção de paladino enamorado, nas barbaras endeixas de algum poeta cavalleiro. Quando a espada cortava todas as difficuldades d'este mundo, e era o unico titulo de um homem de crea-

ção, de que serviam as letras n'uma sociedade que as não comprehendia, e a que não podia dar por consequencia o valor e merecimento que hoje lhes tributamos? Mais tarde haviam ser ellas que dictassem as leis aos netos d'esses homens que então as ignoravam; tão juncto porém do berço da nossa nacionalidade, o montante do senhor feudal, encastellado no pincaro da montanha, pesava de certo mais na balança da justiça do que o código romano-gothico, ou os preceitos da religião de Christo. N'esta conjunctura o povo, que ja não via com bons olhos esses restos da feudalidade acoutada em Portugal, começou a congregar-se e organizar-se em communas, alliando-se ao tronco fortissimo da realza, a fim de abater os orgulhos da aristocracia, e cimentar o principio das liberdades municipaes. D'esta grande e forte organização communal data a emancipação da classe burgueza, d'essa classe, que os prodigios da industria moderna haviam de elevar a uma aristocracia tão despotica e feudal, como essa contra que, nos lineamentos da formação municipal, se organizara a liga das communas com os reis. Em quasi todos os concelhos existem ainda vestigios da lucta que se travou por essas epochas entre a burguezia nascente, e ja conscia da sua immensa força, e a feudalidade moribunda e prestes a cahir no jazigo do passado. As sciencias e as letras começaram a florescer, e o engenho portuguez, animado com as acções heroicas practicadas n'esta terra, soube mostrar ao mundo, que assim como fomos capazes de conquistar dignamente o solo em que vivemos, igualmente eramos dignos de o guardar como nação esclarecida. Uma circumstancia, porém, que devia reverter em nosso proveito, se nos tornou de grande prejuizo. O regimen feudal nunca foi n'este paiz acompanhado dos excessos e violencias, que o fizeram detestado em outras partes, nem teve o predominio insolente, contra que se armaram ao mesmo tempo a auctoridade real, e as influencias populares. A lucta foi muito menos violenta e sanguinosa. Ainda bem não estava assente este povo na posse da conquista, e ja o empenho de alcançar novas glorias estendia o

dominio portuguez pelas costas da Asia, e pelos desertos do Novo-Mundo; e esta nova phase da nossa civilisação se foi indubitavelmente um dos titulos mais gloriosos que nos recommendam á posteridade, não menos indubitavelmente deu origem á nossa prematura decadencia.

Com a mesma espada que servira a limpar o paiz das hostes africanas, fomos abrindo a larga estrada por onde a civilisação moderna havia de penetrar nos dominios da gentilidade asiatica, e nos sertões do mundo descoberto por Colombo. Assim não podia haver um momento de descanso. Pequenos na Europa, infinitamente inferiores em numero e territorio a todos os outros povos, o desejo de conservar as immensas possessões que o nosso genio descobria, arredava do paiz todas as forças vivas, conservando nos espiritos a illusão de phantastica grandeza, que os tempos haviam de destruir completamente. Deixámos a propria casa em abandono para irmos assentar tenda n'essas regiões inhospitas, onde a reacção constante dos naturaes, seguida do desleixo proprio da metropole, e dos ciumes estrangeiros, nos moveram tão crua guerra que em breve houvemos de abandonar as melhores das nossas conquistas, perdendo junctamente as forças materiaes que tiravamos de tão largas e ricas possessões, e a força moral extincta por tão rapida decadencia.

Quando nos resolvemos a olhar pela propria conservação, era ja tarde. Ameaçavam-nos as invejas estranhas, e mais que tudo a nossa profunda ignorancia. A lucta tornava-se extremamente desigual. Em quanto estivemos entretidos em alargar pelas quatro partes do mundo o nosso dominio temporal, o espirito na Europa caminhava a passos de gigante na estrada da civilisação.

Corrido o veu espesso da idade media, as sciencias e as letras deram logo taes fructos, que toda a organização social dos paizes onde florescia, se ressentiu immediatamente. O poder theocratico, que até então da cadeira do Vaticano dominava povos e reis, declinava visivelmente aos primeiros assomos da liberdade de consciencia. A philosophia, apoiada nas sciencias exactas, lançou á terra o ger-

men fecundo, que havia de levar seculos a crescer e fructificar, mas cujo desinvolvimento a ninguem era ja dado impedir ou embaraçar. O raciocinio avassallava toda a sciencia nova, pertendendo salvar a fe dos abysmos da superstição. Este problema, posto assim e resolvido por Luthero, foi o maior atrevimento do espirito humano nas edades modernas. A consciencia sentira que nascera com azas, e que tinha por dominios o espaço infinito.

Maravilham-nos ainda agora essas pyramides colossaes, que o poder egypcio alevantou no meio do deserto, como para mostrar a toda a posteridade que alli viveu por longos annos um povo de gigantes. A obra de Luthero eguala essas portentosas maravilhas; a Reformação é a pyramide sagrada que a philosophia alevantou em honra da consciencia humana. Galileu, protestando no carcere contra a theologia irracional, não foi mais do que o precursor da liberdade do espirito. A sciencia podia errar; o pensamento desvairar-se e perder-se no infinito incomensuravel das suas cogitações; mas ainda nos seus erros grandes, nos seus maiores desvios a descoberta dos novos horisontes tinha de conduzir a humanidade á civilisação moderna. Tudo isto custou muito sangue derramado e muita victima innocente.

Para que podesse medrar a arvore da reforma, o terreno era mister que fosse profundamente revolvido. Quando a philosophia do seculo dezoito veio inaugurar a era do scepticismo, os espiritos ja estavam preparados para a grande revolução, e por isso desceu tão rapida das nevoas especulativas para o campo do positivo. Como toda a reacção energica ninguem duvida que fosse além das necessidades e precisões da epocha; como tudo o que é dos homens não lhe foi dado sahir do empenho pura e immaculada; por muito tempo comprimida a explosão não podia deixar de ser tremenda e horrorosa. Esteve a ponto de naufragar, arcando com as vagas tumidas de toda a negação; as trevas quasi que involveram esse arrojado esforço da liberdade humana; mas a final salvaram-se os grandes principios e as grandes verdades: o espirito sahiu mais

puro e subtilizado da immensa conflagração. O novo evangelho foi proclamado, tendo escripto na primeira pagina as duas leis divinas da liberdade do pensamento e liberdade de consciencia.

Agora uma pergunta. ; Durante todo esse longo espaço em que o espirito andou provando a tempera das suas armas, o que fizemos nós, qual contingente demos para a obra da civilisação? Foram-se creando as sciencias, as industrias tomando um desinvolvimento prodigioso, os povos esclarecendo-se e caminhando para a perfeição moral e material: e nós ficámos atados ao poste ignobil da nossa ignorância, marcando o passo de recrutas no campo do passado. Toda essa grande revolução cresceu, subio, passou, sem que dessemos por ella; encostados no molle travesseiro de nossas vaidosas glorias dormiamos a somno solto, em quanto os outros preparavam as armas e enfeixavam as bagagens para a longa viagem da civilisação. Quando acordámos, ja o sol ia alto, e elles muito longe; vimos as bandeiras a tremular no cimo das montanhas, e não tivemos coragem de nos mettermos a caminho e tentar a ascensão gloriosa. Como filhos prodigos, confiamos na providencia, o que ella só quer confiado dos nossos esforços e trabalho; fomos consumindo na ociosidade o patrimonio que nos legaram; herança que bem administrada nos podia fazer felizes.

Tudo isto, Senhores, são grandes verdades, tristissimas verdades, que nunca será demais lembrar e repetir. E' com a lembrança dos passados erros que nos havemos de emendar; é descobrindo e sondando a chaga que lhe havemos de conhecer a extensão e profundidade. Não foi n'esta ou n'aquella sciencia, n'um ou n'outro ramo de industria que ficamos atrasados litteralmente de seculos; não foi aquella ou aquell'outra classe que, por motivos especiaes, se deixou permanecer na abjecção e na incultura das proprias faculdades. Foi tudo e em toda a parte; desde o povo que não tem culpa até aos que o dirigiram que a tem toda; de cima abaixo o edificio social está inteiramente arruinado. Quem o quizer levantar, es-

culpa de se illudir, hade bulir-lhe nos fundamentos, preparar novo plano, lançar uma base solida ás reformas urgentissimas. Querer rebocal-o é alluil-o mais, e expôr-se a sinistros inevitaveis.

Se o movimento litterario e scientifico que começou a despontar no seculo quinze se não tivera suspendido, em consequencia de numerosas causas que não é para aqui analysar, é provavel que não estivessemos hoje no estado lamentavel de decadencia que nos deshonra. Tudo se poderia fazer com mais suavidade, havia tempo e terreno preparado; as cousas não aterravam os homens; nem a consciencia se affligia em presença dos acontecimentos. Assim, é necessario muito comedimento, e prudencia acertadissima; entenda-se porém que não descaia em corbarde irresolução. N'este ponto são todos accordes.

Digamos pois, em consequencia de todas estas considerações, que se o adiantamento que desejamos se não effec-tua á nossa vontade, nem todas as culpas devem ser imputadas á epocha que atravessamos.

Entrando agora em casa, e para fallarmos do que mais de perto nos importa, é certo que a Pharmacia estivera em Portugal muito mais adiantada, e a Classe padecendo menos nos seus interesses profeccionaes e scientificos, se o passado lhes não tivesse sido tão contrario, se os poderes publicos tivessem olhado com mais benevolencia para a nossa desgraçada situação. A Sociedade não ignora o fim para que foi creada; e pôr em relevo todos esses males, indical-os ao Governo, esclarecel-o sobre o remedio preciso, é a missão principal que temos de cumprir.

Ha espiritos demasiadamente scepticos, cujo officio consiste em laborar n'uma perpetua dubitação; e por isso não admira que tambem contestem affincadamente a utilidade das Associações scientificas. Aos taes parece dirigir-se aquella regra dos nossos Estatutos, que impõem ao Presidente a obrigação de demonstrar, n'esta Sessão Solemne, o que ellas teem de fecundo e essencialmente progressivo. No meu antecedente discurso, e em similhante

dia, disse eu que a maior prova da excellencia das Associações scientificas era a vossa presença n'este recinto, a fraternidade que reina na Classe por todo o Reino, a duração da nossa Sociedade a pesar dos tempos e da cousas, que tão fataes tem corrido para estas amenas palestras. Eu não desejo encarecer e exaggerar os serviços que temos prestado á Nação, mas cuido ficar nos limites da verdade e da justiça, affirmando que essas poucas reformas e melhoramentos que a Pharmacia Portugueza tem obtido, a esta Sociedade as deve sem contestação. Não foi ainda por certo quanto se poderia haver alcançado; continuando porém as nossas diligencias e esforços, teremos de obter o que de justiça nos compete.

O principio de Associação é de si tão poderoso e fecundo, que so por virtude d'elle terá de progredir a civilização dos povos. Assim como para levar a cabo uma grande empreza material não é bastante um so homem, se não muitos, concentrando todos a sua intelligencia no pensamento commum, alimentando a obra com os capitães reunidos, empregando simultaneamente todos os braços e machinismos; assim tambem, para qualquer empreza de ordem superior, no puro dominio intellectual, não basta para terminal-a o genio de um so homem por extraordinario e excepcional que seja; se não a reunião de todos os talentos, os esforços congregados de todos os engenhos, o harmonico systema que resulta da combinação de todas essas forças. Tem-se visto homens de capacidade superior, a que a Providencia concedeu uma intellectualidade incomparavel, tomarem conta da civilização de um povo, dirigil-a a seu modo, imprimir-lhe um movimento no sentido das suas glorias e ambições; e morrerem satisfeitos e contentes, cuidando ter levado esse povo ao summo grau da perfeição compativel com a epocha.

Mas o homem é pequeno e finito, e a humanidade é infinita; o poder do homem estreito e limitado, e a perfeição constante, indefenida e sem limites. O homem tem o seu prazo marcado no tempo e no espaço, e a civilização progride sempre no tempo e no espaço incommensu-

raveis, sem que haja quem possa bradar-lhe «até aqui e não mais.» A Providencia assignou-lhe tão largos horisontes, que a intelligencia humana se amesquinha em contemplal-os e comprehendel-os.

Assim é na sciencia. Aristoteles resume-a toda, e fica sendo o oraculo scientifico dos Gregos. Moral, politica, methaphysica, historia natural, o mundo das cousas, e o mundo das ideias, tudo comprehendeu aquelle altissimo engenho; tudo creou nas suas divinas concepções. Por muitos seculos a reverencia aos principios do philosopho de Stagyra foi a primeira lei das Escolas; os seus livros eram os do ensino; contrarial-os fóra commetter uma herezia atroz e imperdoavel. E por fim quem se lembra hoje de seguir e adoptar as doutrinas de Aristoteles! Os tempos correram, a sciencia aperfeicoou-se progressivamente, até deitar por terra aquella absurda idolatria.

Chamai-lhe Aristoteles, Plinio, Santo Agustinho, Abeillard, Luthero, Linneo, Voltaire, Newton ou Humbold; é sempre a mesma cousa: astros luminosos e resplandecentes ficam brilhando na eternidade da historia, mas nenhum consegue pôr um termo á perfectibilidade indefinida da sciencia. Como esses planetas de primeira ordem, cuja luz intensa e amena os designa logo ao pasmo e admiração dos homens, assim esses genios extraordinarios vivem na memoria da humanidade, maravilhando-a com o esplendor das suas altas concepções e prodigiosas descobertas.

As Associações scientificas atrahem e estimulam esses notaveis engenhos. E' uma de suas mais bellas e formosas prerogativas. O pensamento isolado pode remontar ás maiores alturas da especulação; voar livremente pelos espacos da analyse, arrojarse á empreza dos mais atrevidos descobrimentos; descortinar horisontes novos e regiões ignoradas; mas, como diz Laplace, a natureza é de tal sorte variada nas suas produções, e nos seus phenomenos, é tão difficil penetrar-lhe as causas, que para a conhecer e forçal-a a revelar-nos as suas leis, é necessario que um grande numero de homens reunam as suas luzes

e os seus esforços. Esta reunião torna-se principalmente necessaria, quando o progresso das sciencias, multiplicando os seus pontos de contacto, e não permittindo ja a um so homem profundal-as todas, é so do concurso de muitos sabios que ellas podem receber os auxilios que mutuamente se prestam.

¿ Qual seria hoje o engenho capaz de desempenhar todas as sciencias em toda a sua extensão; qual comprehender uma sequer com aquella profundidade e relações a que o espirito humano tem levado o seu adiantamento? E' ja um prodigio quando se possuem perfeitamente todas as noções geraes, necessarias para se entrar no atrio de qualquer d'ellas. O estudo aturado, a diligencia, a facilidade, chegam a maravilhar-nos em certas organizações predestinadas; mas é so no centro das Sociedades scientificas, n'esse foco intenso dos conhecimentos humanos, que as sciencias adquirem o espirito philosophico, a força de irradiação com que illuminam e conduzem a humanidade.

O homem vive de estímulos, e necessita de animação. O amor proprio irrita-se e move-se com os premios e exemplos; e d'estes, os mais invejaveis, são incontestavelmente os que conferem as Associações scientificas. O sabio recolhido no seu estreito gabinete, vivendo como um cenobita do alimento espirital, entregue aos livros, seus amores, e á meditação, sua melancolica companheira; inquirindo e profundando os mais difficultosos problemas da sciencia, bem depressa cahiria n'essa prostração moral do pensamento, que tantas vezes succede aos trabalhos forçados do espirito, se uma luz brilhante lhe não viesse allumiar a esperança, de que os seus trabalhos haviam de ser comprehendidos e propagados, e o seu nome escripto na lista gloriosa dos bemfeitores da humanidade. Com esta estimulação constante recolhe-se de novo alegre ao recinto sagrado das suas meditações, concentra todos os esforços da sua intelligencia, redobra se é possivel todas as suas faculdades, e dá-se por feliz se no cabo de tantas fadigas, a sua obra é devidamente avaliada pelos seus ir-

mãos na sciencia, por todos esses cuja approvação aprecia tanto, que não duvidam gastar a maior parte da sua vida, e quantas vezes a propria saúde, somente em vistas d'essa corôa gloriosa que elles lhe hão de tributar.

A natureza humana é de si tão inferma e achacosa, que a par das mais bellas e formosas qualidades, com que a Providencia a ennobreceu, sempre revela em suas acções o fragil barro de que foi extrahida. Não ha invento ou descoberta, por maiores que sejam os seus resultados em beneficio da civilisação, por mais evidente que se patente a sua utilidade nos progressos do espirito humano, que não sejam logo contrariados pela inveja das mediocridades, ou pelo esterilismo da rotina. Os preconceitos de todo o genero alevantam-se audazes e enfurecidos contra a introdução da ideia nova, e tentam por todos os meios suffocal-a ainda no berço. Guerra cruel, em que é preciso ser dotado de uma coragem sobre-humana, para não succumbir; em que é mister ter a fé robustecida para não deixar soçobrar a consciencia no pelago de tão variadas contradicções. Galileu, de que ja vos fallei, teve de jazer em carcere duro, até renegar a mais fecunda convicção a que tinha chegado a sua vasta intelligencia.

A Theologia não ficou satisfeita, em quanto o velho astronomo não queimou por suas proprias mãos o livro heretico condemnado ao fogo expiatorio. E todavia Galileu tinha razão; a terra movia-se bem contra vontade dos novos phariseus, e apesar da sentença absurda dos doctores. Harvey descobriu a circulaçào do sangue, e provou experimentalmente a sua descoberta. E' hoje uma ideia que até podeis encontrar nas mais rudes intelligencias. Pois na epocha d'aquelle grande Medico levou muito tempo para ser recebida; deu motivo a longuissimas dissertações em sentido contrario; crivaram o auctor de aleives e epigrammas; até chegou a ser proscripta pela sabia Academia de Paris. Formaram-se as seitas dos circulistas e dos não circulistas, e não sei se, no furor da contenda, conta a historia, que vieram aos argumentos de facto. Nota-

veis contradicções. Harvey tinha annuciado a verdade; e a verdade ficou na sciencia.

No centro das Associações scientificas estas rivalidades consentem-se unicamente em beneficio do progresso, são apenas excitadas pelo amor da humanidade. Os preconceitos fogem da luz que ellas derramam, como a ave nocturna que se apraz nas ruinas; e a sciencia pura e sublimada pelo embate das opiniões irradia do seu foco, para se derramar com auctoridade por todas as classes. So as Associações scientificas podem emprehender as grandes series de observação e experiencias, que seria oneroso para um so homem tentar e levar a effeito. So ellas podem dispôr dos grandes meios, unir os differentes esforços, dar-lhes o systema adequado, para que venham a ter os resultados practicos, dignos de applicação. Somente ás Associações scientificas é permittido elevar o nivel dos conhecimentos humanos até á ideia generalisadora de um systema philosophico; ellas somente lhe podem imprimir o character positivo de verdade incontestavel.

Eis-ahi as vantagens das Associações scientificas. Eu não digo que a nossa Sociedade tenha prehenchido todas estas indicações; nem o tempo da sua duração, nem os meios de que dispõe o houveram permittido. E' para sentir, que a par da auctoridade innegavel de que goza, não possua ao mesmo tempo a influencia necessaria para inaugurar as reformas e melhoramentos de que toda a Classe carece.

Na parte scientifica precisamos de uma Escola especial, onde a Pharmacia seja ensinada com toda a proficiencia e desenvolvimento, que tem adquirido nos paizes estrangeiros. A Sociedade ja por mais de uma vez a tem reclamado, e o Governo não pode por mais tempo differir justiça a tão razoavel reclamação. O estado actual não é possivel permanecer; é um estado provisorio que tem todos os inconvenientes das providencias parciaes. Em quanto uma lei geral, benefica, e generosa não regular, conforme os principios da equidade, o ensino das doutrinas pharmaceuticas, e o exercicio profissional, não é possivel remo-

ver os prejuizos innumeraveis, que a Classe está soffrendo, nem adquirir aquella consideração publica a que ella tem direito pelos serviços que diariamente presta no exercicio das funcções. A existencia de duas Classes de Pharmaceuticos, de origem completamente diversa, é um d'esses anachronismos que ja não podem soffrer as luzes do seculo actual. Se todos hão de vir a gozar das mesmas vantagens e cathegoria, tenham todos a mesma procedencia, eguaes estudos, identicas habilitações.

Um sabio Professor da Universidade de Coimbra dirigiu pela imprensa algumas observações ao discurso do vosso Presidente, pronunciado no anno preterito. N'ellas pretende o illustre Professor mostrar a conveniêcia de duas Classes de Pharmaceuticos, maiores e menores; mais e menos habilitados, com mais e menos estudos; classes que assim formadas naturalmente tinham o seu destino para o exercicio dos campos, e para o exercicio das cidades, para a gente rica e abastada dos grandes centros da civilisação, e para a gente pobre e necessitada das villas e das aldeias. O vosso Presidente não conhece nada de mais prejudicial do que a propagação de similhantes ideias; ha n'este principio duas injustiças flagrantes, contra que nunca será demais reclamar a attenção da nossa Sociedade. ; Em que direito publico fundamentar a habilitação scientifica differente de dous individuos que teem de exercer a mesma profissão, com equal sciencia, e a mesma auctoridade, posto que não gozem de eguaes prerogativas? ; Pois a Pharmacia será por ventura um d'esses commercios de drogaria, para exercer os quaes as leis não exigem nenhuma habilitação? ; Ou haverá duas Pharmacias, uma dos sabios, outra dos ignorantes, uma dos que aprendem regular e scientificamente, outra dos que devem ficar nos primitivos rudimentos? ; Não será para todos a sciencia uma, a practica a mesma, e por consequente exigindo eguaes doutrinas preparatorias? ; E depois com que pretexto crear tão funesta desigualdade? ; Quando todas as cousas d'este mundo caminham para o equilibrio da fraternidade christã, é deshumano, é cruel, fazer uma Me-

dicina para os pobres e outra para os abastados; inventar um sabio para servir os ricos, e sujeitar os pobres á ignorancia. Isto tudo é de si tão evidente e clarissimo, é de si tão eminentemente moral e civilizador, que admira como tenha sido proposta a providencia de que fallamos.

Não. Haja uma so Eschola de Pharmacia. O Reino não pode com mais, mas pode com ella, e precisa d'ella. Haja uma so Classe de Pharmaceuticos, com as mesmas habilitações e as mesmas prerogativas, podendo exercer onde mais lhes convier, onde forem reclamados pelas necessidades dos povos. Assim desaparecerá essa desigualdade absurda, essa distincção anachronica, que repugnam ao bom senso, e contra que se revoltam todos os espiritos bem formados. Assim ha de acabar tambem a lepra do charlatanismo, que, se não deshonra a classe, a desconceitua na pessoa de alguns de seus membros. Quando as folhas periodicas estiverem limpas d'esses xaropes e panacéas, que curam todas as enfermidades; quando não dermos pelas esquinas com esses annuncios repugnantes de elixires universaes, quando a tizana secreta, pomposamente aclamada, não attrahir o publico crendeiro á officina do charlatão, tende por certo que acabou de toda aquella immoralidade official, e que a Pharmacia subio no paiz ao grau de consideração, que effectivamente merece.

A' Sociedade Pharmaceutica incumbe o poderosissimo dever de tomar em mão todas estas questões, e resolvellas conforme a sciencia e o bem da humanidade; ao Governo importa realisar as reformas a que a solução do problema houver chegado.

Senhores, antes de levantarmos esta Sessão, desejo lembrar-vos o vosso Monte-Pio. Esta instituição não carece de elogios: todos estais penetrados da sua importancia; e por consequente permitti que me limite a esta simples recordação.

Senhores, é tão grande este dia para nós todos, que não duvido prescindir das formulas ordinarias, propondo-vos solemnial-o com um acto que vos deve attrahir a maior consideração. Sabeis que existe em Lisboa uma So-

cidade, toda composta de Senhoras, cujo fim consiste unicamente em consolar os afflictos. Esta Sociedade escreveu-me como a vossa Presidente, pedindo-me o auxilio da vossa cooperação em favor das miserias que ella deseja alliviar. Entre os muitos desgraçados, cujos soffrimentos a Sociedade Consoladora dos Afflictos pertende diminuir, existem alguns, que, a par das miserias que padecem, jazem ainda n'um deploravel estado de saúde. A Sociedade, por suas diligencias, ja os proveu dos soccorros da Medicina, falta-lhes porém a esmola da Pharmacia, e é essa, que, em nome da pobreza, a Sociedade nos vem pedir. Escuso encarecer-vos a excellencia das virtudes que adornam as pessoas da Sociedade Consoladora, e tenho para mim que não appellaram em balde para a nossa caridade. O obolo que derdes aos pobres, por intermedio de tão virtuosas mãos, está certo que vos reverterão em bençãos de anjos sobre vossas fortunas e familias. — Disse.

Sendo 6 horas e meia fechou o Sr. Presidente a Sessão Solemne Anniversaria.

S. A. E. da Silva,
2.º Secretario.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 423, de 31 de Julho de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

A's 7 horas da tarde foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta da antecedente. Eguamente foi lida a Acta do Conselho Administrativo.

O Sr. 1.º Secretario informou a Sociedade de terem os Pharmaceuticos das Caldas da Rainha sido intimados, pelo Contracto do Tabaco, para irem comprar sabão hespanhol aos Estancos.

Os Srs. J. Tedeschi e Pereira d'Azevedo deram algumas explicações sobre a maneira pouco propria como se pretende fornecer aos Pharmaceuticos o referido sabão, e relataram o que se tem passado em Lisboa.

Fallaram ainda sobre este assumpto os Srs. Telles Senior e J. D. Corrêa; approvando-se, por proposta do Sr. J. Tedeschi, que se pedisse ao nosso Delegado nas Caldas da Rainha para obter uma certidão da intimação, no caso d'ella ter sido feita legalmente, para depois a Sociedade resolver como julgar conveniente.

Approvou-se que as Lições de Philosophia Chymica, feitas pelo Sr. Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho, de Coimbra, fossem remetidas ao nosso Membro Honorario, o Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, para dar sobre ellas o seu juizo critico.

O Sr. J. Tedeschi declarou que na Gazeta Medica do Porto, do mez de Junho ultimo, se encontra um juizo critico sobre a Pharmacologia Geral do Sr. Dr. B. A. Gomes.

O Sr. Telles Junior chamou a attenção da Sociedade sobre um artigo que vem no Jornal de Chymica Medica de Paris, ácerca do modo de tirar o cheiro ao balsamo de copaiva por meio do acido sulphurico, e prometeu occupar-se d'este assumpto n'uma proxima Sessão.

Procedeu-se á eleição dos Funcionarios da Sociedade, na conformidade do Art.º 14.º dos Estatutos; e ficaram votados para Presidente, o Sr. A. Carvalho — 1.º Vice-Presidente, o Sr. J. D. Corrêa — 2.º Vice-Presidente, o Sr. J. Tedeschi — 1.º Secretario, o Sr. H. J. S. Telles — 2.º Secretario, V. Tedeschi — 1.º Vice-Secretario, o Sr. J. J. Queiroz — 2.º Vice-Secretario, o Sr. M. V. Jesus — Thesoureiro, o Sr. F. F. Assis — Vice-Thesoureiro, o Sr. J. N. Barbosa — Bibliothecario-Archivista, o Sr. J. F. Silva — Vice-Bibliothecario-Archivista, o Sr. J. F. Norberto — 1.º Operador, o Sr. J. A. Rodrigues — 2.º Operador, o Sr. I. C. Azevedo — 3.º Operador, V. Tedeschi — e Substituto da Commissão de Chymica, o Sr. M. A. Abreu.

Para as Commissões — de Saúde Publica, os Srs. J. M. Ogando, F. F. Assis, J. M. Barral, e A. G. Alves — de Pharmacia, os Srs. J. D. Corrêa, M. V. Jesus, J. M. L. Belém, e A. D. Villa-Nova — de Physica, os Srs. N. J. G. Souto, J. C. Oliveira, e J. M. Botto — de Historia Natural, os Srs. J. J. S. Telles, J. P. Azevedo, S.

gencia, e convidou a Commissão de Direito Pharmaceutico a dar sobre ella o seu parecer.

V. Tedeschi apresentou um juizo critico ácerca de diversos artigos d'alguns Jornaes Nacionaes e Estrangeiros. — Ficou para segunda leitura.

A's 9 horas e meia da noute fechou-se a Sessão.

Vicente Tedeschi,
2.º Secretario.

Monte-Pio Pharmaceutico.

Assembléa Geral.

Acta n.º 17, de 17 de Julho de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 8 horas da tarde abriu o Sr. Presidente a Sessão.

Foram presentes á Assembléa Geral as Contas do Conselho Administrativo, respectivas ao 16.º anno economico.

O Sr. Oliveira Senior lembrou que, para não haver demora, a Assembléa se constituísse em Commissão do Exame das Contas que acabavam de ser apresentadas.

O Sr. Presidente, depois de consultada a Assembléa, declarou suspensa a Sessão, para os Socios que quizessem examinar as referidas Contas do Conselho; e depois de passado um certo espaço de tempo, annunciou que a Sessão continuava.

Alguns dos Socios presentes declararam ter achado as Contas conformes e exactas, e o Livro do Cofre regular.

O Sr. Presidente poz á votação as Contas da gerencia do Conselho Administrativo, respectivas ao 16.º anno economico, que foram unanimemente approvadas.

O Sr. Thesoureiro, F. J. R. Loureiro, disse que tendo o Cofre em effectivo o sufficiente para se comprarem mais duas Inscriptões da Junta do Credito Publico, de 100\$000 réis com o juro de 5 por cento, pedia á Assembléa auctorisasse a dita compra se assim o julgasse conveniente. — A Assembléa approvou esta indicação.

O Sr. Presidente consultou a Assembléa se, para o pro-

ximo futuro anno economico, se devia continuar a pensão á Viuva D. Rosa Balbina de Sousa Pereira. — *Approvedo.*

O Sr. Thesoureiro requereu que, em attenção ao extraordinario serviço prestado pelo Continuo, a Assembléa lhe mandasse dar uma gratificação.

Depois d'alguma discussão, a Assembléa deliberou conceder ao Continuo a gratificação de 4\$800 réis.

O Sr. J. D. Corrêa requereu, que estando a Assembléa bastante numerosa, se procedesse á Eleição dos Funcionarios para o 17.º anno economico.

Posto á votação este requerimento foi *approvedo*; e havendo na Assembléa alguns Socios pedido que continuem os Funcionarios do anno findo, o Sr. Presidente consultou a mesma Assembléa se dava como reeleitos os actuaes Funcionarios, o que foi *approvedo*.

Lida a Acta da presente Sessão, foi *approveda* e assignada pelos Membros da Mesa.

A's 9 horas e meia da noute levantou-se a Sessão.

Conselho Administrativo.

Acta n.º 25, de 17 de Julho de 1851.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

A's 6 horas da tarde, reunida a maioria do Conselho Administrativo, declarou o Sr. Presidente aberta a Sessão.

O 2.º Secretario fez a leitura da Acta da precedente Sessão.

O Sr. Loureiro, como Thesoureiro, apresentou as Contas documentadas, respectivas ao 16.º anno economico; sendo a Receita de 173\$189 réis, e a Despesa de 44\$400 réis, e o Saldo de 128\$789 réis: havendo mais em cofre 1:400\$000 réis em Inscriptões de 5 por cento, da Junta do Credito Publico.

O Conselho, examinando os referidos documentos, confrontando-os com as respectivas verbas lançadas no Livro do Cofre, achou as contas legaes e dignas d'approvação para serem apresentadas na Assembléa Geral.

O Sr. Thesoureiro apresentou um maço com 2 Diplomas e 70 recibos de Membros fallecidos e despedidos, na importancia de 51\$000 réis; que lhe foram abatidos na sua conta, e mandados archivar.

Ficam em poder do mesmo Sr. Thesoureiro, 3 Diplomas e 335 recibos.

O Conselho accordou que, na presente Acta, se declarasse terem sido approvadas (no anno proximo passado) as Contas apresentadas pelo Sr. Thesoureiro, respectivas ao 15.º anno economico.

O 2.º Secretario leu a Acta da presente Sessão, que foi approvada, e em seguida assignada por todos os Vogaes do Conselho.

A's 7 horas e um quarto fechou-se a Sessão.

S. A. E. da Silva,
2.º Secretario.



SAÚDE PUBLICA.

Relatorio ácerca dos ensaios com o assacú, no tractamento de 15 doentes do Hospital dos Lazaros; feito pela Commissão nomeada pelo Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

A Commissão nomeada, por deliberação do Conselho da Faculdade de Medicina, em 18 de Dezembro de 1849, para ensaiar o assacú no tractamento dos doentes do Hospital dos Lazaros, vem perante este Conselho dar conta da missão de que fôra encarregada.

Esta Commissão, composta dos Doctores Azevedo, Paes, e Macedo, começou os seus trabalhos no dia 12 de Maio de 1849, o que não havia antes podido levar a effeito por julgar impropria a estação que corria muito invernososa.

Intenderam os Membros da referida Commissão que se deviam formular os preparados do assacú com a maior simplicidade possivel, para que a acção d'esta substancia não fosse alterada por outro qualquer medicamento, e

a fim de que os seus effeitos fossem legitimos e mais significativos, para melhor se poderem avaliar. Tambem julgaram poder formular os preparados do leite e casca do assacú em pequenas doses, por isso que esse medicamento é novo, cujos effeitos therapeuticos não haviam sido estudados no nosso Paiz.

Reconhecendo a Commissão, encarregada dos ensaios therapeuticos do assacú, quanto convinha auxiliar-se com os conhecimentos relativos á botanica e analyse chymica do assacú, fez as devidas diligencias para obter estes esclarecimentos, que não poude conseguir por causa de obstaculos que ocorreram.

O primeiro periodo da applicação dos preparados do assacú (*hura brasilensis*, Martius) durou desde 12 de Maio até meado de Agosto de 1849, e não foi possivel prolongar-se como convinha, por se ter acabado o leite e casca do assacú; o que a Commissão participou ao Ex.^{mo} Prelado em Officio datado de 17 de Agosto do referido anno, para que este desse as necessarias providencias. Este periodo comprehende os sete primeiros doentes de que fazem menção os diarios, na maior parte d'estes doentes observámos o melhoramento notavel no estado da sua molestia; as tuberosidades diminuiram em numero e no seu volume, tornaram-se menos consistentes e mais circumscriptas; as manchas reappareceram, umas e outras se tornaram menos salientes e descoradas, approximando-se da cor natural da pelle. Cicatrizaram as ulceras, e os doentes não só recuperaram grande parte da sensibilidade cutanea, que haviam perdido, mas até lhes nasceu algum cabello, sobrancelhas, pestanas, &c. No 4.^o e 5.^o doentes estas melhoras subiram de ponto, desappareceram todas as tuberosidades por resolução, deixando apenas n'alguns pontos ligeiras nodoas, que pouco se distinguiam do resto da pelle, que estava normal; recuperaram estes doentes a sensibilidade cutanea, e a physionomia se lhes compoz por forma, que pareciam estar curados.

O doente n.^o 4 conservou estas melhoras até que entrou no segundo periodo de tractamento, e o doente n.^o 5

foi observado por um dos Membros da Commissão no dia 23 do corrente mez, e notou então que o referido doente conservava as melhoras, que tinha obtido, apesar de não ter seguido regimen hygienico, e de se ter exposto ás intemperies das estações; porque sendo jornalista tem vivido sempre do seu trabalho. A maior parte dos outros doentes recahiram passado pouco tempo, e não so perderam as melhoras que haviam obtido, mas a molestia continuou a manifestar os seus estragos.

O 2.º periodo de tractamento pelo assacú, e que durou desde os principios de Março até fins de Junho de 1850, comprehendendo maior numero de doentes, alguns dos quaes ja haviam tido parte no 1.º periodo de tractamento, não foi todavia tão bem succedido como o primeiro. Houveram melhoras n'alguns doentes, como nos n.ºs 4.º, 8.º, 12.º e 14.º, porém tão lentas foram estas, que sendo apreciadas no fim do tractamento, deram pequenos resultados, em que n'outros doentes como nos n.ºs 6.º, 9.º, 12.º e 15.º; a molestia parecia estacionaria e mostrando-se no fim do tractamento quasi no mesmo estado, em que estava no começo. Em fim nos doentes 1.º, 11.º e 13.º, a molestia progrediu e seguiu o seu desinvolvimento, a respeito do tractamento applicado.

Comparando os resultados obtidos no 1.º e 2.º periodo do tractamento, nota-se que os effeitos curativos do assacú foram mais energicos no primeiro do que no segundo caso; apesar de que as circumstancias, que acompanharam um e outro tractamento, foram os mesmos exceptuando os seguintes. 1.º, o assacú de que se fez uso no primeiro tractamento, foi obtido da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e esta o havia recebido do Pará por via do Pharmaceutico José Acurcio Cavalleiro de Macedo, e o leite do assacú se achava misturado com alcohol de 33º (Cartier), partes eguaes do leite e alcohol. O assacú, de que se usou no segundo tractamento, foi remettido á Faculdade de Medicina por José Coelho d'Abreu, residente no Pará, e o leite havia sido preparado pelo Pharmaceutico Vicente Tedeschi, segundo o processo de Appert, e

foi misturado aqui com alcohol de 34° (Cartier) partes eguaes do alcohol e leite do assacú. 2.°, devemos tambem advertir que o estio de 1850 foi mais ardente que o do anno antecedente; o que durante todo o mez de Junho de 1850 os doentes não tinham confiança no assacú, e n'alguns doentes custou a vencer a repugnancia que manifestavam em continuar no uso d'este remedio.

Para avaliar melhor os resultados da applicação do assacú, e reconhecer até que ponto este poderia influir no desinvolvimento das molestias, de que foram victimas os doentes n.ºs 1.º e 13.º, será conveniente referir as alterações que tiveram logar nas funcções da economia animal, durante o referido tractamento.

1.º Em quasi todos os doentes, sobre tudo no segundo periodo de tractamento, notámos mais ou menos abatimento geral de forças — pulso molle e pequeno, apezar de terem dietas restaurantes.

2.º Em todos os doentes houve maior ou menor resentimento de vias gastricas que se manifestava por um ou mais dos seguintes symptomas, nauseas, vomitos, afflicções, dôr no estomago, dôres vagas no abdomen, algumas vezes diarrhea, &c.; symptomas de pouca duração, mas que se repetiam com frequencia, e que na maior parte dos casos não eram acompanhados de reacção febril, sede ou alteração na lingua, que indicasse inflammção no estomago ou intestinos. Pareceu-nos por tanto, que a alteração, causada por este agente nos orgãos digestivos, tinha um modo de ser particular, e não era uma irritação franca.

3.º O sangue, quer extrahido por via das sangrias geraes, quer das sangriasugas ou hemorrhagias, era solto e descorado; o coagulo pouco consistente, predominando a parte sorosa. Devemos porém advertir que encontrámos esta alteração n'outros doentes, que padeciam a mesma molestia e não usavam do tractamento do assacú.

4.º Nas secreções não notámos preversão; o suor poucas vezes se manifestou que não fosse promovido pelos banhos geraes, todavia a pelle se conservava flaccida na maior parte dos doentes.

5.º A applicação externa da pomada do leite d'assacú produziu constantemente, e no espaço de poucos dias, uma erupção miliar com rubor, calor, prurido, e algumas vezes dôr; esta erupção se tornava confluyente, quando a applicação do assacú se continuava depois do seu apparecimento. Logo porém que cessava o uso da referida pomada, todos estes symptomas se desvaneciam, e estas tuberosidades ou manchas, sobre que se tinha applicado a pomada, se tornavam menos consistentes, mais macias ao tacto e desmaiadas de côr, approximando-se mais ou menos da côr natural da pelle; outras vezes porém recuperavam estas partes o estado anterior ao uso da referida applicação; e outras em fim as tuberosidades resolviam ou se fendiam, e depois de suppurarem por algum tempo, cicatrizavam deixando cicatrizes mais ou menos regulares.

6.º A applicação da referida pomada (misturada com ceroto simples) sobre as ulceras, tornava estas sanguinolentas, os seus bordos callosos se adoçavam, e melhorava seu aspecto por forma, que em breve se lhe conhecia tendencia para a cicatrização; outras vezes porém, ainda que menos, as ulceras se conservavam estacionarias ou se irritavam e tornavam dolorosas.

Os preparados do assacú, applicados topicamente, teem acção irritante; porque todas as vezes que eram postos em contacto com os nossos tecidos, se manifestavam os symptomas que caracterizam o estado inflammatorio; mas estes effeitos immediatos teem um caracter especial, por que a inflammção tomava quasi sempre a forma miliar. Os effeitos therapeuticos mais especiaes nos parecem ainda; porque quando este agente se applicava sobre as tuberosidades ou manchas elephantiacas, bem longe de augmentarem a molestia cutanea, com este trabalho inflammatorio, pelo contrario minorava o estado phlegmatico das tuberosidades e manchas.

¿ Como obra internamente o assacú? ¿ Será tambem causando uma e outra molestia que neutralise a elephantiaça? Não nos parece provavel, porque n'alguns doentes não observámos signal algum de novo padecimento; todavia a

molestia elephantiaea melhorava, a olhos vistos, em quanto que n'outros doentes a applicação do assacú era seguida de encommodos morbosos, e o doente não melhorava da elephantiasis.

Como porém as molestias elephantiacas, ainda que representam especialmente na pelle, parece dependerem d'uma yiciação geral, quer de liquidos quer de solidos da economia animal; poderá ser que o assacú vá alterar esse modo de ser da economia animal, destruindo essa yiciação. Todavia isto não passa d'uma conjectura, porque os effeitos therapeuticos do assacú não podem explicar-se pelas alterações funcionaes que deixamos descriptas, e que observámos da applicação do assacú. Parece-nos por tanto provavel, que os preparados do assacú teem a virtude de modificar as condições organicas, que dão logar aos symptomas da elephantiasis; será porém permanente e completa esta modificação? não o podemos decidir em quanto não possuirmos maior copia d'observações. Dos ensaios que havemos feito em 15 doentes, tractados com o assacú, so podemos deduzir, que esta substancia não é innocente, antes tem acção muito energica sobre a economia animal, e deve por isso ser applicada com summa prudencia: qual seja porém o logar que lhe compete nas classificações pharmacologicas, e quaes as doses em que deva applicar-se com maior proveito, é ponto de summo interesse, que não pode ser bem tractado em quanto se não obtiver maior numero de factos. Será esta substancia mais prejudicial do que proveitosa no tractamento da elephantiasis? Pelo que observámos, nos doentes tractados pelo assacú, e pelas alterações que este produziu nas funcções da economia animal, não podemos concluir que o assacú seja mais prejudicial do que proveitoso; houve todavia dous casos funestos nos 15 doentes, a que se applicou o assacú, mas resta saber se este resultado foi devido ao assacú.

O 1.º doente soffreu todas as applicações do assacú no 1.º periodo de tractamento, sem que se podesse apreciar no seu estado de saúde incommodo notavel, antes obteve me-

lhoras na molestia elephantiaea, no segundo periodo, em que o tractamento pelo assacú foi menos energico e menos prolongado, do que o primeiro, e do que aquelle que n'essa mesma epocha se applicou a outros doentos; a elephantiasis, não estacionou com este tractamento, antes progrediu nos seus estragos, e o doente morreu victima d'uma gastro-enterite de character tiphoides, que sobreveio ao doente, quando ja não estava no uso do assacú por espaço de 15 dias. Devemos tambem notar, que, segundo as observações de Rayer e outros Dermatologistas, na elephantiasis dos Gregos, a existencia dos doentes é algumas vezes terminada por affecções gastro-intestinaes, sobre tudo nos ultimos periodos d'aquella molestia, ainda mesmo quando não teem sido tractados pelo uso dos purgantes ou medicamentos irritantes.

O 2.º doente somente depois que se julgou inteiramente curado d'uma gastrite, que soffreu, é que se lhe applicaram apenas duas onças de cosimento de casca de assacú (n.º 153) misturado com uma onça de cosimento de cevada e grama (n.º 38), e esteve somente 15 dias n'este uso, em cujo se não manifestou signal algum d'irritação no estomago ou intestinos, nem se notou mudança apreciavel na lingua, ainda mesmo depois de passado algum tempo que havia cessado a referida applicação do assacú; antes todos os symptomas, que appareceram, foram continuação dos anteriores, que pareciam caracterisar uma febre adynamica, de que o doente foi victima.

As lesões anatomicas, que observamos na autopsia d'estes dous cadaveres, indicam não so que o tubo digestivo padecia gravemente, mas que outros muitos órgãos padeciam conjunctamente com os digestivos, e algumas de suas alterações nos pareceu serem anteriores á applicação do assacú.

A circumstancia de senão encontrarem lesões especiaes, que podessem ser attribuidas ao uso do assacú, colloca esta Commissão na impossibilidade de poder decidir se por ventura elle teve alguma parte no resultado funesto d'estes dous casos.

Conhecendo esta Commissão quanto convinha variar os methodos de applicação do assacú, não o pode effectuar como desejava; porque, começando por aquelle, que julgou philosophico e prudente, pertendia depois empregar o methodo que usaram no Pará, a fim de conhecer, se, como agente perturbador, os effeitos therapeuticos do assacú seriam mais energicos: todavia julgou prudente não ensaiar este methodo, em attenção ao estado moral dos doentes, por isso que a descrença em que elles cahiram, a respeito dos effeitos salutaes do assacú, não dava cabimento á sua applicação em altas doses n'esta occasião. Tambem não tentou, bem que a seu pezar, a applicação do assacú nos animaes, porque não tinha meios á sua disposição para levar a effeito estes ensaios. Coimbra, 24 de Dezembro de 1850. — Dr. João Alberto Pereira d'Azevedo. — Manuel Paes de Figueiredo. — José Ferreira de Macedo Pinto, Relator.

*Formulas que se empregaram no tractamento, que conti-
nham assacú, a que se refere o Relatorio supra.*

N.º 151. R.º Leite d'assacú meio grão,
Extracto d'alcaçús tres grãos.
Faça uma pilula.

N.º 152. R.º Leite d'assacú uma oitava,
Ceroto de spermaceti seis ditas.

N.º 153. R.º Casca d'assacú, cortada e con-
tusa duas oitavas.
Ferva em dez onças d'agua até reduzir a
seis; cõe.

N.º 156. R.º Ao n.º 152 ajuncte mais — Lei-
te d'assacú uma oitava.

N.º 157. R.º Casca d'assacú, cortada e con-
tusa meia onça.
Ferva em uma libra d'agua até reduzir a
onças oito.

N.º 159. R.º Ao n.º 151 com dobrado leite.

N.º 160. R.º Casca d'assacú, cortada e con-
tusa. doze onças,
Faça cosimento para libras seis.

N.º 171. R.º Ao n.º 159 ajuncte mais —Lei-
te d'assacú. meio grão.

PHARMACIA.

Preparações pectoraes compostas com os fructos de naffé
da Arahia.

O meu Collega e Amigo José Pereira d'Azevedo, que está administrando a pharmacia Barreto, mandou vir de Paris os preparados de naffé, e teve a bondade de m'os dar a provar, bem como de me confiar o relatorio que os Srs. Cottereau e Barruel, Professores na Falculdade de Medicina de Paris, apresentaram em virtude de uma ordem que tiveram para os examinar.

A pasta e o xarope de naffé, no nosso modo de entender, não podem ser considerados como quasi todos os medicamentos empiricos que nos vem do estrangeiro, cercados de um esplendido cortejo de elogios banaes, e recommendados para quantas molestias figuram e podem vir a figurar nos livros de Pathologia. O inventor d'estes preparados, o Sr. Delangrenier, não lhe concedeu as honras de remedios secretos, nem os chrisinou, como é costume, com um nome campanudo e charlatanico; teve a louvavel lembrança de declarar francamente qual a substancia que faz a base dos dous novos preparados, e de os submitter não só á analyse chymica, de que se encarregaram os Srs. Barruel e Cottereau, mas ás experiencias therapeuticas de que se incumbiram muitos dos melhores practicos de Paris, taes como Alibert; Anvity; Barbier; Begin; Blandin; Boyer; Breschet; Broussais; Chaussier; Gaubert; Guerart; Lar-

rey ; Marjolin ; S. Pinel ; Barão de Richerand ; O. Velpeau ; L. Sanson, &c.

O modo de proceder do Sr. Delangrenier, e as expressões de todos os practicos, que mencionámos, decidiram-nos a dar publicidade a estes preparados, que vão ser estudados pelos Medicos Portuguezes.

O nafé d'Arabia é o *hibiscus esculentus* de L.

Lémery, no seu Tractado universal das drogas simples, chama-lhe *sabdariffa*, e descreve-a do seguinte modo: caule d'altura de tres a quatro pés, direito, canellado; purpurino; guarnecido de folhas largas, divididas em muitas partes, dentadas; as flores são grandes, e semelhantes ás da malva, de cor esbranquiçada e purpurina; quando as flores cahem ficam os fructos oblongos, ponteagudos, cheios de sementes redondas; a sua raiz é composta de muitas fibrás brancas. Cultiva-se esta planta nas Indias: é cheia d'um succo viscoso semelhante ao da malva; as suas sementes comem-se como legumes.

Toda a planta é emolliente, resoliativa, peitoral, aperitiva, propria para abrandar as dores; e util na pedra da bexiga, sendo tomada em decocto.

Guibourt attribue á geléa, obtida de seus fructos, propriedades nutritivas.

Chevallier e Richard dizem que os fructos da nafé servem para fazer um alimento, conhecido com o nome de calalou.

Mérat e Delens dizem julgar-se no Egypto que o calalou preserva da pedra, e ser um bom diuretico.

No Oriente emprega-se de varias formas para combater as affecções do peito, e como antiphlogistico nas irritações ou inflammações dos orgãos interiores. Os practicos parisienses são todos concordes em declarar que a pasta e xarope de nafé devem considerar-se como medicamentos utilissimos nas doenças inflammatorias do pulmão e estomago; nas affecções catarrhaes das crianças; na asthma; nas irritações da garganta; da trachea arteria, e bronchios; na tosse; na inapetencia; e nos catharros chronicos.

A pasta de nafé compõe-se, segundo os Srs. Barruel e

Cottreau: 1.º de duas especies de mucilagem, uma semelhante á gomma, e outra de natureza particular, por que precipita pelo acido tannico; 2.º assucar; 3.º principio aromatico particular, em que entra uma pequena quantidade de baunilha; 4.º materia corante vermelha, que escurece pelos alcalis, e se torna vermelha pelos acidos; 5.º nada de opio nem de suas preparações.

O xarope tem a mesma composição que a pasta, excepto maior quantidade de mucilagem particular, e muito pequena quantidade de gomma.

As experiencias feitas com o fim de verificar a presença do opio não o indicaram.

A pasta prepara-se com 300 gram. de fructos seccos de nafé, 5 kilogram. de gomma, 3 kilogram. d'assucar, s. q. de agua e de materia corante e aromatica.

O xarope prepara-se de:

Fructos seccos 165 gram.

Assucar 5 kilogram.

Materia corante e aromatica s. q.

Modo de empregar o xarope. O melhor modo de o usar é ás colheres. Uma ou mais colheres de sópa pela manhã; varias colheres d'elle no dia nos intervallos das comidas, e de noute ao deitar na cama.

Os adultos podem tomar seis colheres de xarope em todo o dia, e as crianças outras tantas colheres de chá.

Pode tambem tomar-se a mesma quantidade dissolvido em agua, ou em leite quente, puro ou cortado com agua, ou em qualquer infuso peitoral.

A pasta toma-se de manhã, durante o dia, e á noute; podem tomar-se sos, ou nos intervallos do xarope. Convém deixar derreter na bocca um ou dous pedaços todas as vezes que se sentir vontade de expectorar, ou tossir.

As pessoas que são obrigadas a expor-se ao frio ou humidade devem deixar derreter um pedaço na bocca.

Sousa Telles, Junior.

Formulas diversas extrahidas de varios Jornaes estrangeiros.

Cosmetico dentifrico do Sr. BARBIER BORGERON.

Carvão de sobro	170	gram
— animal lavado e purificado. .	100	„
Cascas de cidra ou de limão seccas	30	„
Cravos da India	n.º 2	
Alumen calcinado	10	„
Carbonato de magnesia	10	„
Sulphato de quinina	5	„
Balsamo peruviano	5	„
Mel depurado	170	„

Incorporam-se todas as substancias bem pulverisadas com o mel.

Gottas de Grindale contra a tosse.

Acetato de morphina	20	grãos,
Acido acetico	3	gottas,
Alcohol	1	oit. e 28 grãos,
Agua	1	onça e 3 oit.

De 12 a 20 gottas n'uma chavena d'infuso de melissa contra a bronchitis.

Pos contra a choréa, pelo Sr. BONNEAU.

Ferro porphyrizado	2	grãos,
Extracto d'opio	de $\frac{1}{5}$ a $\frac{2}{5}$	de grão,
— puro de quina	4	grãos.

Misture S. A. para uma dose. Toma-se uma de manhã e outra de tarde, augmentando progressivamente a dose do ferro e do opio.

Xarope contra a gastralgia, pelo Sr. PADIOLEAU.

Xarope de flores de laranjeira	3 $\frac{1}{2}$	onças,
Extracto aquoso d'opio	3	grãos,
— d'aconito	2	„

Com algumas gottas d'agua de flores de laranjeira se dissolvem os extractos n'um matrás, e depois mistura-se

o xarope. Tomam-se duas colheres das de chá cheias do xarope immediatamente sobre o comer.

Purgante em café.

Café torrado e folhas de senne. 2 oitavas,
Agua q. b. para um infuso de. 6 onças,
 filtre e dissolva
Manná 2 onças,
 Para uma poção purgante.

Purgante do Dr. FAUCONNEAU DUFRESNE.

Foliculos de senne. 2 $\frac{1}{2}$ oitavas,
Café torrado 2 "
Agua fervendo. 4 onças,
 infunda, cõe e ajunte
Xarope de flores de pecegueiro. 1 onça.

Ceroto sulphurado.

Enxôfre viscoso precipitado. $\frac{1}{2}$ oitava,
Ceroto simples. 2 "
Balsamo de Tolú 1 escropulo.
 Misture para fricções contra as herpes.

Pomada sulphurada.

Enxôfre viscoso precipitado. 2 oitavas,
Balsamo de Tolú $\frac{1}{2}$ "
Banha 7 "
 Misture.

Unguento sulphurado.

Enxôfre viscoso precipitado. 1 oitava,
Balsamo de Tolú 1 escropulo,
Banha 4 oitavas.
 Misture.

Vicente Tedeschi.

REVISTA DOS JORNAES.

Estudos medicos e pharmaceuticos em Hespanha. — O Governo Hespanhol nomeou uma Commissão, composta dos Srs. Seoane, Corral y Camps, para entender na reforma dos estudos medicos e pharmaceuticos. O *Boletin de Medicina*, que dá esta noticia, elogia os membros da Commissão. Quando se lembrará o Governo Portuguez de tractar dos estudos pharmaceuticos?

Homoeopathia em Portugal. — Em resposta ao primeiro artigo do Dr. Proença sobre homoeopathia, publicado na *Semana*, appareceu no n.º 46 da *Revista Universal Lisbonense* um artigo assignado por F. S. Antonio Barroso, que se diz Cirurgião em Fanhões, em que se avalia o systema hahnemanniano, e a sua fortuna em diversos paizes da Europa e no Brasil; terminando por polo a par de muitas outras cousas caturras que por ahi se apregoam. E' um artigo que, pelo castigado da linguagem e pelo chiste com que está escripto, nos não pareceu de um Cirurgião de Aldêa.

Em o n.º 47 do mesmo Jornal publicaram-se dous artigos sobre o mesmo objecto. O primeiro é do Dr. Proença, que declara, não obstante estar resolvido a não responder a anonymos, fará uma excepção a respeito do Cirurgião de Fanhões, cujo nome julga ser um pseudonymo. N'esta carta o Dr. Proença gradua o Sr. Barroso em *Ferrabraz da allopathia*. Incontestavelmente a situação é toda de *gradações*.

O segundo artigo é de um tal Sr. Thomás Quintino Antunes que censura o *desinteresse e abnegação* do Dr. Proença, por lhe exigir 960 réis por uma onça do liquido que lhe receitou como remedio para uma gastrite chronica.

Em o n.º 23 da *Semana* vem a resposta de Dr. homoeopatha ao Sr. Barroso. E' uma especie de proclamação em que a Medicina allopathica e os seus partidarios são postos pela rua da amargura. A linguagem da tal procla-

mação parece-nos excessivamente virulenta para um *apostolo*, que deve pregar com factos e razões, e não com sophismas como alli se leem. Recommendamos aos leitores os dous seguintes periodos copiados textualmente da *Semana*.

« Ninguem, sob pena de inevitavel remorso, poderá d'hoje avante deixar de tentar para os seus doentes esta ultima instancia de salvação. »

« Ninguem, sem quebra de sua consciencia, se deve eximir a tentar os recursos, os milagres, perdoe-se-nos a expressão, da sciencia regeneradora. »

Seguem-se sete aphorismos fundamentaes da homœopathia com o competente = *continuar-se-ha*. =

A' Vista d'isto quantos e quam crueis remorsos não devem ter todos os Medicos allopathas que teem preferido a Hahnemann os velhos Hippocrates e Galeno!!

O *Esculapio* (n.º 131) fez elogios a Hahnemann; menciona o esquecimento em que a homœopathia está na Alemanha; diz que nos institutos homœopathicos do Brasil, em vez de se instruirem Medicos, se creou uma cruzada de charlatães formada de toda a casta de individuos da rale, que apenas sabem ler e escrever; e para poder entrar em discussão com o Dr. Proença apresenta-lhe como questão previa os seguintes quisitos: ¿ Em que eschola cursou os seus estudos? ¿ Foi o Sr. Dr. Proença um dos taes que se formou nos institutos homœopathicos? ¿ Com o titulo conferido por taes institutos foi depois doutorar-se em alguma universidade ou collegio particular d'outro paiz? ¿ Assim formado veio para Lisboa? ¿ Tem o Sr. Dr. Proença curso academico garantido pela Eschola do Rio de Janeiro? ¿ Está habilitado segundo as leis do nosso paiz? Veremos o que o Dr. responde.

O facultativo de Fanhões respondeu ao Dr. Proença no n.º 48 da *Revista Universal*. E' uma carta que todos devem ler, não so como modelo de estylo, mas por que desmascara o apostolo da *nova sciencia*, e o entrega ás irrisões do publico. Já sabemos quem é o douto e espirituoso articulista que a Providencia suscitou para agorentar as pomposas theorias do novo Dulcamara.

O Jornal de Pharmacia e Sciencias Accessorias, do mez d'Agosto, consagra ao *Medico do Povo* um pequeno artigo de burla.

O Dr. Proença respondeu ás perguntas do Esculapio com outras tantas interrogações a que o Esculapio respondeu. D'esta correspondencia parece poder-se concluir que o Dr. Proença não tem conhecimentos alguns da Medicina allopathica, e que não so não está habilitado para curar no nosso paiz, mas que até não é Medico.

A *Nação*, jornal realista redigido por distinctos litteratos, tem publicado alguns artigos do Medico homceopathico, em que elle dá conta das pessoas com quem está associado, e de um ou outro facultativo que o tem visitado.

Aguas mineraes do Gerez. — Estas aguas tão preconizadas em todo o Portugal, acabam de ser analysadas pelo primeiro Chymico Portuguez o Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, Lente de Chymica da Eschola Polytechnica, e nosso Membro Honorario. Os resultados das analyses qualitativa e quantitativa, feitas juncto da origem das mesmas aguas e no laboratorio, são os seguintes:

Densidade da agua = 1,00080.	
Total das materias fixas	0,1140 gram.
Acido carbonico	0,0260
— silicico	0,0653
— sulphurico	0,0066
Chloro	0,0118
Potassa	0,0164
Soda	0,0109

O Sr. Pimentel representa o arranjo dos principios fixos mineralisadores da agua do Gerez do seguinte modo:

NaCl	0,0194 gram.
NaO,SO ⁵	0,0119
KO	0,0164
SiO ⁵	0,0653
	0,1130

Para explicar a função chymica que o acido carboni-

co exerce n'estas aguas, fez o Sr. Pimentel varias experiencias; porém, não podendo continual-as por falta de sufficiente quantidade de agua, reservou para outra occasião a continuação d'este estudo.

O Sr. Pimentel considera as aguas do Gerez ligeiramente *saliciferas*, e algum tanto analogas ás das fontes reputadas da Islandia.

Cumpra notar aqui tres circumstancias. 1.^a Foi o Sr. Pimentel o primeiro Chymico que analysou com rigor as aguas do Gerez. 2.^a Foi, que nós sabemos, o primeiro que em Portugal buscou o iodo nas plantas vegetantes em aguas mineraes. 3.^a Foi o primeiro que invocou o estado electrico das aguas thermaes para explicar a sua influencia nas funcções organicas. De facto a acção therapeutica de certas aguas, taes como as das Alcaçarias de Lisboa, onde os principios mineralisadores a não podem bem explicar, deve provir d'esta ou de outra qualquer causa até agora desconhecida ou menos attendida.

Recommendam-se a todos os nossos Collegas a leitura da analyse, que acabamos de mencionar, que fez o objecto de uma Memoria publicada pela Academia das Sciencias de Lisboa.

Fallecimento. — Falleceu em Elvas, de uma apoplexia fulminante, o Pharmaceutico Luiz José Nunes. Foi varias vezes Examinador e Visitador na Provincia do Alemtejo, e exerceu, com probidade e zelo, diversos cargos municipaes. A sua morte foi profundamente sentida por todos os que o conheceram.

Annuncios. — N'um dos primeiros dias do mez passado appareceu n'um jornal politico da capital um annuncio em que se indicava vender-se na rua. . . . numero. . . . 2.^o andar um medicamento, de que actualmente se faz muito uso, por preço inferior ao por que se vende nas boticas. No n.^o immediato do mesmo jornal appareceu uma ridicula parodia ao tal annuncio, que nada honra o seu auctor. Magoa-nos não so ver o desleixo das auctoridades que dão azo a tão manifestas contravenções da Lei, mas muito mais o haver alguém (por desgraça pharmaceutico)

que rebaixa uma classe scientifica até ao ponto de a fazer figurar burlescamente na pagina trazeira de um jornal.

Medicina e Pharmacia na Belgica. — Foi nomeada na Belgica uma Commissão, quasi toda composta de Medicos e Pharmaceuticos, para redigir um projecto de lei que regule o exercicio da Medicina e Pharmacia, a organização do corpo de saúde e o serviço medico dos pobres.

Febre amarella no Porto. — Depois da entrada no Porto da barca *Tentadora* que tocara em Pernambuco, onde havia febre amarella, e a bordo da qual morreram, durante a viagem, seis pessoas, desinvolveu-se no Porto a febre amarella da qual foram logo victimas algumas pessoas que tinham ido a bordo ou que communicaram com quem alli tinha ido. Os Jornaes e os Medicos, de accordo com as Auctoridades, fizeram vogar a noticia de que não era febre amarella, porém hoje toda a gente o sabe. Convém advertir que os casos occorridos teem sido mui poucos, e que parece ter a molestia degenerado alguma cousa, por quanto não apresenta os caracteres da do Brasil. As ultimas noticias vindas do Porto são lisonjeiras.

Jornal das Sciencias Medicas de Lisbon. — Recebemos o n.º 7 do mez de Julho. Traz um prologo; dous artigos do Sr. Dr. Beirão ácerca do emprego do assacú no tractamento da morphêa; e do hospital dos alienados; um extracto do processo do Conde de Bocarmé, pelo Dr. Simas; e um artigo ácerca do juizo que a Gazeta Medica do Porto fez da Obra do Sr. Dr. Gomes. E' notavel n'este Jornal o prologo em que o Dr. Guerreiro é declarado, *urbi et orbi*, membro podre da Sociedade. ¿Que dirá a isto o Dr. Guerreiro para não desmentir o appellido?

Quarentenas. — O Sr. Dr. José Maria Grande, nosso Membro Honorario, Professor de Botanica na Eschola Polytechnica de Lisboa, Director do Jardim Botanico d'Ajuda, auctor do excellento Tractado de Agricultura, Socio de todas as Sociedades Scientificas de Portugal, ex-Presidente da Camara electiva, e um dos mais eloquen-

tes oradores contemporaneos, partiu para Londres no dia 29 de Agosto; e d'alli irá visitar os mais notaveis jardins botanicos, e granjas modelos da Europa. O Governo encarregou-o egualmente de assistir como Vogal ao Congresso Sanitario que está reunido em Paris para tractar a questão das quarentenas. A escolha foi acertada. O *Boletim de Medicina Cirurgia y Farmacia* de Madrid noticiou ter sido nomeado para o mesmo fim, pelo Governo Hespanhol, o Sr. D. Pedro Felipe Moulau, Ex-Secretario do Corpo de Saúde, Cathedratico do Instituto, Aggregado á Universidade de Madrid, e Auctor de diversas obras de grande importancia, entre as quaes avultam dous Tractados de Hygiene publica e privada.

Analyse das sementes de linhaça. — O Sr. Victor Meurein fez um estudo minucioso sobre as sementes da linhaça, cujos principaes resultados são os seguintes:

		Mucilagem e saes soluveis.	1,4
		Oleo resina e oleo gordo	0,1
	Episperma. 2,1	Agua	0,2
		Residuo lenhoso e mat. insolavel na agua e ether.	0,4
		Oleo resina e oleo gordo	0,6
		Agua	0,2
Sementes de linhaça d'Italia, 10 grammas,	Endosperma. 2,3	Mat. soluveis na agua.	0,3
		Lenhoso e materias insol. veis na agua e ether	1,2
		Oleo gordo	3,0
		Agua	0,5
	Amendons. 5,6	Materias soluveis na agua.	0,3
		Parenchyma tecido celular, materias insolueis na agua e ether.	1,8
		<hr/>	
		10,0	10,0

Recommendamos a leitura da Memoria do Sr. Meurein, que vem no *Journal de Pharmacie et de Chimie* de Paris, do mez d'Agosto.

Novo metal. — Bergmann descobriu um novo metal a que deu o nome de *donarium*. E' em po negro, pesado, e torna-se brilhante pela fricção. Debaixo d'agua fria conserva-se inalteravel por 36 horas; na agua quen-

te oxyda-se rapidamente. Os acidos nitrico e chlorhydrico não tem acção sobre elle. A agua-regia transforma-o em oxydo vermelho, e dissolve-o; o acido sulphurico dissolve-o tambem. O oxydo de *donarium* obtem-se calcinando fortemente o seu hydrato. E' vermelho, e muito pesado; a sua densidade é 5,5; tendo sido fortemente calcinado não se dissolve nos acidos; porém, fazendo-o digerir no acido sulphurico, torna-se de novo solúvel. Quando foi secco a 100° dissolve-se nos acidos e o chlorydrico não produz desinvolvimento de chloro.

As dissoluções do *donarium* são incoloras, exceptuando a do chlorureto que é amarella, quando está quente. Pelos reagentes ordinarios dá os seguintes resultados:

Potassa e soda.	Precipitado insolúvel n'um excesso.
Ammoniac.	Precipitado semelhante ao de alumina.
Carbonatos e bicarbonatos alcalinos.	Precipitado branco, muito solúvel em um excesso.
Acido oxalico.	Precipitado branco, insolúvel em um excesso.
Cyanureto amarello.	Precipitado cor de carne.
Carbonato de baryta.	Precipitado completo de hydrato d'oxydo de <i>donarium</i> .
Sulphydrato ammonico.	Precipitado floccoso, vermelho carregado.
Cyanureto vermelho.	} Nada.
Sulphydrico.	
Tinctura de noz de galha.	
Itha.	

O mineral onde se encontrou o *donarium* é proveniente da Noruega. (*J. de Ph. e Ch.*)

Pomada mercurial. — Barendsprung, convencido por experiencias muito curiosas de que o mercurio contido na pomada mercurial não penetra na economia, nem no estado metallico nem no estado de vapor, analysou-a a fim

de vêr qual o estado em que o mercurio alli está, e se esse estado explica a sua penetração na economia, e o seu modo de obrar. Reconheceu que ha sempre na pomada uma porção de protoxydo, e tanto maior quanto mais antiga aquella é, e que é o protoxydo, que dissolvido pelos acidos das secreções, atravessa os tecidos e vae até ao interior da economia. Viu tambem que uma pequena quantidade de protoxydo de mercurio era sufficiente para produzir effectos consideraveis. Preparou uma pomada com 2 oitavas de banha e 1 oitava de oxydo negro de mercurio, e, applicando-a, observou ser um pôderoso veneno para os animaes que com ella eram friccionados. 24 grãos d'esta pomada bastaram para matar um gato em quatro dias, e a mesma quantidade matou um coelho em vinte e quatro horas.

Preparou outra pomada nas proporções seguintes:

Oxydo negro de mercurio . . 1 grão.
Banha 1 oitava.

Empregou-a como succedaneo da pomada mercurial ordinaria, e ao cabo de numerosas experiencias, feitas sobre diversos doentes, concluiu que obrava da mesma maneira e com a mesma energia. Estes resultados, segundo a opinião dos Redactores do Journal de Pharmacie, podem applicar-se a todos os preparados de uso interno em que entra o mercurio extinto com diversas substancias.

Sendo a pomada mercurial um preparado caro e difficiloso de fazer, a ponto de existirem innumeraveis processos tendentes todos a facilitar a sua preparação, parece-nos seria um grande serviço á Sciencia, se a Sociedade das Sciencias Medicas se occupasse de estudar comparativamente a acção da pomada mercurial feita pela extincção do mercurio e a preparada com o oxydo negro do mesmo metal. Esperamos que este assumpto mereça a attenção do sabio e laborioso Presidente o Dr. Pereira Mendes.

Sousa Telles, Junior.

PHARMACIA.

Noticia ácerca das cascas de quina recebidas no commercio Inglez. Artigo escripto e enviado á Sociedade pelo Membro Honorario e Sr. Jonathan Pereira, Doctor em Medicina, e Socio da Sociedade Real de Londres.

Em Inglaterra somente duas especies de casca de quina estão admittidas no uso geral; e são as seguintes:

1.^a *Quina de Loxa ou da corôa*. E' a preferida com o nome de quina pallida, para a preparação do po, infuso, decocto, e tinctura de quina (*pulvis, infusum, decoctum, et tinctura cinchonae*).

2.^a *Quina amarella*. E' a quina Calysaya do continente, e empregada quasi exclusivamente na preparação do sulphato de quinina (*quinae disulphae*).

Não obstante serem estas as unicas especies de casca de quina usadas geralmente pelos Medicos Inglezes, muitas outras especies são trazidas a Inglaterra para d'ahi se exportarem com destino ao consumo continental. Todas estas outras especies são mal reputadas no commercio. Algumas, as mais baratas, são ás vezes importadas pelos droguistas fraudulentos com o fim de adulterarem com ellas as duas primeiras especies, mais bem acceitas no commercio, e ou as vendem com o nome d'alguma das duas melhores especies (quina de Loxa, quina amarella); ou as empregam para falsificar o po, infuso, decocto, e a tinctura d'estas duas quinas. Os commerciantes probos e os Medicos so vendem ou empregam as sobreditas duas especies.

N'estes ultimos tempos fez-se a tentativa de introduzir na practica medica outras cascas de quina mais baratas, mas não de inferior qualidade; porém até hoje essas tentativas teem sido infructiferas. No hospital de Londres, onde sou Medico assistente, procurei introduzir o uso da quina parda ou cinzenta (*Huanuco* ou *quina de Lima* dos escriptores continentaes), por reunir esta quina as duas circumstancias de ser boa e barata; porém, não sendo

geralmente procurada, os droguitas não as costumam ter nas suas drogarias, e por isso não nos é possível obtel-a com regularidade. Em Edimburgo, no Collegio dos Medicos, segundo me parece em consequencia da recommendação do meu amigo, o Dr. Christison, foi approvada a sua applicação; por quanto vem incluída no catalogo de *Materia Medica* auctorizado e designado para a venda das drogas na Escocia. Porém julgo que ainda não é alli geralmente usada a dita quina cinzenta. Na actualidade ha muita falta de quina legitima, o que a torna muito cara. Por intervenção dos Srs. Hervings & C.^a, droguitas e fabricantes de sulphato de quinina, pude obter as seguintes especies:

1.^a *Quina de Loxa ou de corôa.*

Synonymia commercial: *Quina pallida* (*Cinchona pallida*), *Quina de corôa* (*Cinchona coronae*), *Cinchona de Loxa*.

Synonymia pharmacologica: (Pharm. Londin. 1836), *Cortex Cinchonae lancifoliae* (Pharm. Edimb. 1841), *Cinchonae coronae*: *Casca de Quina Condaminea*.

Nome botanico: *Codex Cinchonae Condaminae*. Esta especie vem da America por via d'Inglaterra, e tem um grande e geral consumo na Medicina.

Os nossos droguitas distinguem variedades d'esta especie, porém o seu numero não é em todas as drogarias o mesmo.

Enviu á Sociedade Pharmaceutica Lusitana duas d'estas variedades. (*)

N.^o 1. *Quina de corôa superfina*. Os Srs. Hervings & C.^a deram-lhe o nome de *Cortex cinchonae pallidae optimus*. E' frequentemente denominada *Casca de quina de corôa escolhida* (*cortex cinchonae coronae electus*).

N.^o 2. *Quina cinzenta de corôa*. Consideram-na no commercio como variedade inferior da quina de corôa.

Devo observar que a quina mais cara não é sempre, a meu vêr, a melhor. Os bellos e frageis canudos de quina

(*) Estas quinas, e bem assim outras que nos foram enviadas pelo Sr. Jonathan Pereira, existem no Gabinete de Pharmacia d'esta Sociedade.

de corôa que chegaram a um preço exorbitante, não teem, ás vezes, tanto valor medicinal, como outras quinas mais baratas. Quasi sempre são menos amargas que as segundas.

A *quina de Loxa*, ou de *Coroa* é a *Quinquina Loxa* de Guibourt (Hist. das Drogas); e a *Kron-China* de H. ou Bergen (Monogr. der China).

Os compiladores da Pharmacopêa Nacional, bem como outros individuos, muitas vezes commettem erros; os da Pharmacopêa de Londres de 1836 erraram, por exemplo, referindo a quina de Loxa á *C. lancifolia*. Tenho no meu museo a casca da *C. lancifolia*, que não é a Quina de Corôa, mas sim a Quina alaranjada de Sancta Fé, casca desprezível.

A quina de corôa, é produzida pelo *C. Condaminea*.

As nossas pharmacopêas teem feito com que os commerciantes errem designando a quina de Corôa pelo nome de *cortex cinchonae lancifoliae*, quando o seu nome verdadeiro é: *cortex cinchonae condamineae*.

Ja disse qual é o uso que se faz da quina da corôa em Inglaterra.

2.^a *Quina cinzenta* ou *argentea*.

Nome commercial: *Quina cinzenta* ou *argentea*.

Synonymia pharmacologica: (Pharm. Edimbourg 1841) *Cinchona cinerea*, *Cortex Chichonae micranthae*.

Nome botanico: *Cortex cinchonae micranthae*. Denominações continentaes: Quina de Lima de Guibourt; Quina Huanuco; Graue China de Bergen.

É uma qualidade de casca boa, porém, como ja disse, raras vezes usada em Inglaterra.

A amostra d'esta casca que remetto, vae marcada n.º

3, *Cortex Cinchonae cinereae*.

3.^a *Casca amarella*.

Synonymia commercial: *Casca amarella*; *Cinchona flava*.

Synonymia pharmacologica: (Pharm. Lond. 1836) *Cortex cinchonae cordifoliae*. (Ph. Lond. (1841) *Cinchona flava*, casca d'uma especie de cinchona não determinada.

Denominação botanica: *Cortex Cinchonae Calisayae*.

Denominações continentaes : Quinquina Calisaya ou jaune royal de Guibourt ; *Quina regia* ; *Konigs China* de Bergen.

Esta especie é a de mais valor pelo seu immenso consumo na fabricação do sulphato de quinina.

E' um erro das pharmacopéas o referirem esta quina á *Cinchona cordifolia*.

Esta especie é a quina Carthagena, da qual enviou uma amostra.

A quina amarella é produzida pela *Cinchona Calisayae* de Weddell (vide Annales des Sciences Naturelles, tome X, Juillet 1848 ; e Journ. de Pharm. et Chimie, Septembre 1849).

No commercio inglez distinguem-se duas variedades de quina amarella que são :

N.º 4. *Quina amarella achatada* : emprega-se principalmente na fabricação do sulphato de quinina. Os Srs. Hervings & C.º dão-lhe o nome de : *Cortex cinchonae cordifoliae*.

N.º 5. *Quina amarella encanudada*. E' pouco usada em Inglaterra ; encontra-se posta nas vidraças dos droguistas. E' denominada pelos Srs. Hervings & C.º *Cortex cinchonae cordifoliae* (encanudada).

4.ª *Quina vermelha*.

Synonymia pharmacologica : (Pharm. Lond. 1836) *Cortex Cinchonae oblongifolia*. (Pharm. Edimb. 1841) *Cinchona rubra*, casca de uma especie de cinchona não determinada.

Denominação botânica : Casca d'uma especie de *Cinchona* não determinada.

Denominações continentaes : *Quinquina rouge verrugueux et non verrugueux* (verrugosa e não verrugosa) Guibourt ; *Quina rubra* ; *Rotte China* Bergen.

Esta casca é pouco usada em Inglaterra, não obstante ser de boa qualidade.

Por engano a teem confundido com a quina vermelha de Mutis. (Casca da *Cinchona oblongifolia*) : d'aqui procede o darem-lhe muitas vezes nas officinas o nome de : *cortex cinchonae oblongifoliae*. Eu tenho no meu museo a

casca da *C. oblongifoliae*: é uma casca vermelha porém completamente diferente da casca conhecida por este nome no commercio: é a *quina nova* de muitos Pharmacologistas.

A quina vermelha do commercio inglez vae marcada n.º

6. *Cortex cinchonae oblongae* (E' esta denominação que lhe dão os Srs. Hervings & C.º).

5.º *Quina de Cusco.*

Synonymia commercial: *Cinchona de Cusco, Casca de Cusco.*

Synonymia pharmaceutica: falta na Pharmacopêa.

Denominação botânica: Casca d'uma especie de cinchona ainda não conhecida.

Denominações continentaes: *Quinquina de Cusco*; Guibourt, Journ. de Ch. med. Tomo VI. pag. 353 — 1830; *Ecorce d'Avica*, Pelletier, Journ. de Pharm. Tomo XV. pag. 565 — 1829; *China rubiginosa* de Bergen?

E' casca de boa qualidade. Não se usa em Inglaterra. Contém muita cinchonina, mas pouca quinina.

A amostra d'esta especie de casca que enviu, leva o signal n.º 7. *Cortex Cinchonae (Cusco).*

6.º *Casca Carthagena.*

Synonymia commercial: *Casca Carthagena*; *Casca spuria.*

Denominação botânica: *Cortex cinchonae cordifoliae.*

Denominações continentaes: *Quinquina de Carthagene jaune*, Guibourt; *China flava dura Harte gelbe China.* Especie de quina sem importancia.

Não s'emprega em Medicina. Algumas vezes tem servido para adulterar as boas especies.

E' a casca de *cinchona cordifolia*. Vae marcada n.º 8. *Cortex cinchonae (carthagena).*

Casca bebeeru.

N.º 9. E' a casca da *Nectandra Rodiei* Schomburgk. London Journal of Botanes de Kocker Dezembro 1844.

Esta casca é producto d'uma laurinea que tem sido empregada como succedaneo da quina. Contém um alcaloide particular chamado *bebeerina.*

A respeito d'esta casca consulte-se :

Pharmaceutical Journal vol. III. pag. 177 (1843),

— — — vol. IV. pag. 281 (1844),

— — — vol. V. pag. 223 (1845).

Casca copalchi.

Com este nome tem-se introduzido no commercio uma casca de uma certa qualidade de Croten.

Quasi todos se referem ao Croten Pseudo-China de Schiede. E' producto do Mexico.

A amostra que enviou assignalada com o n.º 10 é mais dura que outras amostras d'esta especie de casca. E' por isso que eu supponho poder ser antes a casca de *Croten suberosus*.

Os seus usos medicinaes assemelham-se aos da cascarilha.

Traduzido do original inglez, pelo Sr.

João José de Sousa Telles.

Das falsificações de varios medicamentos e substancias alimentarias, e dos meios de reconhecê-las. Extracto de diversos Auctores; continuado de pag. 217.

LIMALHA DE FERRO.

A limalha de ferro entra em grande numero de preparados pharmaceuticos, empregados interiormente; é por tanto indispensavel haver toda a certeza de que não contém cobre. A que se encontra no commercio, e que sahe das officinas de serralheiro, é muito sujeita a ter de mistura este metal; devendo por isso ser separada pela barra magnetica, ou ainda melhor não comprar senão a torneadura de ferro, que sendo menos dividida que a limalha, facilita o reconhecer-se a presença do cobre.

Para se ensaiar a limalha, pode-se tambem deitar uma pitada na ammonia liquida, agitando a mistura de vez em quando e ao contacto do ar; por que, sendo a limalha pura, o liquido fica incoloro, e no caso contrario toma uma côr azul, tanto mais intensa quanto a proporção do cobre for maior. Este processo é d'uma execução mais

facil e prompta, que o indicado por alguns Auctores, que consiste em dissolver a limalha em um acido, e deitar no dissoluto um excesso d'ammonia. (*Bussy.*)

MAGNESIA ALVA.

Carbonato magnesico, Carbonato de magnesia, Sub-carbonato de magnesia, Sub-proto-carbonato de magnesio, Magnesia ingleza, Magnesia doce, Magnesia effervescente, Magnesia branca, Mephito de magnesia, Crê de magnesia, Crê magnesiana, Po de Santinelle, Po do Conde de Palma, Po laxativo polychresto de Valentini, Terra magnesiana, Terra muriatica de Kirwan.

A magnesia alva ($MgO + C^2O^2 + 10H^2O$) tambem se encontra no commercio algumas vezes falsificada com o carbonato calcico; o que se pode reconhecer pelos meios descriptos pelo nosso Collega, o Sr. F. M. C. Leal Junior, no tomo 1.º da 1.ª serie d'este Jornal, pag. 411.

MAGNESIA CALCINADA.

Oxydo magnesico, Oxydo de magnesio, Magnesia, Magnesia pura, Magnesia caustica, Magnesia descarbonatada.

A magnesia calcinada (MgO) pode ser sophisticada com o hydrato calcico, sulphato calcico, silica, magnesia carbonatada, e amydo.

Para se conhecerem estas falsificações, recommendamos os meios empregados pelo nosso Collega, o Sr. F. M. C. Leal Junior, e insertos n'este Jornal, tomo 1.º da 1.ª serie, pag. 410.

MANNÁ.

O manná é um succo mucoso-assucarado, concreto, fornecido pelo *fraxinus ornus*, L., e *fraxinus rotundifolia*, Lam.; arvore da polygamia diecia de Linneo, e da familia das jasmineas de Jussieu.

Pode ser falsificado com a glucosa, adquirindo um aspecto mui semelhante ao de manná ordinario, deixando perceber a glucosa em pequenos pedacos irregulares, isolados ou agglutinados á massa. Os pedacos não teem a for-

ma de lagrimas, são mais duros, e não apresentam o sabor, nem a crystallisação do manná; a fractura é granulosa, e a superficie luzente.

Uã mistura de farinha e mel, tem sido igualmente substituida no commercio por manná. Tractando-se pela agua fria, o mel dissolve-se, e a farinha fica insoluel; e em seguida tractada esta pela agua fervendo, e pela tinctura d'iodo, dá um precipitado azul. (*Pédroni.*)

MANTEIGA D'ANTIMONIO.

Chlorureto antimonico, Chlorureto d'antimonio, Proto-chlorureto d'antimonio, Hydro-chlorato d'antimonio, Deuto-hydrochlorato d'antimonio, Deuto-muriato d'antimonio, Muriato sobre-oxygenado d'antimonio, Muriato d'antimonio sublimado, Muriato d'antimonio fumante, Oleo glacial d'antimonio, Antimonane.

A manteiga d'antimonio (Sb^2Cl^3) acha-se á venda muitas vezes com um excesso d'agua, ou d'acido chlorhydrico. A primeira, reconhece-se quando não espalha vapores, e é pouco caustica; e o segundo, deitadas algumas gottas n'agua, ou não produzem precipitado, ou em mui pequena porção.

MANTEIGA DE CACAO.

A manteiga de cacao é um oleo concreto tirado das amendoas do cacoeiro ordinario (*theobroma cacao*), arvore da monadelphia pentandria de Linneo, e da familia das bytneriaceas de Jussieu.

Quando é pura, e tem sido bem preparada, pode conservar-se dous ou tres annos sem manifestar signal de ranço; e pelo contrario reconhece-se que é falsificada com gorduras estranhas, quando, tractada a frio pelo ether sulphurico, não produz um soluto muito claro, mas sim turvo.

MANTEIGA DE VACCA.

A manteiga de vacca ha sido algumas vezes adulterada com a fecula da batata cosida, farinha de trigo, leite endurecido pela acção do fogo, e finalmente com o sêbo.

Conforme os Srs. Garnier e Harel, a manteiga conhece-se que está alterada com a fecula da batata mettendo a manteiga em um tubo de vidro, e fundindo-a em banho d'agua quente á temperatura de 60 a 66°; então apparece ella á superficie, assim como o sôro liquido e os floccos do caseo, que fazem parte da manteiga, ao mesmo passo que a fecula occupa o fundo do tubo. Deitando-se-lhe ammonia liquida, achando-se ainda quente a mistura, separam-se os floccos do caseo, e a fecula toma a forma de massa ou de grumos; os quaes adquirem a côr azul, quando triturados em um gral com agua e iodo.

Quando a manteiga é falsificada com sêbo, conhece-se pelo sabor.

Algumas vezes se tem usado do succo da celidonia, e das flores amarellas dos ranunculos, para colorar a manteiga; e a *Gazette de Santé de Francfort*, tem demonstrado os effeitos perigosos d'estas substancias.

Em Inglaterra ha uma policia mui severa, relativamente á qualidade das manteigas que entram em Londres; os Agentes da Companhia dos Revendedores, sob sua responsabilidade, marcam os barris em tres sortes, segundo a sua qualidade.

MEL COMMUM.

O mel é um producto assucarado fornecido pela abelha domestica (*apis mellifica*, L.), insecto hymenoptero da divisão dos articulados.

Tem-se encontrado alterada a densidade do mel, e bem assim augmentado o seu volume, por meio da fecula, farinha de feijão, arêa, e gomma.

Estas fraudes reconhecem-se pelo tractamento d'agua fria, que dissolve as substancias soluveis, e precipita os corpos estranhos. O precipitado, fervido com agua, adquire a côr azul com a tinctura d'iodo.

Finalmente, se o mel tiver sido alterado com o xarope de fecula, tractando-o pelo alcohol diluido, frio, o xarope ficará insolúvel. (*Pédroni*.)

MERCURIO.

Azougue, Prata liquida dos Alchymistas.

O mercurio (Hg) tem a propriedade de se ligar facilmente com o chumbo, estanho, e zinco; e no commercio tem apparecido muitas vezes falsificado com uma certa quantidade d'estes metaes.

Differentes são os meios empregados para reconhecer a sophisticação d'este metal; recommendamos o importante artigo do nosso Consocio, o Sr. Henrique José de Sousa Telles, publicado n'este Jornal, tomo 4.^o da 1.^a serie, pag. 7.

MERCURIO DOCE.

Chlorureto mercurioso, Chlorido mercurioso, Proto-chlorureto de mercurio, Calomelanos, Calomelas, Precipitado branco, Mercurio precipitado branco, Sub-muriato de mercurio, Muriato de mercurio, Sublimado doce, Panacea mercurial, Manná dos metaes, Manná celeste, Manná de mercurio, Aquila mitigata, Aquila alba, Panchymagogum quercetatum, Panchymagogum minerale, Draco mitigatus de Beguin.

O mercurio doce (Hg^2Cl) apparece no commercio, a maior parte das vezes, falsificado com os saes de chumbo, especialmente com o alvaiade. O nosso Collega, o Sr. F. M. C. Leal Junior, descreveu os meios chymicos mais efficazes para reconhecer esta falsificação n'um trabalho que vem inserto n'este Jornal, tomo 1.^o da 1.^a serie, pag. 502.

MORPHINA.

A morphina ($C^{55}H^{40}Az^2O^6$) contém muitas vezes a narcotina; a que nos vem d'Alemanha tem-se-lhe encontrado 17 por 100 de narcotina, e a de Marselha até 50 por 100 da mesma base.

Para reconhecer se a morphina contém a narcotina, tracta-se pelo ether, que dissolve a narcotina a frio; e depois, se esta substancia for submettida a acção do acido acetico fraco, fica insoluel. Finalmente, o soluto de potassa caustica dissolve a morphina, sem alterar a narcotina. (*Pédroni.*)

NITRATO DE POTASSA.

Azotato potassico, Azotato de potassa, Proto-azotato de potassio, Nitrato potassico, Proto-nitrato de potassio, Sal de nitro, Nitro, Salitre.

O nitrato de potassa ($Az^2O^3 + KO$) é algumas vezes falsificado com o chlorureto de sodio, e sulphato de soda.

O chlorureto de sodio (sal commum) dá logar a que o nitrato de potassa decrepita ao fogo, e que o seu soluto produza precipitado branco floccoso, lançando-se-lhe o azotato de prata.

O sulphato de soda (sal de Glauber) dá ao nitrato um sabor mais amargoso que acre, e torna-o menos fusivel sobre carvões ardentes. O seu soluto n'agua distillada, tractado pelo acetato ou chlorhydrato barytico, produz um precipitado branco abundante.

NITRATO DE PRATA FUNDIDO.

Azotato argenticco, Nitrato argenticco, Azotato de prata, Proto-nitrato de prata, Nitro lunar, Pedra infernal, Caustico lunar, Lapis infernal.

O nitrato de prata fundido ($Az^2O^3 + AgO$) raras vezes se encontra puro no commercio; contém azotato de chumbo, oxydo de zinco, deuto-azotato de cobre, azotato de potassa, plumbagina, peroxydo de manganex, e agua.

O chumbo reconhece-se pelos chloruretos soluveis, que formam um precipitado branco de chlorureto de prata e chlorureto de chumbo; dos quaes o primeiro se dissolve completamente pela ammonia em excesso, ficando o segundo insolovel.

O hydrogenio sulphurado dá um precipitado branco (a prata precipitada por um chlorureto), se existir zinco, e negro se houver cobre.

A ammonia colora o soluto em azul celeste, se o cobre existir no azotato de prata.

A prata tendo sido precipitada pelo acido chlorhydrico, e evaporando-se o liquido, este dará crystaes de azotato

de potassa, se o nitrato de prata tiver sido por elle falsificado.

A plombagina e o peroxydo de manganez ficam como residuo, quando se dissolve o nitrato de prata em agua distillada.

Finalmente a presença da agua é verificada pela crystallisação não raiada, e pelo papel que fica humedecido quando sobre elle se fractura a pedra infernal. (*Pédroni.*)

OLEO DE CROTON TIGLIUM.

O oleo de *croton tiglium* é tirado das sementes do *croton tiglium*, arbusto que cresce nas Indias Orientaes, nas Ilhas Molucas, no Malabar, Ceylão, &c., da monecia monadelphia de Linneo, e da familia das euphorbiaceas de Jussieu.

Este oleo tem sido falsificado com os oleos de ricino e d'euphorbio. O alcohol, tendo em dissolução uma semelhante mistura, branquearia n'agua. O Collegio d'Edimburgo baseia a sua formula d'ensaio sobre a insolubilidade do oleo de *croton* no alcohol absoluto. (*Dorvault.*)

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU.

O oleo de figados de bacalhau (*gadus morrhua*, L.), apparece no commercio muitas vezes impuro. O unico meio apresentado para se reconhecerem as falsificações, são os acidos sulphurico e azotico; uma gotta dos quaes, lançando-se em pequena quantidade d'oleo suspeito, que então se deita sobre um corpo branco, desinvolve uma coloração purpurea, algumas vezes das mais intensas.

O Sr. Huraut, emprega o soluto concentrado de sulphureto de potassio, que, batido com o oleo de figados de bacalhau, dá uã mistura espessa; e, tractada esta pelo ether, se dissolve em parte, e a outra parte insolúvel se precipita no fundo da proveta, o que não fazem os outros oleos. (*Dorvault.*)

OLEOS FIXOS.

A falsificação dos oleos fixos consiste principalmente na

mistura dos oleos mais baratos, e na imitação d'alguns d'elles.

Algumas vezes certos oleos são falsificados com gorduras animaes; e em geral reconhece-se este dolo, pela propriedade que tem os oleos gordos puros de se dissolverem completamente, e sem turvarem o ether sulphurico: quando, pelo contrario, os oleos animaes, excepto o espermaceti, formam com o ether um soluto turvo e laticinoso. (*Ebermayer.*)

OLEO DE MAMONA.

Oleo de ricino, Oleo de carrapato, Oleo de palma-christi.

O oleo de mamona é fornecido pela semente do *ricinus communis*, da monecia monadelphia de Linneo, e da familia das euphorbiaceas de Jussieu.

E' subjeito a ser viciado com os oleos fixos; o meio de reconhecer esta sophisticação, consiste em introduzir o oleo suspeito n'uma proveta graduada, ajunctando-se-lhe 6 ou 8 vezes o seu volume d'alcohol de 38 ou 40°, agitando-se depois fortemente, e deixando repousar. O alcohol dissolve o oleo de mamona, e deixa intacto os oleos estranhos.

O oleo de mamona antigo, pode ser conhecido pelo seu cheiro forte, sabor acre, avermelhando algumas vezes o papel de tornasol. Conforme Buchner, pode-se privar o oleo antigo da sua acidez, fervendo-o, por espaço de 15 minutos, com a magnesia calcinada; mas é evidente que este oleo, assim preparado, não pode produzir o verdadeiro effeito. (*Dorvault.*)

OLEOS MEDICINAES.

Se os oleos não tem sido aquecidos até ao desaparecimento perfeito da humidade, apresentam um mau aspecto, turvos, e de cheiro desagradavel; se, pelo contrario, são aquecidos por mais tempo que o necessario, para dissipar toda a humidade, a substancia vegetal é carbonisa-

da, e o oleo adquire má côr. Os oleos medicinaes são pouco sujeitos a falsificações. (*Ebermayer*.)

OPIO.

O opio é um succo leitoso, extractivo, concreto, que se extrahê da capsula da dormideira (*papaver somniferum*), planta da polyandria monogynia de Linneo, e da familia das papaveraceas de Jussieu.

Pelo seu preço elevado, o opio encontra-se algumas vezes no commercio misturado com os extractos d'alcaçú, e d'alface, arêa, e outras substancias inertes, a fim de lh'augmentar o peso; fraudes que não são faceis de reconhecer, senão pela quantidade approximativa de morphina. (*Galtier*.)

Além do que deixamos dito, recommendamos a leitura do « *Aviso importante acerca da falsificação do opio, pelo Sr. Vicq* »; artigo traduzido pelo nosso Consocio, o Sr. Francisco Bernardo dos Santos, do Porto, e inserto n'este Jornal, tomo 2.º da 1.ª serie, pag. 312.

OURO E PRATA.

As materias d'ouro e prata, brutas ou fabricadas, são susceptiveis d'uma alteração indefinida, não só em relação á natureza do metal estranho que se lhes pode associar, mas tambem á sua proporção; sendo todavia o cobre o que se tem encontrado quasi exclusivamente.

Egualmente se acha algumas vezes o ouro na prata do commercio, e bem assim o cobre e a prata no ouro.

Os ensaios das materias d'ouro e prata, para serem executados com precisão, exigem muito habito e uma practica particular. Recommendamos os processos descritos por Vauquelin, no seu *Manuel de l'Essayeur*.

(*Continúa.*)

J. D. Corrêa.

Programma de Lições para o Curso de Materia Medica da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, no anno lectivo de 1851 a 1852; feito pelo Membro Honorario, o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes.

Principios geraes de Pharmacologia; expostos na ordem dos nossos Elementos de Pharmacologia Geral.

Pharmacologia especial, Historia Natural dos Medicamentos.

REINO INORGANICO.

Preparados de platina.

- d'ouro.
- de prata.
- de mercurio.
- de cobre.
- de ferro.
- de chumbo.
- d'estanho.
- de cadmio.
- de zinco.
- de bismutho.
- d'antimonio.
- d'arsenico.
- de magnesia.

Preparados de chromio.

- d'alumina, magnesia, e cal.
- de baryta, e lithia, potassa, soda, e ammonia.
- d'iodo, bromo, e chloro.
- d'enxofre, e phosphoro.
- de boro, carbono, oxygenio e hydrogenio.

Aguas, aguas mineraes.

Agentes imponderaveis.

REINO ORGANICO.

Substancias vegetaes.

Ranunculaceas.

Aconito, Helleboro, &c.

Magnoliaceas.

Casca de Winter.

Menispermaceas.

Abutua, Calumba.

Berberideas.

Berberis.

Nymphaeaceas.

Golfão.

Papaveraceas.

Opio.

Fumariaceas.

Herva molarinha.

Cruciferas.

Cochlearia, Rabam rustico, Mostarda, &c.

Cistineas.

Ladano.

- Violarieas.
Violetas.
- Polygaleas.
Senega.
- Caryophylleas.
Cravos.
- Malvaceas.
Malva, Althea, &c.
- Byttneriaceas.
Cacao.
- Dipterocarpeas.
Camphora.
- Tiliaceas.
Tilia.
- Ternstroemiaceas.
Chá.
- Guttíferas.
Gomma-gutta.
- Aurantiaceas.
Laranja, Limão, e seus productos.
- Ampelideas.
Vinho, e seus productos, Ethers.
- Hippocastaneas.
Castanheiro da India.
- Geraniaceas, Lineas, Oxalideas.
Geranjos, Linho, Acido oxalico.
- Zygophylleas, Ruteas.
Guayaco, Arruda.
- Diosmeas.
Diosma, Angustura.
- Rhamneas.
Rhamnus catharticus.
- Terebinthaceas.
Aroeira, Cornalheira,
- Gommas-resinas aromaticas.*
- Leguminosas.
Gommas, Cato, Kino, Tamarindos, Senne, Copaiba, Balsamos, Alcaçús, &c.
- Rosaceas.
Rosas, Tormentilla, Amendoas, Louro-ceraso, Preparados prussicos, Kosso.
- Myrtineas.
Cravo, Oleo de Cajepu, Romeira.
- Cucurbitaceas.
Elaterio, Coloquintidas, Sementes frias.
- Grossularieas.
Groselheira.
- Tamariscineas.
Tamargueira.
- Umbellíferas.
Sementes carminativas, Cicuta, Gommas-resinas fetidas, Sumbul.
- Caprifoliaceas.
Madre-sylva, Sabugueiro.
- Rubiaceas.
Quina, Ipecacuanha, Café.
- Valerianeas.
Valerianas.
- Compostas.
Aromaticas, Amargo-aromaticas, Chicoreaceas, e Virosas.

- | | | | |
|-----------------------------|---|----------------------------------|---|
| Lobeliaceas. | <i>Lobelia inflata</i> , e <i>sylphilitica</i> . | Polygonaceas, Clenopodiaceas. | <i>Rhuibarbo</i> , <i>Bistorta</i> , <i>Azedas</i> , <i>Acelga</i> , &c. |
| Ericaceas. | <i>Uva-ursina</i> , <i>Medronheiro</i> . | Laurineas. | <i>Louro</i> , <i>Camphora</i> , <i>Cannella</i> , <i>Bebeerina</i> . |
| Styraceas. | <i>Storaque</i> , <i>Benjoim</i> , <i>Acido benzoico</i> . | Myristiceas. | <i>Noz moscada</i> . |
| Aquifoliaceas. | <i>Azevinho</i> . | Tymeleas. | <i>Mezereão</i> . |
| Jasmineas, Oleaceas. | <i>Jasmineiro</i> , <i>Azeite</i> , <i>Manná</i> . | Aristolochiaceas. | <i>Aristolochias</i> , <i>Azaro</i> . |
| Loganiaceas. | <i>Noz vomica</i> . | Piperaceas. | <i>Pimenta</i> , <i>Cubebas</i> . |
| Gencianaceas. | <i>Genciana</i> , <i>Fel da terra</i> . | Euphorbiaceas. | <i>Euphorbio</i> , <i>Ricino</i> , <i>Oleo de Croton</i> , <i>Cascarrilha</i> . |
| Apocynaceas. | <i>Scammonéa de Montpellier</i> . | Cupulíferas. | <i>Carvalho</i> , <i>Galhas</i> . |
| Convulvaceas. | <i>Jalapa</i> , <i>Scammonéa</i> . | Salicineas. | <i>Salgueiro</i> . |
| Solanaceas. | <i>Bella-dona</i> , <i>Stramonio</i> , <i>Tabaco</i> , <i>Meimendro</i> , &c. | Cannabineas, Urticaceas, Moreas. | <i>Canhamo</i> , <i>Urtiga</i> , <i>Lupulo</i> , <i>Amoreira</i> . |
| Labiadas. | <i>Amargas</i> , e <i>Amargo-aromaticas</i> . | Abietineas, Cupressineas. | <i>Pinheiros e seus productos</i> , <i>Zimbro</i> , <i>Sabina</i> , <i>Cypreste</i> . |
| Verbenaceas. | <i>Urgebão</i> . | Cycadeas. | <i>Sagú</i> . |
| Scrophularineas. | <i>Scrophularia</i> , <i>Veronica</i> , <i>Dedaleira</i> , &c. | Palmeiras. | <i>Tamaras</i> , <i>Cóco</i> , <i>Azeite de palma</i> , <i>Areca</i> . |
| Plantagineas, Plumbagineas. | <i>Tanchagem</i> , <i>Guiabelha</i> , <i>Dentilaria</i> . | Aroideas. | <i>Jarro</i> , <i>Serpentaria</i> , <i>Callamo aromatico</i> . |

- Zingiberaceas. *Cardamomo, Gingimbre, Curcuma, Zedoaria.*
- Irideas, Amaryllidas. *Lirio, Açafrão.*
- Liliaceas. *Acuçena, Scilla, Alliaceos, Aloes, Salsa-parilha, Espargos, Sangue de Drago, &c.*
- Melanthaceas. *Colchico, Cevadilha.*
- Gramineas. *Farinhas e secula de cereaes, Assucar, Gramma, &c.*
- Fetos, Lycopodiaceas. *Feto macho, Lycopodio.*
- Algas, Lichens, Fungos. *Musgo de Corsega, Musgo islandico, Musgo cargahen, Cravagem de Centeio, &c.*

Substancias animaes.

- Oleos e gorduras animaes. *Mel.*
- Productos gelatinoides. *Castoreo, Almiscar.*
- Colla de peixe, Ossos, &c.* *Cantharidas.*
- Productos albuminoides. *Sanguesugas.*
- Leite, Clara e gemma d'Ovo, Carnes medicamentosas.* *Esponja.*

Novo adhesivo para a reunião e cura das feridas; pelo Dr. Mellez.

A gomma lacca é a base d'este novo agglutinante, que se prepara dissolvendo em alcohol, a calor brando, uma quantidade d'aquella gomma, sufficiente para obter uma mistura de consistencia de geléa ou d'unguento brando. Para evitar a volatilisação do alcohol, e por conseguinte a demasiada condensação da mistura, conserva-se em um frasco de bocca larga, rolhado.

Quando se quizer fazer uso d'este novo adhesivo, não é preciso mais do que estendel-o com uma espatula sobre tiras de panno ou de tafetá, e applical-as methodicamente sobre a parte inferma.

Segundo o Sr. Mellez, reúne este agente as seguintes vantagens: 1.^a, é o mais seguro agglutinante até hoje conhecido, e ao mesmo tempo o mais fácil de manejar; 2.^a, sua virtude adhesiva resiste á acção dos liquidos, aos movimentos moderados dos enfermos, e pode-se conservar durante muitas semanas sem cahir; 3.^a, ainda depois de secco aproxima os bordos, das soluções de continuidade que se sujeitam á sua acção; 4.^a, pelo pouco tempo que gastam as feridas, em que se emprega este meio, em cicatrizar, ha motivo para crer que este agente exerce sobre ellas alguma cousa mais do que uma acção puramente mechanica; 5.^a, finalmente, nos apparelhos de fracturas, e sobre tudo de fracturas complicadas com feridas, é mui preferivel á dextrina.

Uso do oleo d'amendoas doces iodado na phthisica pulmonar.

Dous Medicos Inglezes, os Srs. Martin Duncann e Roger Nuun, com a ideia de substituir o oleo de figados de bacalhau, tão repugnante á maior parte dos doentes, experimentaram, no tractamento da phthisica pulmonar, o uso do oleo d'amendoas iodado, e ao parecer com melhores resultados.

A formula de que usaram é a seguinte:

Oleo d'amendoas doces..... meia onça,
Oleo commum..... duas oitavas,
Iodo puro..... meio grão,

Misture S. A. para tomar por tres vezes.

(*Bol. de M. C. y F.*)

H. J. Sousa Telles.

CHYMICA.

Analyse chymica das Aguas dos Poços em Setubal, denominados "Poço velho e Poço novo."

SENHORES! — A vossa Commissão Permanente de Chymica vem hoje apresentar-vos o seu Parecer ácerca de umas aguas que foram remettidas a esta Sociedade, pela Camara Municipal de Setubal, bem como de outras, que tambem vieram d'aquella Villa, mas que eram acompanhadas de um Officio do Ex.^{mo} Inspector das Obras Publicas do Reino.

AGUAS REMETTIDAS PELA CAMARA MUNICIPAL DE SETUBAL.

Estas aguas são de duas origens, mas ambas de poços que existem n'aquella Villa, e de que os habitantes fazem uso para bebida; como consta do Officio que o Ill.^{mo} Presidente da Camara remetteu junctamente com as aguas.

Vieram as aguas em quatro botijas de grés, das que costumam trazer genebra, tapadas com rolhas de cortiça, lacradas com lacre encarnado, e selladas com o sello da Camara; duas das quaes traziam a legenda *Agua do poço novo*, e as outras duas *Agua do poço velho*.

No ja mencionado Officio do Presidente da Camara pedia-se, que a Sociedade envie o resultado da analyse, para que a Camara saiba a natureza e qualidades das ditas aguas.

Methodo do ensaio.

Por eausa da pouca quantidade da agua não se fez a analyse quantitativa; mas determinámos a relação ponderal das materias fixas para 1 litro d'agua, e procurámos reunir todos os caracteres, que a analyse qualitativa nos podia fornecer, para nos habilitar a avaliarmos as qualidades da agua respectivamente aos seus usos como bebida ordinaria, como agente culinar, de lavagens, &c. &c.

MAPPA N.º 1.

REAGENTES.	PHENOMENOS E INTERPRETAÇÃO DAS REACÇÕES.	
	AGUA DO POÇO VELHO.	AGUA DO POÇO NOVO.
Papel azul de tornasol.	Nada.	Nada.
Dito de tornasol ligeiramente avermelhado, e xarope de violetas.	Idem.	Idem.
Alcohol de 40° na agua mãe.	Nada; ausencia de sulphato de cal.	Turvação branca; sulphatos.
Tinctura de sabão idem.	Nada.	Precipitado branco; sulphato de cal.
Chlorureto de baryo idem.	Mui ligeira turvação.	Precipitado branco abundante.
Azotato de prata idem.	Precipitado branco solúvel no ammoniaco.	Idem.
Protosulphato de ferro e acido sulphurico puro.	Nada, em agua mãe concentrada; ausencia de nitratos.	Idem.
Oxalato d'ammoniac.	Precipitado branco na agua, e no residuo insolúvel; saes de cal solúveis e carbonato de cal.	Idem, porém mais abundante.
Phosphato de soda ammoniacal juncto ao liquido separado pela filtração do oxalato de cal.	Ligeira turvação na agua mãe e nos saes insolúveis; saes de magnesia.	Idem.
Ferrocyanureto de potassio no residuo insolúvel.	Ligeira coloração azul.	Idem.
Acido chlorhydrico puro.	Effervescencia com os residuos insolúveis, e ligeira coloração em amarello; carbonatos e ferro.	Idem.
Ammoniac na dissolução chlorhydrica.	Turvação branca, mui ligeiramente corada; alumina e ferro.	Idem.
Chlorureto de platina.	Nada, na agua mãe concentrada.	Idem.
Antimoniato de potassa granuloso.	Precipitado branco na agua mãe concentrada; saes de soda.	Idem.
Sulphydrico na agua antes de concentrada.	Nada.	Idem.

Centro de Publicidade Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

MAPPA N.º 2.

REAGENTES.	PHENOMENOS E INTERPRETAÇÃO DAS REACÇÕES.	
	AGUA A.	AGUA B.
Papel azul de tornasol.	Nada.	Nada.
Dito de tornasol ligeiramente avermelhado, e xarope de violetas.	Idem.	Idem.
Alcohol de 40° na agua mãe.	Nada ; ausencia de sulphato de cal.	Turvação branca, sulphatos.
Tinctura de sabão idem.	Nada.	Precipitado branco ; sulphato de cal.
Chlorureto de baryo idem.	Mui ligeira turvação.	Precipitado branco abundante.
Azotato de prata idem.	Precipitado branco solavel no ammoniaco.	Idem.
Protosulphato de ferro e acido sulphurico puro.	Nada, na agua mãe concentrada ; ausencia de nitratos.	Idem.
Oxalato d'ammoniac.	Precipitado branco na agua e no residuo insolavel ; saes de cal soluveis e carbonato de cal.	Idem, porém mais abundante.
Phosphato de soda ammoniacal juncto ao liquido separado pela filtração do oxalato de cal.	Ligeira turvação na agua mãe, e nos saes insolueis ; saes de magnesia.	Idem.
Ferrocyanureto de potassio no residuo insolavel.	Ligeira coloração azul.	Idem.
Acido chlorhydrico puro.	Effervescencia com os residuos insolueis, e ligeira coloração amarella ; carbonatos e ferro.	Idem.
Ammoniac na dissolução chlorhydrica.	Turvação branca mui ligeiramente corada ; alumina e ferro.	Idem.
Chlorureto de platina.	Nada, na agua mãe concentrada.	Idem.
Antimoniato de potassa granuloso.	Precipitado branco na agua mãe concentrada ; saes de soda.	Idem.
Sulphydrico na agua antes de concentrada.	Nada.	Idem.

O numero por que representamos as materias fixas é o resultado medio de duas experiencias consecutivas feitas em cada agua, e em que esta foi evaporada sem ebullição, e o residuo deseccado a banho-maria para podermos determinar a totalidade das materias dissolvidas n'um litro d'agua, e obtermos tambem nas duas especies d'agua resultados comparaveis.

Fizemos ferver uma porção de cada uma das aguas até se reduzir a metade; separámos a agua mãe, contendo os saes soluveis, do deposito que se formara pela ebullição; ensaiámos separadamente estas duas partes; e para evitar repetições fastidiosas reunimos em um mappa, a indicação dos reagentes empregados, a descripção dos phenomenos a que deram logar, e os nomes das substancias cuja existencia nos foi revelada pelas reacções.

AGUA DO POÇO VELHO.

Materias fixas.

Esta não nos pareceu turvar-se no principio da evaporação; mas á medida que esta progredia ia-se formando um deposito de materias insoluveis.

A media das duas experiencias deu o seguinte resultado.

Agua 1; materias fixas = $\overset{\text{lit.}}{1}$; $\overset{\text{gr.}}{0,208}$.

Propriedades physicas e organolepticas.

Perfeita limpidez.

Cheiro, nullo.

Sabor, franco e agradável.

AGUA DO POÇO NOVO.

Materias fixas.

Agua 1; materias fixas = $\overset{\text{kt.}}{1}$; $\overset{\text{gr.}}{0,760}$.

Esta agua differe da anterior em ter o sabor um tanto cru. (Vide Mappa n.º 1.)

A Commissão conclue:

1.º Que a agua denominada do *poço velho* é agua potavel de boa qualidade, e que por tanto pode servir nos diferentes usos a que taes aguas são destinadas.

2.º Que a agua do *poço novo* é muito inferior á antecedente, e que so deve substituil-a em caso de necessidade e na falta de outra qualquer de melhor qualidade.

AGUAS MANDADAS PELA INSPECÇÃO DAS OBRAS
PUBLICAS.

No Officio dirigido pelo Ex.^{mo} Sr. Barão da Luz, como Inspector Geral das Obras Publicas, ao Ill.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade, diz-se que estas aguas são de dous poços que ha em Setubal, e que abastecem de agua as embarcações que aportam ao Rio Sado; e pede-se a opinião da Sociedade sobre qual d'ellas merece preferencia, tanto em relação ás suas propriedades sanitarias, como á sua maior incorruptibilidade, e isto para o Governo de Sua Magestade poder deliberar sobre uma questão entre a Camara Municipal d'aquella Villa e o proprietario José Cordeiro Feio.

Estas aguas vieram em quatro garrafas de meia canada; duas com o sello da Camara, e as outras duas sem o dito sello; mas todas as quatro selladas com o sello das Armas Reaes, e com a legenda — Administração do Concelho de Setubal.

Ensaíamos separadamente a agua que vinha nas garrafas que não traziam o sello da Camara, que designamos (A), e a que vinha nas garrafas com o dito sello, que designamos (B).

N'estas aguas seguimos o mesmo methodo que nas que foram remettidas pela Camara, e tivemos os resultados seguintes:

Agua (A).

Materias fixas.

lit. gr.
Agua 1; materias fixas = 0,209.

Propriedades physicas e organolepticas.

Perfeita limpidez.

Sabor, franco e agradável.

Cheiro, nullo.

Agua (B).

Materias fixas.

lit.

gr.

Agua 1; materias fixas = 0,761.

Propriedades phisicas e organolepticas.

As mesmas, e o sabor crú.

Em quanto ás reacções, a Commissão refere-se em tudo ao Mappa que acompanha a primeira parte d'este Relatorio. (*Vide o Mappa n.º 2.*)

Conclue a Commissão:

1.º Que a Agua (A), isto é, a que vinha sem sello, é potavel.

2.º Que a Agua (B) é de qualidade inferior e so deve usar-se quando absolutamente não haja outro recurso.

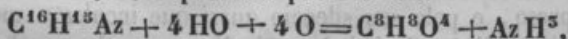
3.º Que, finalmente, a primeira agua é preferivel á agua que denominamos (B) em relação ás suas propriedades sanitarias; e que, em quanto á incorruptibilidade dellas, parece que ambas se acham em eguaes circumstancias, pelo que podémos observar nas amostras que nos foram remettidas.

Laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 30 de Abril de 1851. — *José Alexandre Rodrigues.* — *Izidoro da Costa Azevedo.* — *Antonio Gomes Alves.* — *Vicente Tedeschi.* — *José Tedeschi.*

Sobre a composição da conina; pelo Sr. R. Wagner. (*)

Resulta das experiencias do Sr. Blyth, que sob a influencia dos reactivos oxydantes, a conina fornece o acido butyrico.

Esta reacção, expressada pela formula —



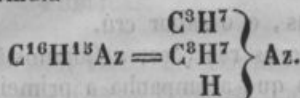
levou o Sr. Wagner a emittir uma hypothese ácerca da composição da conina.

Fundando-se nas ideias do Sr. Hoffmann, relativas á

(*) Journ. f. prakt. Chem., t. 51., p. 238.

composição das bases imidéas (*biethylamina*, &c.), julga o auctor que a coniina provém do ammoniaco, no qual, dous equivalentes d'hydrogenio foram substituidos por outros dous de burytila C^3H^7 .

A composição d'esta base volatil designar-se-hia por conseguinte pela formula



(*J. de Ph. et de Chimie.*)

E. R. d'Oliveira.

PECAS OFFICIAES.

Ill.^{mo} Sr. Director da Commissão de Redacção do Jornal da Sociedade Pharmaceutica. — Tendo lido no n.^o 9 do Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, a pag. 305, que « no Prologo do Jornal de Julho da Sociedade « das Sciencias Medicas de Lisboa, o Sr. Dr. Guerreiro « é declarado *Urbi et Orbi*, membro podre da Sociedade » na qualidade de redactor d'aquelle Prologo, e com a devida venia, venho declarar solemnemente que nem tal asserção se acha no dito Prologo, nem eu faria parte de commissão alguma, que tão brutalmente injuriasse um Collega meu; e com especialidade o Sr. Guerreiro, por quem tenho *sympathia* e toda a deferencia.

N'esse Prologo citado le-se a pag. 7 do Jornal de Julho « que aquelle que está incumbido pela mesma Sociedade de a fazer conhecida e respeitada pelas suas publicações litterarias, dorme o somno da indifferença e do « desprezo, e pelo seu silencio quasi que inculca a morte « proxima d'essa Sociedade; ai d'esse membro podre e « gangrenado d'essa corporação, que a colloca na dura alternativa de morrer, ou de soffrer uma dolorosa amputação! »

E logo em seguida se nota esta declaração « Conhece-

«mos perfeitamente o zelo, e o interesse de todos os nos-
«sos Consocios, e por isso temos a certeza que jamais
«se verificará tão cruel hypothese.»

Perguntaremos agora desapaixonadamente, se á vista
d'estes periodos se pode colligir, nem se quer a intenção
d'injuriar algum?

Peço em nome da honra da Classe Medica a inserção
d'esta minha carta no proximo numero do Jornal da So-
ciedade Pharmaceutica.

Largo dos Caldas, em 12 de Outubro de 1851. — S.^a
Beirão.

Estadística da Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusita-
na, do seu 16.^o Anno Litterario, findo em 23 de Julho de
1851.

Representações dirigidas ao Governo de Sua Ma- gestade	3
Portarias, Officios, e Cartas recebi- das de.....	97
	} diferentes Auc- toridades, Cor- pos Collectivos, Membros da So- ciedade, &c.
Officios e Circulares expedidas a.....	166
Diplomas passados a diversos Membros.....	32
Titulos passados aos Funcionarios da Sociedade...	29
„ „ aos Delegados, 1. ^{os} e 2. ^{os} Sub-Delegados	115
Consultas da Sociedade.....	4
Actas das Sessões da Sociedade.....	23
Folhetos do 1. ^o Tomo da 2. ^a serie do Jornal (os n. ^{os} 8 a 12).....	5
Folhetos do 2. ^o Tomo da 2. ^a serie do Jornal (os n. ^{os} 1 a 7).....	7
Lisboa e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusi- tana, em 31 de Julho de 1851.	

Henrique José de Sousa Telles,

1.^o Secretario.

REVISTA DOS JORNAES.

Operação da talha. — No dia 2 de Outubro na infirmaria de Sancto Amaro, do Hospital de José, practiou o nosso amigo e collega Antonio Maria Barbosa a operação da talha laterisada com felicissimo resultado e com a perfeição e sciencia que o caracteriza. O doente, que era um rapaz de dezoito annos, foi chloroformisado em dous minutos, e dous minutos gastou tambem a operação. Extrahiu-se uma pedra do tamanho e forma d'uma castanha grande, e de $5\frac{1}{2}$ oitavas e seis grãos de peso. Não nos consta que em Portugal se tenha feito esta delicada operação n'um tão curto espaço de tempo como o que gastou o Sr. Barbosa.

Não houve nem ha febre amarella em Lisboa. — O Boletim de Medicina C. y F. de Madrid diz, no seu *Boletim de epidemias*, que segundo alguns jornaes tinham apparecido ultimamente em Lisboa alguns casos de febre amarella, como no Porto. Podemos asseverar ao Collega que tal noticia é falsa.

Febre amarella no Porto. — Segundo as ultimas noticias officiaes d'aquella Cidade, desde o dia 5 até hoje (14), não tem havido algum caso novo de febre.

Escholiaste Medico. — O antigo Jornal dos Facultativos Militares, cuja publicação se interrompeu desde Junho de 1849, appareceu de novo com o titulo modesto de *Escholiaste Medico*. O primeiro e segundo numero da segunda serie trazem diversos artigos originaes e traduzidos, e vem em bom papel e com bom typo.

Lembramos aos seus Redactores, os Srs. A. G. do Valle e J. A. Marques, que seria util para o Jornal o dedicar algum espaço para assumptos de Pharmacia e de Veterinaria. Esta ultima Sciencia, graças á intelligencia e dignidade dos Professores da Eschola Veterinaria, pode e deve ter um logar nos Jornaes de Medicina, principal-

mente militares, que assim concorrerão para que muitos trabalhos importantes não fiquem no esquecimento.

Separação do protoxydo e bioxydo de cobre. — Segundo o Sr. Henry Rose o carbonato de baryta precipita o bioxydo de cobre das suas dissoluções, e não precipita o protoxydo. Havendo uma dissolução mixta dos dous oxydos separam-se com facilidade, tractando-a por aquelle reagente, e agitando-a por algum tempo, fora do contacto do ar, para que o sal de protoxydo se não transforme. O sal de bioxydo precipita-se, e o de protoxydo fica em dissolução. Dósam-se (*J. de Ph. et de Ch.*).

Cabelleireiros e perfumeiros. — O Boletim de Medicina C. y F. de Madrid publicou um decreto de S. M. C. em que os Subdelegados de Saúde, pertencentes á Faculdade de Pharmacia, são obrigados a reclamar perante os Governadores das Provincias e Alcaldes, sempre que se vendam ou annunciem pós ou outra qualquer preparação dentifrica, pomadas, elixires, aguas, essencias, sabões, e mais artigos de perfumarias, indicados como uteis para a cura, tractamento, ou preservação de alguma doença interna, ou externa. Segundo o mesmo decreto dever-se-ha proceder do mesmo modo quando nas etiquetas dos frascos, vidros, caixas, ou papeis destinados a involver os artigos de perfumaria ou nas instrucções ou programmas, repartidos separadamente, se recommendarem aquelles como proveitosos para combatter, mitigar, ou prevenir as enfermidades internas ou externas; e mesmo quando conste que na composição dos depilatorios, pomadas, ou outras preparações entram substancias venenosas em tal quantidade, que possam causar damno notavel ás pessoas que as usarem. Os Delegados não poderão oppôr-se á venda de quaesquer outros artigos de perfumaria, não comprehendidos nos casos acima mencionados.

¿ Que fazem as Auctoridades em Portugal? ¿ Por que não vão, ao menos, imitando estas e outras medidas que a nossa vizinha Hespanha vae pondo em vigor?

Quarentenas. — *L'Abeille Médicale* annuncia terem concorrido ao Congresso Sanitario de Paris doze Nações,

que são : a França , Inglaterra , Austria , Russia , Hespanha , Portugal , Sardenha , Toscana , Sancta Sede , Duas-Sicilias , Turquia , e Grecia. Cada uma d'estas Nações é representada por um Medico e um Consul.

Tabaco de fumo. — O Boletim de Medicina C. y F. queixa-se amargamente, em o seu n.º 36 de 7 de Setembro, da má qualidade do tabaco que se fuma em Hespanha, e prova os muitos damnos que do seu uso estão resultando. Collega, posso afirmar-lhe que em parte alguma se fuma tabaco peor que em Portugal. Aqui os cigarros e charutos teem todas as más qualidades que podem ter, excepto a de enriquecerem meia duzia de homens, que o Governo auctorisa para irem lentamente envenenando o publico por um preço exorbitante.

Novo Jornal de Medicina. — Vae publicar-se um Jornal de Medicina practica portugueza. Este jornal será sustentado pela Commissão Administrativa do Hospital de S. José, coadjuvado pelo Governo, collaborado por todos os Facultativos do mesmo Hospital, e redigido por uma Commissão creada d'entre elles. Seja bem vindo.

Aviso aos Pharmaceuticos. — Todos os Pharmaceuticos estabelecidos são obrigados, em conformidade da Portaria do Ministerio do Reino de 6 de Dezembro de 1850, a enviar durante este mez de Outubro ás Escolas de Pharmacia as participações annuaes dos Practicantes que teem nas suas boticas, para não ficarem sujeitos ás penas da Lei. Lembrámos aos nossos Collegas que seria conveniente participarem tambem ás Escolas os annos de practica que teem os seus Ajudantes, a fim de não lhes fazerem perder a antiguidade adquirida. Este aviso é quasi identico ao que o Sr. Tedeschi (José) fez na chronica do seu Jornal.

Fallecimento. — Morreu em Coimbra o Pharmaceutico Antonio da Encarnação Coelho, Administrador da Botica do Hospital da Universidade.

Homoeopathia. — A doutrina d'Hahnemann vae ser pregada no Egypto, na Persia, e no Indostão, por uma linda joven chamada Siete, que para alli partiu em com-

panhia do Dr. Mure. Se em vez do Dr. Proença, tivesse vindo para Lisboa a formosa evangelisadora, quem deixaria de correr ao consultorio? Até então o Medico de Fanhões deixaria em meio a sua estatistica inedita, para vir iniciar-se nos augustos mysterios da sciencia dos infinitesimos.

Galardão academico. — O Redactor da Gazeta Medica do Porto, mencionando as nomeações que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana fez do Sr. Sousa Dias para seu Membro Benemerito, e do Sr. Furtado Galvão para Membro Honorario, estranha não ter sido igualmente galardoado o Lente de Materia Medica e Pharmacia da Cidade do Porto. Respondemos que existe na Commissão de Direito Pharmaceutico, ha tempo, uma proposta do Sr. Corrêa, para que aquelle Senhor seja nomeado Membro Honorario. A Commissão, occupada com trabalhos anteriores, e urgentes, ainda não deu o seu parecer á Sociedade, para seguir os tramites legais.

Agua ferreas de S. Thiago de Frayão. — O Sr. Dr. José Joaquim de Sousa Pereira Caldas, Lente de Mathematica no Lycéo Nacional de Braga, enviou á Sociedade um exemplar da analyse, por elle feita, da agua ferrea acima mencionada, e que a Camara d'aquella Cidade distribue gratuitamente a quem lh'a exige. A Commissão de Chymica dará ácerca d'ella o seu parecer. E' um trabalho que faz honra ao seu auctor.

Morte causada pelo chloroformio. — A senhora Simon, de trinta e seis annos d'idade, de boa constituição, e de temperamento bilioso-sanguineo, recorreu a um official de saúde para lhe extrahir alguns dentes, que estavam cariados. Para este fim assentou-se em uma cadeira, reclinou a cabeça sobre o peito d'uma criada, e estendeu a mão esquerda para seu marido, que estava a seu lado. O official de saúde explicou-lhe o modo de obrar do anesthesico, e dispunha-se para lhe fazer respirar dez grammas de chloroformio, quando a senhora Simon se ergueu pronunciando palavras incoherentes, e querendo evitar a operação. Passados poucos minutos socego, tomou

a primeira posição, e exigiu ser operada. Applicaram-lhe sete grammas de chloroformio lançadas sobre um panno, que pozeram adiante da bocca e das narinas. A enferma indicou começar a sentir a influencia do agente, fez uns pequenos movimentos e pareceu insensivel. O operador tirou-lhe tres dentes com a maior promptidão, e so suspendeu a operação quando o marido chamou a sua attenção sobre o estado de sua mulher, que lhe pareceu extraordinario. A doente tinha morrido. O Sr. Eissen prometteu publicar a autopsie a que procedeu uma Commis-são nomeada pelo Procurador da Republica. E' provavel que seja transcripta no Jornal de Chymica Medica Pharmacia e Toxicologia, d'onde extrahimos esta noticia.

Um Pharmaceutico premiado. — O Presidente da Republica, por proposta do Ministro de Instrucção Publica, nomeou Membro da Legião d'Honra o Sr. Gobley, Pharmaceutico muito distincto pelas suas, ja numerosas, publicações scientificas. Os discipulos do Sr. Gobley, logo que souberam da sua nomeação, compraram uma cruz da Legião d'Honra, e quando o seu professor se assentou á mesa achou-a sobre o seu guardanapo.

Opio francez. — O Sr. Chevallier, na Sessão de 2 de Setembro proximo passado da Academia de Medicina, dando conta das experiencias do Dr. Aubergier sobre o opio indigena da França, fez sentir a conveniencia que resultaria para a practica medica de não empregar, nas preparações pharmaceuticas, opio que primeiro não tivesse sido analysado, a fim de que o Medico podesse contar com o valor do medicamento que prescreve. Para conseguir-se este resultado lembrou os dous meios seguintes:

- 1.º Estabelecer que todos os medicamentos opiados serão preparados com opio contendo 9 a 10 por 100 de morphina.

- 2.º Pedir-se ao Ministro do Commercio que não se admitta no commercio opio que não tenha sido analysado chymicamente, a fim de que o comprador possa saber a quantidade de morphina n'elle contida.

Divisão das gommaz-resinas nas poções e no em-

plastro de diachylão. — O Sr. Poulenc em vez de suspender as gomas-resinas, que entram nas poções, por meio da gemma d'ovo, emprega 6 a 8 gottas d'oleo de amendoas por gramma; logo que o oleo está bem incorporado, e a pasta homogenea, ajuncta primeiro e pouco a pouco agua, e depois toda a quantidade do vehiculo prescripto, operando como na preparação da mucilagem d'um looch. Operando d'este modo o producto pode aquecer-se sem que haja coagulação. Na preparação do emplastro de diachylão opera-se do seguinte modo. Contundem-se com força as gomas resinas inteiras n'um almofariz de ferro; depois, em um almofariz de marmore ou de porcellana, incorpora-se o oleo, e ajuncta-se sufficiente quantidade de agua para obter uma emulsão de consistencia de mel liquido: cõa-se, com expressão, por um coador ralo, evapora-se o producto coado para separar alguma agua entreposta, que contenha, e logo que a massa tem a consistencia de extracto molle mistura-se com os outros elementos do emplastro.

O emplastro fica de bello aspecto, e com cheiro pronunciado das gomas-resinas, que o compoem. Se por acaso a pequena quantidade d'oleo, que emulsiona as gomas-resinas, diminuisse a consistencia do emplastro, poder-se-hia diminuir a quantidade de terebinthina.

Estatística escolastica. — *Cursaram Medicina, Cirurgia e Pharmacia nas Universidades de Hespanha, no anno de 1850 a 1851, os seguintes:*

Medicina. Em Barcelona, 318 — Granada, 33 — Madrid, 569 — Salamanca, 23 — Santiago, 149 — Sevilha, 204 — Valencia, 180 — Total, 1.746.

Cirurgia. Barcelona, 8 — Madrid, 8 — Santiago, 6 — Sevilha, 7 — Valencia, 22 — Total 51.

Pharmacia. Barcelona, 140 — Granada, 10 — Madrid, 330 — Total 480.

O Boletim de Medicina C. y F. d'onde extrahimos esta estatística, diz que do curso de 1851 a 52 deverão sahir das Escolas uns 300 Medicos e Cirurgiões, e 100 Pharmaceuticos.

Legado scientifico. — O Dr. Fecker deixou á Academia das Sciencias de Paris um legado de 800,000 reaes para se fundar um premio annual para o auctor da obra mais util sobre chymica organica.

Digitalina. — Tiveram a bondade de nos enviar de Paris um folheto de cincoenta e cinco paginas, cujo titulo é: *Mémoires sur la Digitaline par MM. Homolle e Quevenne.* = Rapports faits a l'Académie nationale de Médecine, le 8 Janvier 1850 et le 4 Février 1851. = Commissaires: MM. Rayer, Soubeiran, Bouillaud, Rapporteur. = A primeira das duas memorias divide-se em duas partes, uma consagrada ao estudo da digitalina, a outra exclusivamente dedicada a todos os outros principios que se acham na digitalis. A primeira parte divide-se nos seguintes paragraphos: 1.º *Purificação da digitalina e suas propriedades chymicas.* 2.º *Ensaio da digitalina.* 3.º *Forma medicamentosa mais conveniente para a administração da digitalina.*

N'uma outra Memoria os Srs. Homolle e Quevenne propozeram-se estabelecer « que a digitalina é o unico principio activo da digitalis; que apresenta todas as propriedades physiologicas e therapeuticas da digitalis, e que a constancia de seus effeitos, bem como a sua inalterabilidade, fazem que seja incontestavelmente mais vantajosa que as preparações pharmaceuticas da digitalis. » Além d'isto procuraram « determinar o modo de acção que a digitalis exerce sobre o órgão central da circulação, e consequentemente as indicações que este agente therapeutico deve satisfazer. » O relatorio que a Comissão apresentou á Academia é extenso e digno de se ler como modelo *in genere.* Recommendamos aos nossos Collegas e aos Medicos e Cirurgiões a leitura d'este folheto.

Sousa Telles, Junior.

PHARMACIA.

Das falsificações de varios medicamentos e substancias alimentarias, e dos meios de reconhecê-las. Extracto de diversos Auctores; continuado de pag. 322.

PÃO DE TRIGO.

O pão de trigo, de boa qualidade, deve ser leve, poroso, elastico, branco, e bem cosido. Com estes attributos se torna de mais facil digestão. O pão que for mais pesado, chato, trigueiro, de sabor acido e amargoso, é porque á farinha de trigo se ajunctou a de outros cereaes ou das leguminosas.

Os padeiros dolosos teem ajunctado, no fabrico do pão, varias substancias mineraes, com o fim de augmentar o peso e dar-lhe melhor apparencia, que diminuem ou destroem a sua qualidade nutritiva, e que muito damno podem causar á saúde publica. Estas substancias são: a pedra hume — os sub-carbonatos, de magnesia, de potassa, e d'ammonia — os sulphatos, de cobre e de zinco — a argilla — gêsso — e cré.

Os meios de reconhecer estas substancias, e outras particularidades, foram por mim e pelo nosso Consocio, o Sr. Henrique José de Sousa Telles, enunciados na Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em Sessão de 8 d'Abril de 1847, quando se discutiu o ponto scientifico *« Quaes são as falsificações a que o pão está sujeito, e os meios de reconhecê-las? »* e se acham insertos n'este Jornal, tomo 5.^o da 1.^a serie, pag. 48 e 50.

PHOSPHATO DE SODA.

Phosphato sodico, Proto-phosphato de sodio, Sub-phosphato de soda, Soda phosphorada, Alkali mineral phosphorado.

O phosphato de soda ($\text{NO} + 2\text{Ph}^2\text{O}^3$) costuma ser adulterado com o sulphato de soda, e carbonato d'esta base. Certificamo-nos da presença do sulphato, empregando

2.^a Serie, T. II. — N.^o 11.

a agua de baryta, que produz, no soluto aquoso, um precipitado de phosphato e sulphato de baryta; o primeiro dissolve-se no acido azotico, e o segundo é insolavel. O carbonato de soda, se tambem existir misturado no phosphato, produzirá effervescencia com os acidos. (*Dorvault.*)

PO DE JOANNES.

Oxydo mercurico, Bi-oxydo de mercurio, Deutoxydo de mercurio, Oxydo nitroso de mercurio, Oxydo vermelho de mercurio, Precipitado vermelho, Precipitado rubro, Mercurio vermelho, Arcano corallino.

O po de Joannes (HgO) é algumas vezes misturado com o minio, tijolo em po, e materias vegetaes. Aquecido em uma pequena retorta, decompõe-se; e, levado ao calor rubro, deixa em residuo as substancias estranhas.

Este residuo, tractado pelo acido azotico, deixará um precipitado vermelho, que é o tijolo, e um po vermelho-escuro que é o minio.

Se lhe houverem sido adicionadas materias vegetaes, deitado um pouco de po n'agua, o oxydo precipita-se, e as materias vegetaes sobrenadam.

Finalmente, para nos certificarmos de que não contém azotato de mercurio não decomposto, aquece-se uma pequena quantidade, que não deverá desinvolver vapores rutilantes d'acido hypo-azotico. (*Pédroni.*)

POMADA MERCURIAL.

Liparolado de mercurio, Estearolado de mercurio, Unguento mercurial, Unguento d'azougue, Unguento napolitano.

A pomada mercurial (*pomatum hydrargyrosum*) apparece sophisticateda no commercio, com a mistura de diversas substancias, tendentes a supprir a ausencia d'uma parte do mercurio que lhe subtrahem. E' ordinariamente com a plumbagina ou com a ardosia em po que se opéra esta fraude.

Para apreciar similhante sophisticatedão, toma-se um peso dado da pomada mercurial que se pretende ensaiar, introduz-se n'um pequeno matrás, e tracta-se repetidas ve-

zes pelo ether fervendo. Este vehiculo dissolve a banha, e o mercurio se amontoa no fundo do matrás com as materias estranhas. Tomando-se o peso do mercurio, apreciava-se facilmente a fraude. (*Pédroni.*)

PRATA DE CUPELLA E PRATA EM FOLHAS.

Como se está em uso procurar no commercio a prata, para as preparações dos nitratos de prata crystallizado e fundido, assim como reduzida a folhas delgadas para cobrir as pilulas; julgamos dever indicar os meios facéis de reconhecer a que contém cobre, cujo uso se pode aliás tornar perigoso.

Para attingir este objecto, deitam-se em um pequeno matrás alguns fragmentos da prata que se quer ensaiar, lança-se-lhe acido nítrico diluido em igual peso d'agua distillada, aquece-se para operar a dissolução, e ajuncta-se depois um excesso d'ammonia liquida. Se a prata contém cobre, o liquor se colora em azul, e não o tendo fica incoloro. (*Bussy.*)

QUEIJO.

Em Inglaterra coloram o queijo com o urucu (*bixa orellana*, L.), e em Italia com o açafão (*crocus sativus*, L.).

Certos queijos, absorvendo a humidade do ar, alteram-se e se putrefazem; taes são os de Brie, Marolles, Livarot, &c.

Os preparados na Suissa merecem grande reputação, em consequencia do acieio das queijarias, e da vigilancia empregada pelos Magistrados para prevenir as epizooticas.

Alguns fabricantes ajunctam ao queijo a fecula da batata, tirada a pellicula depois de submettida a acção da agua a ferver. Esta fraude, que aliás nenhum damno causa á saúde, conhece-se pondo o queijo em contacto com um soluto iodico. (*Garnier e Harel.*)

Os queijos muito antigos podem tornar-se nocivos e perigosos; encontram-se na sciencia envenenamentos d'este genero. Em Chymica, os queijos fermentados, são consi-

derados verdadeiros saes (*caseatos*); os queijos *molles*, *brancos*, &c., preparam-se com o caseo misturado com certa quantidade de manteiga, nata, e sôro. (*Foy.*)

QUINAS.

As principaes falsificações das quinas consistem em misturar-lhes as especies inferiores. Um exame attento e um ensaio analytico bastam n'este caso.

Ha tempos a esta parte que se teem tractado as quinas inteiras pela agua acidulada, a fim de lhes extrahir alguma porção do seu alcaloide; e, depois de sêccas, as misturam com outras de boa qualidade.

O melhor meio de conhecer se as quinas são de boa qualidade é, sem duvida, submettel-as á analyse chymica.

RAIZ D'ALTHEA OU DE MALVAISCO.

A raiz d'althea (*althæa officinalis*), da monadelphia polyandria de Linneo, e da familia das malvaceas de Jussieu, costuma ser, no commercio, misturada com outras raizes das malvaceas, e bem assim branqueada pela cal. O nosso Consocio, o Sr. Henrique José de Sousa Telles, apresentou um artigo acerca d'esta substancia, contendo os meios de reconhecer as suas substituições e sophisticações; o qual vem inserto n'este Jornal, tomo 3.º da 1.ª serie, pag. 571.

RAIZ D'ANGELICA.

A raiz d'angelica (*angelica archangelica*), da pentandria digynia de Linneo, e da familia das umbelliferas de Jussieu, encontra-se no commercio substituida pela angelica sylvestre (*angelica sylvestris*, L.); sendo esta menos activa, menos aromatica, e menos sapida, e não contendo o seu interior as juncturas e pontos amarellos da angelica verdadeira. (*Ebermayer.*)

RAIZ DE CALUMBA.

A calumba (*cocculus palmatus*, D. C., *menispermum palmatum*, Lam., *menispermum colombo*, Berry), da diecia

dodecandria de Linneo, e da familia das menispermeas de Jussieu, fornece a raiz de que nos occupamos.

No commercio encontra-se substituida por outra desconhecida, em rodinhas ou tronchos menos regulares que a verdadeira, quasi inodora, menos amarga, não radiada, com parenchyma amarellado; o seu infuso colora em vermelho pela tinctura de tornasol, em azul pela de iodo, e em verde-garrafa com o soluto de proto-sulphato de ferro. Esta falsa raiz é vinda dos estados barbarescos.

RAIZ DE GALANGA.

A raiz de galanga (*kampferia galanga*, *maranta galanga*), da monandria monogynia de Linneo, e da familia das amomeas de Jussieu, é algumas vezes misturada com a de junco (*cyperus longus*, L.); mas distingue-se pela sua côr negra, sabor amargo e adstringente, e pouco arôma.

RAIZ DE GENCIANA.

A raiz de genciana (*gentiana lutea*), da pentandria digynia de Linneo, e da familia das gencianeas de Jussieu, encontra-se associada com as raizes, d'aconito, bella-donna, e helleboro branco. A simples vista é sufficiente para descobrir estas misturas, pelos differentes caracteres botanicos que apresentam.

RAIZ D'HELLEBORO NEGRO.

A raiz d'helleboro negro (*helleborus niger*), da polyandria polygynia de Linneo, e da familia das ranunculáceas de Jussieu, é substituida por uma sorte d'helleboro d'origem desconhecida; contendo raizes ou rhyzomas articuladas, em tronchos irregulares, de 2 a 5 pollegadas de comprimento, privadas de radículas, côr de castanha no exterior, e avermelhadas no interior. Conforme o Sr. Guibourt, uma oitava ou oitava e meia de po, d'esta falsa raiz, não produziria effeito. (*Galtier.*)

RAIZ D' IPECACUANHA.

Cipó das Boticas, Poaya do Matto, Poaya das Boticas.

A raiz d' ipecacuanha (*psychotria emetica*, L., *callicocca ipecacuanha*, Dr. Gomes e Brotero), da pentandria monogynia de Linneo, e da familia das rubiaceas de Jussieu, é adulterada com as falsas ipecacuanhas, especialmente com a raiz emetica (*cynanchum ipecacuanha*) de Willdenow.

RAIZ DE JALAPA.

A raiz de jalapa (*convolvulus jalapa*), da pentandria monogynia de Linneo, e da familia das convolvulaceas de Jussieu, é algumas vezes substituida por pedaços de que se extrahiu resina pelo alcohol. Observa-se esta fraude, partindo os pedaços que não apresentarem riscas negras, de côr escura quasi uniforme em todas as suas partes, e produzirem mui pouca resina pelo alcohol.

Tambem é falsificada com a raiz de bryonia, que é mais leve, tem a côr mais pallida e esbranquiçada, e o tecido esponjoso. (*Ebermayer*.)

RAIZ DE VALERIANA.

A raiz de valeriana (*valeriana officinalis*), da triandria monogynia de Linneo, e da familia das valerianaceas de Jussieu, tem apparecido no commercio adulterada com diversas raizes de ranunculos. O Professor Hoppe diz que esta falsificação é muito commum na Alemanha, ajuntando á valeriana verdadeira o *ranunculus polyanthemus*, *r. repens*, e o *r. bulbosus*, L., cujas raizes são formadas de filamentos escuros, mais ou menos esbranquiçados, simplices, inodoros, grossos como a cauda d'um rato; e que, pela sua reunião, parecem formar uma especie de tuberculo, do qual se elevam as folhas radicaes particulares aos ranunculos. (*Ebermayer*.)

RESINA D'ELEMI.

A resina d'elemi é um succo oleo-resinoso, obtido por

incisões feitas nos troncos das arvores, *amyris elemifera*, L., e *icica icicariba*, D. C., da octandria monogynia de Linneo, e da familia das terebinthaceas de Jussieu; é algumas vezes imitada por uã mistura de elemi verdadeiro, resina amarella, e terebinthina. Reconhece-se facilmente esta composição, pelo cheiro da terebinthina e da resina, que se desinvolve pelo attrito e pelo calor. Deve-se rejeitar a resina d'elemi impura e escura.

Apparece quasi sempre, em logar da resina elemi verdadeira, uma outra conhecida no commercio com o nome de *galipot*, cuja apparencia muito se assemelha. Reconhece-se a fraude, amollecendo entre os dedos uma pequena quantidade de resina duvidosa, que é então muito mais viscosa que a d'elemi, e lança um cheiro forte de terebinthina. (*Ebermayer*.)

RESINA DE GUAYACO.

A resina de guayaco é fornecida pelo *guayacum officinale*, arvore da decandria monogynia de Linneo, e da familia das rutaceas de Jussieu.

Esta resina é sophisticada por uma resina artificial, preparada com o alcohol e o lenho de guayaco; cuja côr é mais escura, o sabor menos acre e somente resinoso e amargo; é menos activa que a resina natural, completamente solúvel no alcohol, ao passo que a outra deixa sempre um residuo.

Tambem é, algumas vezes, falsificada com a colophonia, ou com a resina commum; cuja fraude se conhece pelo cheiro que desinvolvem estas substancias, lançando uma pequena quantidade sobre carvões ardentes.

O Sr. Schaub indica um processo particular para a reconhecer, e consiste em solver a resina suspeita no alcohol, precipital-a pela agua, e pondo-a em contacto com um alcali caustico; a resina pura dissolve-se na totalidade, em quanto que a falsificada não dá uma dissolução completa. (*Ebermayer*.)

RESINA DE JALAPA.

A resina de jalapa forma a decima parte da raiz; é umas vezes falsificada com o carvão, jalapa em po, resinas de pinheiro e de guayaco; outras vezes com a resina de guayaco, colophonia, resina d'agarico, e uma pequena quantidade de resina de jalapa. Os meios de reconhecer estas fraudes, consistem: 1.º, em tractar a resina suspeita pelo ether sulphurico a frio, que tem a propriedade de solver mui pequena quantidade de resina de jalapa; 2.º, se tiver misturada a resina de guayaco, o seu soluto alcoolico se colera em azul, ajunctando-se-lhe mucilagem de gomme arabica.

No tomo 5.º da 1.ª serie d'este Jornal, pag. 303, existe um importante artigo traduzido pelo nosso Consocio, o Sr. Henrique José de Sousa Telles, com a epigraphe «Meio de reconhecer, pelo chlorureto de soda, a presença da resina de guayaco na de jalapa.» (Continúa.)

J. D. Corrêa.

Pharmacia veterinaria; continuada de pag. 194.

Pomada de cantharidas.

Cantharidas em po..... 18 grãos,
Banha..... 3 oitavas,
Cera amarella..... $\frac{1}{2}$ ”

(Moiroud.)

Pomada contra a agua nas pernas (DEBEAUX).

Galha em po..... }
Sulphato de zinco..... }
„ de cobre..... } ãa.. 1 onça,
Verdete..... }
Lithargyrio..... }
Mel..... q. s.

Pode-se substituir o mel pelo acido acetico.

Pomada contra a sarna dos carneiros (DAUBENTON
e TESSIER).

Banha fresca.....	} aa.. 4 onças.
Essencia de terebinthina.....	
M.	(Delafond e Lassaigue.)

Pomada contra as gretas na dobra dos joelhos (WHITE).

Cerato sem agua.....	2 onças,
Azeite.....	1 „
Camphora.....	} aa... 1 oitava,
Essencia d'alecrim.....	
Extracto de Saturno.....	2 onças.

Pomada contra as molestias de pelle dos cães (BLAINE).

Alcatrão.....	3 onças,
Cal.....	1 e $\frac{1}{2}$ „
Banha.....	8 „

Pomada contra o arestin do cavallo (WHITE).

Acido sulphurico.....	2 onças,
Banha.....	5 „

Pomada contra os joelhos coroados (WHITE).

Cerato sem agua.....	1 onça,
Camphora.....	2 oitavas,
Oleo volatil d'alecrim.....	1 „
Corai de cor equal á do cavallo.	

Pomada dessecativa contra a agua nas pernas.

Banha.....	4 onças,
Unguento egypciaco.....	6 „
Sulphato de zinco.....	1 onça.
	(Miroud.)

Pomada dessecativa (RODIER).

Sub-acetato de cobre.....	1 onça,
Banha.....	4 „

2.^a Serie, T. II.—N.^o 11.

Mel q. s. para dar consistencia de pomada.

(*Delafond e Lassaigue.*)

Pomada d'euphorbio.

Euphorbio em po. 3 onças,

Banha 2 1/2 „

Preparação vesicante. (*Delafond e Lassaigue.*)

Pomada antipsoria (HELMERICH).

Flores d' enxôfre. 5 oitavas,

Carbonato de potassa. 2 1/2 „

Banha. 20 „

(*Soubeyran.*)

Dissolva o sal por intermedio de uma pouca d'agua.

Usado na sarna recente dos cães, e dos cavallos.

Pomada de iodureto de potassio (CODEX.)

Iodureto de potassio 1 oitava,

Banha 1 onça.

Dissolva o sal por meio d'uma pouca d'agua e misture á banha.

Na sarna recente dos cães e dos cavallos; engorgitamentos farcinosos, &c.

Pomada de biodureto de mercurio.

Deutoiodureto de mercurio. 18 grãos,

Banha 1 e 1/2 onça.

Emprega-se no engorgitamento dos ganglios sub-linguaes.

Pomada mercurial.

Pomada mercurial enxofrada.

Usada na sarna do cavallo, assim como a precedente.

Pomada populeão enxofrada.

Empregada nas fendas na ranilha, agua nas pernas.

Po adoçante, n.º 1.

Po de malvaisco 16 onças,

Po de gomma arabica 8 onças.

Uma a duas onças para o cavallo.
(*Delafond e Lassaigue.*)

Po adoçante, n.º 2.

Po d'alcaçús 16 onças,

Po de malvaisco 8 „

Este po é mais barato que o precedente.

As mesmas doses.

Po antifarcinoso (contra lamparões).

Colophonia 1 libra,

Colcothar 7 e $\frac{1}{2}$ onças,

Alcaçús 4 „

Nitro 3 „

Bólo d'Armenia 4 „

(*Moritz.*)

Po arsenical, modificado por SCHAACK, contra a agua nas pernas.

Acido arsenioso $\frac{1}{2}$ oitava,

Sangue de drago 4 „

Cinnabrio 1 onça.

Misture e porphyrise. (*Delafond e Lassaigue.*)

Com q. b. d'agua forme massa, que se applica com um pincel contra a agua nas pernas, somente chronica.

Po adstringente.

Especies adstringentes 8 partes,

Bólo d'Armenia } aa. . . 1 „

Sangue de drago }

Alumen }

Faça um po, que se administra, ao cavallo, em mel, na dose de duas onças, contra os relaxamentos.

(*Lebas.*)

Po adstringente dessecativo (BRACY-CLARK).

Sulphato de zinco } aa. . 18 onças,
Pimenta branca }

Carbonato de cal ligeiramente calcinado 8 onças.

Pizai tudo juncto. (*Delafond e Lassaigue*.)

Empregado com vantagem para dessecar a agua nas pernas dos cavallos, e as dartras humidas dos cães. Serve tambem no catarrho auricular antigo do mesmo animal. (*Delafond e Lassaigue*.)

Po bechico adoçante.

Po d'alcaçús.	12 partes,
— de malvaisco.	8 „
— de gomma arabica	4 „
— de lirio florentino	4 „
Enxofre sublimado	8 „
Extracto de papoulas brancas	5 „

Administra-se em sêneas ou mel, na dose de duas onças. (*Lebas*.)

Po bechico incisivo.

Po de malvaisco.	} ãa. . . 12 partes,
— d'alcaçús	
— de lirio.	} ãa. . . 5 „
— d'enula	
— de galanga.	} ãa. . . 2 „
— de gomma ammoniaca	
— d' enxofre	10 „
— de sulphato de potassa.	} ãa 6 „
— d'extracto de papoulas brancas.	

Kermes mineral 8 „

M. Empregado contra a tosse, catarrhos, e principalmente para facilitar a pulmoeira, ou a gurma dos potros.

Po de Blaine contra a doença dos cães.

Turbith mineral	18 grãos,
Sulphureto d'estanho	1 oitava,

M. e divide em 18 papeis. (*Rem. pat. ang.*)

Po contra a diarrhéa dos cães (BLAINE).

Rhuibarbo, $\frac{1}{2}$ oitava,

Ipecacuanha..... 18 grãos,
Opio..... 3 „

M. e divide em 4 doses. Uma a quatro por dia.

Po contra a inapetencia.

Po cordial..... 10 partes,
— de genciana..... 6 „
— d'asafetida..... 2 „
— de cremor de tartaro..... 6 „
Antimonio diaphoretico vermelho.. 4 „

M. Administra-se em sêneas ou mel, na dose de duas onças. (Lebas.)

Po cordial.

Bagas de loureiro..... }
— de zimbro..... }
Amarello de casca de laranja }ãa.. 6 partes,
Enula..... }
Alcaçús..... }
Calamo aromatico..... }
Galanga..... }
Lirio florentino..... }ãa.. 4 „
Rhuibarbo..... }
Valeriana sylvestre..... }
Semente de cardamomo..... 3 „
Absintho..... }
Hortelã..... }ãa.. 4 „
Alecrim..... }
Salva..... }
Genciana..... }
Guayaco..... }ãa.. 6 „
Canella..... }
Angelica..... }ãa.. 4 „
Gingibre..... }
Semente de funcho..... }
— de coentro..... }ãa.. 3 „
— d'anís..... }
Escordio..... 4 „

Açafrão de Marte..... 10 partes.

Alcohol de 80° cent..... 6 „

Este po é excitante, fortificante e apperiente; reanima as forças, e facilita a gurma: 2 onças para o cavallo, 4 onças para o boi, e meia onça para o carneiro, em sêmea, avêa, mel ou vinho. (Lebas.)

Po diaphoretico.

Malvaisco }
Alcaçús } ãa partes eguaes.

Kermes mineral }

Uma a duas onças para o cavallo.

Po diuretico (LEBAS). (Imitado segundo a analyse.)

Nitro..... }
Resina..... } ãa.. 1 onça,

Deutoxydo de ferro..... 1 oitava,

Peroxydo de ferro..... 6 „

Tartaro emetico..... 2 grãos.

Faça po homogeneo. (Delafond e Lassaigue.)

Divide-se em papeis de 2 a 4 onças.

Pode-se confeccionar com este po os diuretic-bols de 2 oitavas, que se dá aos cavallos, dous todas as manhãs.

Os Auctores dizem ser estas pilulas excellentes contra as doenças cutaneas, as hydropesias, e o fareino (lamparões). (Continúa.)

L. A. Corrêa,

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Chymicos

Consulta da Sociedade, com o ensaio chymico de uma agua potavel do Casal denominado da Casa Branca, na Freguezia de Bemfica.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, reunida em Sessão plena no dia 31 de Julho do corrente anno, discutiu o seguinte Parecer de que havia encarregado a sua Commissão de Chymica.

SENHORES! — A Commissão de Chymica recebeu um Officio do Senhor Primeiro Secretario convidando-a para fazer o ensaio de uma agua potavel, a requerimento de Joaquim José Pereira, Proprietario do Casal denominado da Casa Branca na Freguezia de Bemfica, e isto com urgencia.

Foram immediatamente dous Membros da Commissão ao referido Casal, a fim de recolher a agua necessaria para o ensaio, e acharam que ella nasce no fundo de um poço que está nas terras pertencentes ao dito Casal, e á borda da estrada nova de Queluz, confinando as terras do Casal com as do Casal da Serra por todos os outros lados; o poço é circular, tendo de diametro 2,^m 1 e 12,^m 5 de altura, sendo 1,^m 02 acima do terreno.

A agua é limpida, e sem cheiro, mas um pouco sapida, o que é devido á falta de ar.

Não tem reacção acida, nem alcalina.

Não precipita pelo sulphydrico, nem pelo sulphyrato ammonico.

Não altera a chamma do apparelho de Marsh cortada com um pedaço de porcellana.

Dous litros d'agua, evaporados e ensaiados, o residuo, pelo processo de Alvaro Reynoso, não deu reacção de iodo nem bromo.

Pelo sulphato de protoxydo de ferro e acido sulphurico puro, não deu indicio de nitratos.

Pela agua de cal, mui ligeira turvação; algum acido carbonico ou bicarbonatos.

Tornou-se leitosa pelo azotato acido de prata; alguns chloruretos.

Não se alterou pelo chlorureto barytico, mas a agua mãe da evaporação de 1^l d'agua até $\frac{1}{3}$ turvou-se pelo dito reagente; sulphatos em pequena quantidade.

O oxalato de cal turva-a; saes de cal.

O phosphato de ammoniaco convenientemente addicionado não a altera.

O ferrocyanureto de potassio não a altera; mas o residuo insolúvel da evaporação da agua, depois de dissol-

vido no acido chlorhydrico diluido cora-se muito ligeiramente em azul.

A tinctura de sabão dá-lhe uma côr branca opalina, mas não chega a fazer precipitado.

Quando se concentra um litro d'agua até $\frac{1}{3}$ da sua quantidade primitiva, e, depois de filtrada, se submete a nova concentração quasi á secura, a agua abandona algum sulphato de cal em pequena quantidade; separado este pela filtração a agua mãe precipita pelo oxalato de cal.

O residuo da primeira evaporação tambem contém cal no estado de carbonato, que se dissolve no acido chlorhydrico côm effervescencia, donde se conclue que a agua contém a cal no estado de carbonato, de sulphato, e de chlorureto.

Não deu indicios de potassa, mas sim de soda.

Finalmente determinando as materias fixas para 1^a de agua achamos a media de 3 operações successivas =
0,395.

A Commissão conclue que a agua do Casal da Casa Branca é de muito boa qualidade como agua potavel, e propria para todos os usos domesticos.

Laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 28 de Julho de 1851. — *José Alexandre Rodrigues*, Director e Relator. — *Vicente Tedeschi*. — *José Tedeschi*.

Pelo que, achando a Sociedade este Parecer conforme os preceitos e regras da Sciencia, o approva e toma como seu proprio, mandando-o passar em forma de Consulta.

Em certeza do que, mandámos passar a presente que aae assignada pela Mesa, e timbrada com o Emblema de que usamos.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, aos quatro dias do mez de Agosto de 1851; 17.º anno da sua Instituição. — *Antonio de Carvalho*, Presidente. — *Henrique José de Sousa Telles*, 1.º Secretario. — *Sebastião Athanazio Estanislau da Silva*, 2.º Secretario.

Juízo critico ácerca d'alguns artigos de diversos Jornaes.

Enxofre viscoso.

A *Gaceta Medica de Madrid*, n.º 234, contém umas formulas (*) em que entra o enxofre no estado viscoso convenientemente preparado.

O Professor Hanon afiança, como um meio mais prompto e seguro d'applicação, dos até aqui indicados, e manda obter primeiro o enxofre viscoso das seguintes maneiras: fazendo uã mistura de duas partes de nitrato de potassa e duas de chlorureto de sodio, junctando-lhe uma parte de sulphureto de cobre obtido directamente, ou por precipitação, ajunctando á mistura acido sulphurico até que não produza effervescencia; tractando tambem directamente o sulphureto de cobre pela agua-regia; e ultimamente pelo muito conhecido meio em *Chymica*, elevando-o de 160 até 260°, que muda de cor e perde a sua fluidez.

Meio facil de reconhecer a falsificação da magnesia.

O n.º 14 do *El Restaurador Farmaceutico*, diz que correm actualmente no commercio, em Paris, algumas partidas de magnesia calcinada, contendo 10 por 100 de cal carbonatada.

Este dolo, descoberto pelo Sr. Dalpiaz que o participou á Sociedade de Pharmacia de Paris, é facil de reconhecer: dissolve-se a magnesia suspeita em acido nitrico, filtra-se o dissoluto e tracta-se pelo oxalato d'ammonia. Se a magnesia é pura, não dará precipitado, ao contrario apparecerá oxalato de cal se existir esta base.

E' este um meio d'analyse muito facil a todo o Pharmaceutico, para que deixe d'ensaiar sempre a magnesia, e obviar assim uma falsificação tão damnosa.

Vicente Tedeschi.

(*) Vide pag. 300.

Sobre a aloina, principio purgante do aloes de Barbadas;
pelo Sr. J. Stenhouse.

M. Smith, Pharmaceutico em Edimburgo, prepara a aloina impura dissolvendo na agua fria o aloes pulverisado d'antemão com arêa. Evapora depois até á consistencia xaroposa no vacuo; o extracto assim preparado, enche-se no fim d'alguns dias de grande quantidade de crystaes granulados, de côr amarella escura, e estes são a aloina impura. Para tirar-lhe uma materia escura, que ainda contém, os faz crystallisar muitas vezes na agua quente, até que fiquem côr d' enxofre. Para fazer estas dissoluções da aloina, é necessario evitar tenha a agua uma temperatura superior de 65°: a 100°, a aloina se oxyda rapidamente, e se decompõe.

No estado de pureza, crystallisa este corpo em pequenas agulhas prismaticas grupadas em estrellas. Reconhece-se a pureza d'estes crystaes pela côr amarella, que não deve augmentar pela dessecção ao ar.

A aloina é completamente neutra; seu sabor d'antes adocicado, torna-se logo mui amargo: é pouco solavel a frio; mas, na agua e no alcohol, dissolve-se mui facilmente com a ajuda do calor. Os alcalis e os carbonatos alcalinos a dissolvem tambem facilmente a frio, formando um liquor amarello alaranjado cuja côr o oxygenio do ar torna rapidamente muito intensa; pela ebullição com os alcalis, ou acidos fortes, transforma-se com rapidez n'uma resina escura. O soluto de chlorureto de cal cora-a egualmente, primeiro em amarello, depois em escuro. Não é precipitada pelo sublimado corrosivo, pelo nitrato de prata, nem pelo acetato neutro de chumbo. Com o sub-acetato de chumbo concentrado forma um precipitado de côr amarella mui viva, solavel n'um excesso d'agua, e tornando-se mais escura com o contacto do ar. O acido nitrico fumegante a dissolve a frio sem o menor desinvolvimento de gaz, formando um liquor vermelho escuro.

Ajunctando-se a este dissoluto uma quantidade d'acido sulphurico em excesso, precipita-se um corpo amarello

pulverulento, que faz explosão quando se aquece, e que contém provavelmente os elementos do ácido hypo-nitrico. Quando se faz digerir a *aloína* por algum tempo com o ácido nítrico concentrado e quente, transforma-se em ácido chrysammico com desinvolvimento de abundantes vapores vermelhos: n'esta reacção não se apresenta vestígio algum d'ácido picrico. A *aloína* fornece, pela distillação sêcca, um óleo volátil de cheiro quasi aromático, e consideravel quantidade d'uma substancia resinosa. Aquecida sobre uma lamina de platina, funde-se, e incendeia-se, apresentando uma chamma amarella e brilhante, e deixando um carvão difficil de reduzir a cinza.

Segundo as analyses do Sr. Stenhouse, a composição da *aloína* se representa pela formula: $C^{54}H^{13}O^4$, que tem sido verificada pela analyse d'um composto bromado contendo $C^{54}(H^{15}Br^3)O^4$.

Para obter este producto bromado, que crystallisa mais facilmente que a *aloína* pura, ajuncta o mesmo Chymico algum bromo a um soluto aquoso e frio d'*aloína*, do que resulta instantaneamente um precipitado amarello, que augmenta pelo repouso, ao mesmo tempo que o liquor sobrenadante toma uma reacção mui acida, em consequencia da formação do ácido bromhydrico. Dissolvendo o precipitado no alcohol quente, obtem-se, pelo resfriamento, a *aloína* bromada, crystallisada em agulhas amarellas, brilhantes, e grupadas em estrellas.

O chloro parece formar egualmente com a *aloína* productos de substituição; mas estes corpos chlorados não crystallisam.

Ha muito tempo que na practica da Medicina se tem reconhecido que o extracto aquoso d'aloés contém a parte mais activa d'este medicamento; e facil é explicar este facto, considerando que a *aloína*, o principio verdadeiramente activo do aloés, se dissolve facilmente na agua fria. O Sr. Stenhouse termina a sua Memoria emitindo a opinião de que as outras especies de aloés contem egualmente a *aloína*, com a differença somente que a crystallisação d'este principio é impedida por ma-

terias de natureza extractiva, que n'elle se encontram ao mesmo tempo, e que durante a evaporação dos extractos se oxydam com facilidade pelo contacto do ar.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

E. R. d'Oliveira.

Preparação da morphina pelo methodo do Sr. Guillermond, modificado pelos Srs. Desmedt.

Depois de havermos tractado 60 grammos de opio bruto com 240 grammos d'alcohol fervendo, de 71° centigrados, decantado em quanto quente e expremido o residuo pela prensa, depois de frio, e tornando a submettel-o a acção de 160 grammos de novo alcohol, d'egual densidade, introduzimos os alcoholados n'um frasco bem tapado.

No dia seguinte achámos uma crystallisação realmente admiravel, e que á primeira vista tomámos por meconato de morphina; mas lembrando-nos que o meconato de morphina não crystallisa, tractámos de examinar cuidadosamente estes crystaes, e achámos que era uma magnifica crystallisação de narcotina, inteiramente exempta de meconato de morphina. Separámos os crystaes, e introduzimos o liquor em um frasco de bocca larga, e pela addição de 4 grammos de ammonia, forneceu-nos uma quantidade consideravel de morphina, privada de narcotina; recolhida a qual junctámos ao liquido restante uma pequena quantidade d'agua distillada, e mantivemos o frasco que a continha, a uma temperatura de 24° centigrados.

No fim de dous dias recolhemos nova quantidade de morphina, tão pura e esempta de narcotina como a primeira. Este processo permittio-nos despojar completamente d'ella o opio, e obtermos dos 60 grammos empregados 5 grammos de morphina pura.

(*L'Abeille Médicale.*)

F. J. R. Loureiro.

PHYSICA.

Resumo das Observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa no mez de Outubro de 1851.

Temperatura media da atmospherá (dentro de casa)	17°, 4 R.
„ maxima „	20
„ minima „	14
Maxima variação diurna de temperatura	2
Pressão media da atmospherá	^{mil.} 757 , 79
„ maxima „	764 , 53
„ minima „	744 , 21
Ventos reinantes.	N. NO.
Somma da altura da agua no pluviometro	1. pol.
Dia mais chuvoso do mez 30	0, 6 ^{linh.}
Grau medio d'humidade no hygrometro	4°, 6

Se compararmos a temperatura media do mez com a d'eguaes mezes desde 1847 para cá, veremos que o mez de Outubro de 1851 foi mais quente do que todos os respectivos Outubros dos annos anteriores.

Quanto á pressão barometrica acharemos que é pouco mais ou menos egual á que se notou nos annos anteriores. E que ainda que n'este mez chovesse pouco, todavia a altura da agua no pluviometro foi maior do que em quasi todos os annos preteritos a que nos referimos. Bem como é pequena a differença quanto ao grau d'humidade da atmospherá; e os ventos reinantes foram aquelles tambem que mais geralmente costumam soprar no mez de Outubro.

D'este estado da circumfusa duas consequencias se podem deduzir:

Primeira, que sendo as suas qualidades sensiveis, pouco mais ou menos, eguaes e semelhantes ás que este mez costuma ter nos outros annos, não havia razão bastante para o desinvolvimento de molestias epidemicas chamadas estacionarias; e com effeito o facto veio provar a relação, que deve existir entre estes dous factores. O numero dos

doentes, que teem entrado para o Hospital de S. José, conserva-se pouco mais ou menos egual ha tres mezes (1250 a 1260 termo medio).

Segunda, a altura da temperatura (17.° R. dentro da casa) explica a pouca frequencia das affecções catarrhosas, affecções que ja eram muito mais frequentes n'este mez nos annos anteriores; para o que tambem concorre o estado hygrometrico da atmosphaera, que tambem tem sido muito favoravel.

As molestias que appareceram com mais frequencia n'este mez, tanto dentro em Lisboa, como no campo, foram as febres com indole miasmatica mais ou menos manifesta, sendo quasi para todas necessario empregar os antiperiodicos; e os exantheas, de que houveram casos gravissimos, com especialidade esscarlatinas.

Ainda que n'alguns casos de febres apparecesse o aspecto typhoide, todavia appareceu esse character grave e pernicioso n'uma escala muito inferior áquella, que nos consta ter-se verificado para as provincias do norte do Reino.

Largo do Caldas, em 8 de Novembro de 1851.

S.^a Beirão.

REVISTA DOS JORNAES.

Luz electrica. — O Boletim de Medicina C. y F. faz honrosa menção do Sr. José Simón y Castanér, Doctor em Pharmacia, e mui habil Physico. Em um dos mezes proximos passados fez este senhor uma curiosa e bem dirigida experiencia physica no seu laboratorio da calle del Caballero, a que assistiram muitos professores e collegas e immenso povo que encheu a rua toda. Consistio a experiencia em produzir a luz electrica por meio de uma pilha de sessenta pares, cada um dos quaes desprendia a electricidade por meio da acção do acido azotico sobre o carvão fossil, e do acido sulphurico sobre o zinco. A intensidade

da luz, cujo diametro era de cinco linhas, equivaleu á que poderiam produzir seiscentas velas de estearina; sendo a luz electrica mais branca, mais pura, e muito mais brilhante por desprender-se de um so ponto. Nós ja tivemos occasião de ver a luz electrica produzida por uma pilha de muitos pares sobre o carvão no Curso de Chymica da Eschola Polytechnica, professado pelo sabio Professor o Sr. Julio Pimentel. Folgámos quando nos consta que os Pharmaceuticos se applicam ao estudo das sciencias, e se não contentam com ser meros preparadores de remedios.

Conservação das urinas. — Para conservar as urinas, que hajam de ser analysadas, sem alteração aconsella o Sr. Mialhe ajunctar-lhes um decimo de acido azotico.

Fallecimento. — Morreu ha pouco o Sr. Lugol, cujos trabalhos therapeuticos e pharmacologicos, lhe ganharam grande reputação.

Devem os medicos homeopathicos preparar os medicamentos que receitam? — Esta questão, que ha pouco se ventilou na Sociedade Pharmaceutica Lusitana, vem extensamente tractada no *Boletin del Instituto Medico Valenciano*. A opinião do Sr. Argelich, corroborada pela de muitos outros, combina com as asserções que alli emittimos e sustentámos.

Exercicio illegal da Pharmacia, impunidade. — Na Revolução de Setembro do dia de Outubro vem uma carta do nosso Collega e Amigo Caetano José d'Araujo, de Lagos, em que se menciona existir n'aquella Cidade um Medico que administra uma botica, preparando elle mesmo alli os remedios que receita pelas casas particulares aos seus doentes. Pedimos ao Conselho de Saúde não largue mão d'este negocio.

Exposição universal em Londres. — Da Revista Popular extrahimos os nomes dos nossos compatriotas que expozeram no palacio de crystal productos que mais ou menos interessam á Medicina, e que mereceram ser premiados.

Classe 1.^a

Menção honrosa.

Minas do Braçal, amostras do chumbo.

Classe 3.^a

Visconde de Fonte Boa, azeitonas pretas.

J. B. Mattos, mel.

Classe 4.^a

Medalha de premio.

F. M. Cardoso Leal, collecção d'oleos volateis.

Menção honrosa.

Almeida Proença, azeite.

Almeida Silva & C.^a, azeite.

F. R. Batalha, gomma copal.

Manuel Ferreira Breles, cêra branca.

J. de Albuquerque e Mello, azeite.

J. L. Calheiros Menezes, azeite.

Joaquim José da Costa de Macedo, azeite.

M. L. Carvalho, cêra branca.

Marquez de Ficalho, pita, gomma d'Evora, azeite, e cêra.

Genovefa Gonçalves, fetos.

Holbech, pos de gomma.

João Larcher, azeite.

Conde de Linhares, azeite.

Duque de Palmella, canhamo.

J. B. Pinto, azeite.

J. F. Pinto Basto, carvão animal.

A. Sá Nogueira, algodão.

Classe 10.^a

Medalha de premio.

A. Polycarpo, estojo de instrumentos cirurgicos.

Exposição agricola em Portugal. — Per todo o mez de Janeiro terá logar a primeira exposição agricola que se faz na nossa terra. Ao muito zelo do Sr. Ayres de Sá Nogueira se deve esta tentativa, cujos resultados não poderão deixar de influir muito no progresso da nossa agricultura. Consta-nos que concorrerão a esta exposição muitos productos usados em Pharmacia, tanto de Portu-

gal como das nossas Possessões Ultramarinas. De todos elles daremos conta.

Pilulas de proto-iodureto de ferro por dupla de-composição. — A formula seguinte é proposta pelo Sr. Chevallier.

Iodureto de potassio 4,25 }
Sulphato de protoxydo de ferro 5,75 } 10 gram.
Mel branco e po d'althea q. s.

Divida em 75 pilulas (5 centigram. cada uma) e involva-as em grande quantidade de lycopodio ou de po de alcaçúis.

Preparação dos loochs brancos. — O Sr. Frédéric Sauvan, observando que na preparação dos loochs havia uma grande perda de tempo para se fazer a mucilagem com a emulsão, assucar, e gomma alcatira, e que difficulosamente se desfaziam os grumos, e achando tambem difficuldade em suspender a camphora nas poções mucilaginosas, servio-se de um processo, que recommenda pelas vantagens que d'elle obteve, e que é como se segue: Para preparar uma poção gommoso-camphorada pulverizou o assucar ajunctou-lhe a camphora e a gomma adragantha, misturou estas tres substancias, introduzio-as n'um frasco, e agitou-as muito bem por dous minutos, findos os quaes a mistura estava completamente homogenea. Para preparar os loochs brancos faz a emulsão, pisa o assucar e a gomma adragantha em po fino, introduz a mistura n'um frasco, ajuncta os tres quartos da emulsão, e agita por tres minutos. Assim prepara todos os loochs brancos em que entram calomelanos, kermes, camphora, ou quaesquer pos. Tendo de se ajunctar oleo d'amendoas deve ser no fim, depois de feita a agitação. Por este processo, diz elle, fica a mistura homogenea, sem grumos, e com a mucilagem perfeitamente desinvolvida. (*Abeille.*)

Oração da sapiencia. — E' digno de ler-se o discurso que o Sr. D. Tomás del Corral y Oña recitou na Universidade Central, na abertura solemne do anno academico de 1851 a 1852. Vem no Boletim de Medicina C. y F.

Aguas minero-medicinaes. — O Sr. Genoves y Tio, n'um artigo publicado no Boletim de M. C. y F., tractando das aguas minero-medicinaes, tinha avançado as seguintes proposições: 1.^a de « que a certeza mathematica, a claridade e precisão na boa administração d'ellas estão baseadas no conhecimento da sua composição chymica; » 2.^a que não admittia nas aguas minero-medicinaes nenhum *quid divinum*, mas so o que a Chymica mostra e ensina, e que estranhava haver quem admittisse este principio completamente erroneo; 3.^a que a differença que alguém nota entra as aguas minero-medicinaes naturaes e as artificiaes é devida a infinidade de circumstancias favoraveis que rodeiam os que fazem uso das primeiras, e que faltam aos que usam as segundas. O Sr. D. Patricio Gimenez combatte victoriosamente estas asserções e prova: 1.^o que a analyse chymica das aguas está longe de se poder considerar tão rigorosa que d'ella possa o Medico tirar uma certeza mathematica que o dirija na sua applicação; 2.^o que é necessario admittir um *quid* particular, ou seja um arranjo molecular desconhecido, ou uma substancia não determinada, para dar razão dos effeitos therapeuticos de muitas aguas, cuja composição chymica os não explica; 3.^o que sendo impossivel avaliar todas as particularidades das aguas naturaes, que influem no organismo, é d'isso que provém a differença das aguas naturaes e artificiaes. Veja-se a este respeito o que nós dissemos na *Revista dos Jornaes* do mez de Setembro, pag. 303, fallando da analyse das aguas do Gerez.

Chymica organica. — Hoffmann acaba de descobrir uma nova serie de alcaloides artificiaes derivados dos alcohols. É uma descoberta importante que pode ler-se no *Journal de Pharmacie et de Chimie de Paris*, do mez de Setembro.

Galardão scientifico. — Liebig acaba de ser condecorado com a cruz de commendador da ordem de Francisco José, pelos seus numerosos trabalhos chymicos.

Amygdalina nas plantas. — O Sr. Wicke encontrou a amygdalina nas seguintes plantas:

Nas pomaceas.

Sorbus aucuparia. Nas gemmas contendo folhas não desenvolvidas; nas folhas, peciolo, e casca.

Sorbus hybrida. Na casca, gemmas, peciolo, e folhas.

Sorbus terminalis. Nos ramos novos, sem folhas, e nas flores, muito. Nas folhas e casca, pouquissimo.

Amelanchier vulgaris. Na casca, folhas, fructos novos, e gemmas.

Cotoneaster vulgaris. Gemmas (muito pouco).

Crataegus oxicantha. Nas gemmas (so no principio da vegetação).

Nas amygdaleas.

Prunus domestica. Nas gemmas.

Prunus cerasus e *Prunus Mahaleb*. Não deram acido hydrocyanico as cascas, as folhas, nem as gemmas.

Prunus padus. Todos os orgãos da planta teem amygdalina.

Ameixeira. As folhas dão, por distillação, acido prusico e gottas de essencia de amendoas amargas. As amendoas de todas as especies de *prunus* conteem muita amygdalina. (*An. de Ch. et Ph.*)

Arsenico nas plantas. — O Journal de Pharmacie et de Chimie do mez de Outubro cita as seguintes experiencias do Sr. Stein:

1.º 10000 partes de panno velho continham 0,11 de arsenico.

2.º 10000 p. de palha de centeio, collida nas proximidades de uma fabrica de chumbo, continham, 0,09 de arsenico, e 0,4 de chumbo metallico.

3.º 10000 p. de cinzas de bosta de vacca, continham 3,000 d'arsenico.

O Sr. Stein extrahio o arsenico das cinzas d'estas substancias, fazendo-as digerir no acido chlorhydrico, passando atravez do digesto uma corrente de gaz sulphydrico, que precipita o arsenico e os outros metaes no estado de sulphuretos; separando o sulphureto d'arsenico pelo sulphurato ammonico, e transformando-o em arseniato ammoniacco-magnesiano pelo methodo do Sr. H. Rose.

Oração inaugural. — Recommendâmos a leitura da oração que na abertura das Aulas da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, em Outubro proximo passado, recitou o nosso amigo Thomaz de Carvalho. Principiou a publicar-se no n.º 35 do Jornal litterario a *Semana*.

Charlatães. — Os jornaes de Medicina não cessam de pedir providencias ás Auctoridades contra os flagrantissimos e mortiferos abusos que por todo o Reino estão commettendo milhares de charlatães de ambos os sexos, e até mesmo alguns individuos da arte de curar. O Jornal do Sr. Tedeschi (José) do mez de Novembro, e o Esculapio n.º 144, trazem a este respeito noticias que o Governo não pode de modo algum desatender. Chamamos a attenção do Sr. Ministro do Reino sobre os abusos que aqui mesmo em Lisboa, e em todo o Reino, se practicam impunemente, e pedimos em nome da Classe e da Humanidade promptas e rigorosas providencias.

Sousa Telles, Junior.



PECAS OFFICIAES.

SENHORA! — A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, confiando na justiça e innata bondade de Vossa Magestade, sua Augusta Protectora, vem, com a devida attenção e respeito, apresentar a Vossa Magestade a presente representação, que julgou dever fundamentar para melhor se conhecer a justiça da sua pertença.

Pelas Portarias de 3 de Novembro de 1835 e 18 de Fevereiro de 1836, Mandou Vossa Magestade entregar a esta Sociedade a casa que servia de livraria, e o pequeno jardim do extincto Convento do Carmo d'esta Cidade; a Sociedade teve de gastar alli grandes sommas, de que hoje carece para compras d'obras scientificas, instrumentos de Physica, Chymica, e Pharmacia; e para arranjos da sala de suas sessões, gabinetes, e mais misteres. Em 1844

foi a Sociedade intimada para sahir d'aquelle local, que foi occupado pela Guarda Municipal de Lisboa.

Obrigada a fazer a mudança, com perda das sommas despendidas, e damnificação de muitos objectos de seus estudos e analyses, obteve de Vossa Magestade, por Portaria de 22 de Junho de 1847, a posse da parte do Edificio do extincto Recolhimento da Mouraria, do respectivo quintal, e da casa, que foi Ermida, para celebrar as suas sessões, collocar a sua livraria, o necessario laboratorio e gabinetes, tudo na forma da planta e Autos de Vistoria e Entrega a que se procedeu pelo Governo Civil de Lisboa.

A Sociedade, Senhora, precisa fazer alguns arranjos indispensaveis na sala das suas sessões e mais officinas, bem com outros para a conservação do mesmo Edificio, sem com tudo poder contar com a segurança d'estas despesas que podem inutilisar-se por algumas eventualidades, como succedeu no extincto Convento do Carmo, que foi obrigada a largar, sem indemnisação alguma.

Esta Sociedade tem direito á protecção do Governo de Vossa Magestade, por contar dezeseis annos d'existencia e d'assiduos trabalhos scientificos, em proveito da Sciencia e da Humanidade; por sustentar a publicação mensal do seu Jornal; por satisfazer a muitas analyses chymicas que pelos Ministerios da Fazenda e da Marinha lhe teem sido pedidas; e bem assim pela Relação de Lisboa, Juizes de Direito, Camaras Municipaes e Repartição das Obras Publicas do Reino; fazendo o assumpto principal das referidas analyses, muitas drogas e substancias medicinaes das nossas Ilhas e Possessões Ultramarinas, liquidos e visceras de pessoas envenenadas, e aguas potaveis e mineraes.

Por tanto, e em presença d'esta exposição, a Sociedade Pharmaceutica Lusitana pede a Vossa Magestade Seja Servida Conceder-lhe, por um Decreto com força de Lei, o uso-fructo da parte do Edificio do extincto Recolhimento da Mouraria, que lhe foi Mandado entregar, e de que se acha de posse por Portaria de 22 de Junho de 1847.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 26 de Setembro de 1851. — Antonio de

Carvalho, Presidente. — *Henrique José de Sousa Telles*,
1.º Secretario. — *Vicente Tedeschi*, 2.º Secretario.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 425, de 28 d'Agosto de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 7 horas da tarde foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretario deu parte de ter recebido, do Sr. Juiz de Direito do 2.º Districto Criminal, uns liquidos suppostos envenenados vindos da Ilha de S. Miguel.

O mesmo Sr. deu parte de ter fallecido o nosso Con-socio, o Sr. José Maria Pinto. — A Sociedade recebeu com grande sentimento tão triste noticia.

O Sr. Presidente apresentou uma proposta de Candidato para Membro Correspondente Nacional; a qual, declarada urgente, foi approvada e admittido o Sr. Marcelino de Sousa Pinto, Pharmaceutico em Benguella.

Procedeu-se á eleição do Vogal da Commissão de Saúde Publica, ficando mais votado o Sr. F. J. R. Loureiro.

V. Tedeschi apresentou varias formulas extrahidas de diversos Jornaes hespanhoes. — Foram remettidas para a Commissão de Redacção, a fim de serem publicadas no Jornal.

As 8 horas e meia da noite fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Acta n.º 426, de 11 de Setembro de 1851.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Sendo 8 horas da noite abriu o Sr. Presidente a Sessão; e em seguida foi lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

Fez-se a leitura da Acta do Conselho Administrativo.

Esteve presente igualmente á Sessão o nosso Delegado em Setubal, o Sr. João José da Silva Junior.

O Sr. Dias, nosso Delegado no Porto, remetteu uma proposta de Candidato para Membro Honorario; a qual foi mandada para a Commissão de Direito Pharmaceutico.

O Sr. Silva Junior deu parte de ter empregado todos os meios para impedir os abusos, que se estão praticando em Setubal, na venda de medicamentos por pessoas não auctorisadas por Lei; e declarou que não tendo ainda obtido das Auctoridades todas as providencias necessarias, esperava não cessar (de companhia com os seus Collegas) de empregar os meios que estiverem ao seu alcance.

O Sr. Presidente annunciou ao digno Socio a satisfação e o interesse com que a Sociedade acabava de o ouvir; que agradecia em seu nome os serviços que o nosso Delegado lhe tem prestado, em desempenho das suas attribuições, e em proveito da Humanidade.

O Sr. 1.^o Secretario pediu que fosse publicada no Jornal a Analyse chymica das aguas do Frayão, feita pelo Sr. Dr. Pereira Caldas, Lente de Mathematica em Braga.

Depois de ligeira discussão acerca d'este pedido, decidiu a Sociedade que se publicasse um artigo bibliographico da dita analyse; e que depois se apresentaria o juizo critico.

O Sr. J. A. Rodrigues apresentou o seu juizo critico sobre alguns artigos que extractou do Jornal de Pharmacia e de Chymica de Paris.

A's 9 horas e meia levantou-se a Sessão.

Acta n.º 427, de 25 de Setembro de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Abriu-se a Sessão ás 7 horas da noite, foi lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

A' Sociedade foi requerida a analyse de uma agua dos Casaes da Camara, pertencente ao Sr. Antonio Theophilo d'Araujo. — Foi incumbida a Commissão de Chymica de fazer esta analyse.

O Sr. Telles Junior, como Director da Commissão de

Historia Natural, propoz á Sociedade que auctorisé a mesma Commissão para mandar lithographar umas instrucções, para serem enviadas aos nossos Delegados, a fim de que elles nos enviem exemplares de productos naturaes para o nosso Muséo. — *Approvada.*

O Sr. J. D. Corrêa propoz que seja convidada a Commissão de Saúde Publica para indicar as providencias que, por esta Sociedade, poderão ser pedidas ao Conselho de Saúde Publica ácerca do damno que deve resultar ao Publico do uso dos utensilios de barro vidrado ordinario. — Ficou para ter segunda leitura.

O mesmo Sr. Corrêa fez outra proposta, que declarou urgente, para se requerer a Sua Magestade que nos conceda, por Decreto com força de Lei, o uso-fructo da parte do Edificio que a Sociedade occupa, e que lhe foi mandado entregar por Portaria de 22 de Junho de 1847. — A Sociedade encarregou a Mesa de redigir a representação. (Vide pag. 368.)

O Sr. Telles Junior propoz um Candidato para Membro Honorario; cuja proposta foi remettida para a Commissão de Direito Pharmaceutico.

Tiveram segundas leituras varios Pareceres da Commissão de Direito, findas as quaes foram dados para Ordem do Dia.

Pelas 9 horas da noute fechou-se a Sessão.

Acta n.º 428, de 9 de Outubro de 1851.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Foi aberta a Sessão pelas 6 horas e meia da noute, e em seguida deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, nosso Membro Honorario, fez a leitura do seu Estudo chymico da Agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel. Acabada a leitura, offereceu o nosso Consocio este seu trabalho á Sociedade; a qual, consultada pelo Sr. Presidente, tributou votos de agradecimento ao seu Auctor.

O mesmo Sr. Pimentel declarou ter ainda de concluir

a segunda parte d'aquelle Estudo, que espera terminar e remetter á Sociedade.

Entrou em discussão o Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico, ácerca do Candidato proposto pelo nosso Delegado, no Porto, o Sr. Antonio de Sousa Dias. Em seguida correu a cedula com o nome do Candidato; e sendo approvado unanimemente, o Sr. Presidente proclamou Membro Honorario o Sr. Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Lente de Mathematica no Lyceu de Braga.

Teve primeira leitura o Juizo critico do Sr. José Tedeschi, ácerca d'um artigo da Gazeta Medica do Porto.

O Sr. J. Tedeschi declarou á Sociedade, que correndo pelos nossos Consocios das Provincias que o Laboratorio-Chymico do Carmo era cousa pertencente á Sociedade, e que não tendo esta nada de commum com o dito Laboratorio não devia participar da utilidade ou desvantagem que d'ahi lhe podesse resultar: e que por tanto julgava que, no Jornal, se deveria fazer uma declaração n'este sentido.

Sobre esta communicação fallaram os Srs., Telles Junior, Telles Senior, e Pereira d'Azevedo; resolvendo-se que a Acta d'esta Sessão era sufficiente para se fazer constar aos nossos Consocios, que a Sociedade nada tem de commum com o Laboratorio-Chymico existente no Carmo.

A's 9 horas declarou o Sr. Presidente fechada a Sessão.

Vicente Tedeschi,
2.º Secretario.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

DIVERSIDADES.

Tinctas para marcar roupa branca; pelo Sr. Guiller.

Até ao presente as diversas tinctas inventadas para marcar roupa branca, não teem cabalmente produzido o desejado effeito.

2.^a Serie, T. II. — N.º 11.

Umás apenas apresentavam vestígios amarelentos ; outras, mais negras, desappareciam em parte, e algumas vezes totalmente no fim d'algumas barrelas ; e em fim outras, de preparação composta, obrigavam a duas operações distinctas, offerecendo muitos inconvenientes, que se concebem facilmente, quer pela muita attenção que se exigia, quer pelos erros ou omissões possiveis, quer finalmente pelo tempo que a operação demandava.

Foi pois movido d'estas considerações, bem como para satisfazer a uma necessidade reconhecida no commercio e em todos os generos d'industria, não menos que nos hospitaes, administrações civis e militares, que nos empenhámos em compôr uma tincta que não tivesse nenhum dos inconvenientes conhecidos, e ao mesmo tempo offerecesse toda a facilidade e bom resultado na sua applicação.

Abaixo apresentamos algumas formulas que offerecem muitos aperfeçoamentos na preparação de tinctas para marcar, como será facil de ver pela differença de seus diversos resultados.

Formula n.º 1.

Nitrato de prata.....	11 partes.
Agua distillada.....	85 „
Gomma arabica em po.....	20 „
Sub-carbonato de soda.....	22 „
Ammonia liquida.....	20 „

Solidadas as 22 partes de sub-carbonato de soda nas 85 partes d'agua, deita-se a gomma em um almofariz de pedra, lança-se-lhe pouco a pouco o soluto de sub-carbonato, mexendo-se com a mão de gral para fazel-a solver.

Separadamente, fazem-se dissolver as 11 partes do nitrato nas 20 partes d'ammonia ; misturam-se estes dous dissolutos, e se deita tudo em um matrás, que se põe ao lume. A materia que era d'um pardo-escuro e semi-coagulada, torna-se muito clara e luzente ; quando chega á fervura, adquire uma côr carregada, e uma consistencia lustrosa, que facilmente escorre pela penna.

Esta tincta, feita a frio como as seguintes, não forma deposito, condensa-se como se vê pela ebullicão, e além da côr escura que dá a tincta, lhe faz desinvolver vapôres ammoniacaes, que attenuam o cheiro da ammonia que entra em sua composição.

Formula n.º 2.

Nitrato de prata	5 partes.
Agua distillada	12 „
Gomma arabica em po.....	5 „
Sub-carbonato de soda.....	7 „
Ammonia liquida.....	10 „

Misturado e lançado tudo em um matrás, como em o n.º 1, evapora-se até que o liquor tenha adquirido a côr d'um pardo muito carregado, o que tem lugar quando o liquor ha perdido perto de 5 por 100 de seu volume: uma evaporação maior produziria um precipitado, por causa dos vapôres que com elles arrastariam principalmente muita ammonia.

D'esta forma a tincta fica excellente para marcar, os caracteres traçados são negros, e é appropriada especialmente para sellar.

Formula n.º 3.

Nitrato de prata	17 partes.
Agua distillada	85 „
Gomma arabica em po.....	20 „
Sub-carbonato de soda	22 „
Ammonia liquida.....	42 „
Sulphato de cobre.....	33 „

Fazem-se primeiramente solver as 22 partes de sub-carbonato em 25 partes d'agua, e as 17 de nitrato nas 42 d'ammonia; deitam-se depois em um almofariz de pedra as 20 partes de gomma com as restantes 60 partes de agua; mexe-se com a mão de gral, ajuncta-se-lhe o

soluto de sub-carbonato, e se lança tudo no dissoluto de nitrato, terminando por adicionar as 33 partes de sulphato de cobre.

A maior quantidade d'ammonia desinvolve-se pela presença do sulphato a dissolver; e por outro lado entra maior quantidade d'ammonia.

Poder-se-hia substituir o sulphato de cobre pelo nitrato de prata; como porém o sulphato é mais escuro, seria necessario maior quantidade de nitrato que de sulphato.

Esta composição differe das outras em offerecer uma tincta azul em vez de pardo-escuro, que teem aquellas em que não entra o sulphato de cobre.

Concebe-se que todas estas quantidades relativas, dadas como formulas destinadas a produzir tinctas convenientes para o fim proposto, podem variar segundo se quizer ter uma tincta mais ou menos espessa, conforme o uso que d'ella se fizer, e sua applicação sobre tal ou tal qualidade de panno; devendo comtudo observar-se, que, se por uma parte a presença da ammonia n'estas composições obra como dissolvente, e permite compôr uma tincta para marcar a roupa branca sem o emprego d'uma preparação, d'outro lado, a evaporação d'uma parte da ammonia pelo calor, lhe imprime uma côr carregada, que apresenta logo os caracteres em negro.

Em fim o liquor fervido tinge menos e penetra d'este modo mais, estendendo-se melhor sobre o panno, sem formar rebarbas.

Quanto á maneira de usar da tincta, quer seja com penna, quer com sello, seguiremos a applicação ordinaria; isto é, passa-se um ferro quente sobre os caracteres traçados, a fim de os fazer melhor penetrar no panno.

(*Journal de Chimie Médicale.*)

J. D. Corrêa.

PHARMACIA.

Das falsificações de varios medicamentos e substancias alimentarias, e dos meios de reconhecê-las. Extracto de diversos Auctores; continuado de pag. 348.

RHUIBARBO.

O rhuibarbo é uma raiz fornecida por diversas especies do genero *rheum*, e particularmente pelo *rheum ondulatum*, *palmatum*, *compactum*, *hybridum*, *australe*, &c.; plantas da enneandria trigynia de Linneo, e da familia das polygoneas de Jussieu.

O verdadeiro rhuibarbo é falsificado pela mistura das raizes do rhapontico. Esta especie de rhuibarbo (*rheum rhaponticum*, L.), natural da Siberia meridional e da Russia, apresenta no seu exterior uma côr amarella carregada, quasi trigueira; e no interior anneis amarellas e brancos, e raios partindo do centro.

O rhuibarbo alterado, tendo um cheiro fraco, estranho ou nullo, escuro tanto no interior como no exterior, avermelhado, bolorento ou apolvilhado; deve ser rejeitado. Para occultarem os buracos dos vermes ou outra inferior qualidade do rhuibarbo, esfregam-no com ochre amarello ou com o po do bom rhuibarbo; e esta fraude se descobre facilmente, quando o po, espalhado na superficie do rhuibarbo, se despega pela fricção das mãos. Algumas vezes os ditos pos são collados com mucilagem de gomma arábica, e os buracos dos vermes tapados com esta mistura. (Ebermayer.)

SAL AMMONIACO.

Chlorureto ammonico, Chlorhydrato ammonico, Hydrochlorato de ammonia, Muriato d'ammoniaco, Ammonia muriatica, Salmiac.

O sal ammoniaco ($\text{Cl}^2 + \text{Az}^2\text{H}^3$) é raramente puro no commercio, e contém muitas vezes sulphato d'ammonia e
2.^a Serie., *TII.* — *N.º* 12.

chlorureto de sodio, e tambem ferro, cobre, sulphato de cal, e acido sulphydrico.

O sulphato d'ammonia produz um precipitado branco pelo chlorureto barytico.

A sublimação deixa em residuo o chlorureto de sodio e o sulphato de cal.

Se o sal contém ferro é amarellado, e dá uma coloração azul pelo cyanureto de potassio e ferro; e, pelo contrario, o precipitado será escuro se contiver cobre.

O acido sulphydrico será accusado pelos saes soluveis de chumbo. (*Pédroni.*)

SENNE.

Dá-se o nome de senne aos foliolos de varias especies do genero *cassia*, L., arbustos da familia das leguminosas, da decandria monogynia, que crescem em diversas partes do Egypto.

Os sennes podem ser misturados: 1.º, com as folhas da coriaria, as quaes são ovaes, lanceoladas, mais espessas, adstringentes, não mucilaginosas, com tres nervuras bastante salientes, partindo do apice do peciolo; 2.º, com as folhas da colutea, fraude mais innocente, pois que gozam de propriedades purgativas; 3.º, com as folhas do *cynanchum arguel*, que tambem são purgativas, de forma oval, lanceoladas, de diversos tamanhos, mais espessas, com nervuras pouco salientes. (*Galtier.*)

SUB-CARBONATO D'AMMONIA.

Carbonato ammonico, Sesqui-carbonato d'ammonia, Carbonato sobre saturado d'ammonia, Alkali volatil concreto, Sal volatil d'Inglaterra, Sal volatil de sal ammoniacal, Cré ammoniacal, Mephyto ammoniacal, Sal urinosus purissimus.

O sub-carbonato d'ammonia ($3C^2O^2 + 4Az^2H^G + H^2O$) contém algumas vezes o chlorureto ammonico, que se reconhece dissolvendo n'agua uma certa quantidade de sub-carbonato, e saturando-o pelo acido azotico puro; em seguida deita-se no liquido azotato de prata, que, se houver

chlorureto, produzirá precipitado branco, insolúvel nos ácidos, e solúvel na ammonia. (*Pédroni.*)

SUB-CARBONATO DE POTASSA.

Carbonato potássico, Carbonato de potassa, Sub-proto-carbonato de potássio, Sal de tartaro, Sal fixo de losna, Sal fixo de tartaro, Tartaro mephytico, Mephytico de potassa, Alkali fixo vegetal, Alkali vegetal, Alkali dulcificado, Alkaest de Vanhelmont, Nitro fixado pelo carvão, Potassa, Potassa carbonatada, Nitro fixado pelo tartaro, Nitro alcalisado.

O sub-carbonato de potassa ($C^2O^2 + KO$) contém muitas vezes saes estranhos; e os meios de reconhecer o valor real da potassa, mais empregados são: 1.º, o *alcalimetro*, instrumento inventado, em 1804, pelo Sr. Descroizilles, e fundado sobre o principio de que as diversas quantidades d'alcali puro, ou de carbonato que encerram as potassas e sodas do commercio, são proporçionaes ás quantidades d'acido que exigem para a sua saturação; 2.º, o processo do Sr. Anthon, baseado sobre a propriedade que possui o bi-tartarato de potassa, de ser insolúvel, em quanto o bi-tartarato de soda é solúvel, para reconhecer o valor real de qualquer potassa.

SUB-CARBONATO DE SODA.

Carbonato sodico, Carbonato de soda, Sub-proto-carbonato de sodio, Soda effervescente, Soda, Soda-carbonatada, Carbonato sobre saturado de soda, Alkali marinho ou mineral, Alkali fixo mineral effervescente, Cré de soda, Mephyto de soda, Crystaes de soda, Sal de soda,

O sub-carbonato de soda ($C^2O^2 + NaO + 10H^2O$) é ensaiado da mesma maneira que o de potassa; sendo necessario somente multiplicar os graus alcalimetricos por 0,0327, para deduzir a quantidade absoluta de soda pura, e por 0,0538, para conhecer a proporção correspondente de carbonato.

SUBLIMADO CORROSIVO.

Chlorureto mercurico, Bi-chlorureto de mercurio, Deuto-chlorureto de mercurio, Per-chlorureto de mercurio, Deuto-muriato de mercurio, Muriato sobre-oxygenado de mercurio, Oxy-muriato de mercurio, Muriato de mercurio corrosivo, Hydro-chlorato corrosivo de mercurio.

O sublimado corrosivo (Cl^4Hg) pode conter proto-chlorureto de mercurio, e chlorureto ammonico; o que se reconhece tractando um pouco do sublimado pelo ether sulphurico, que o dissolve completamente, em quanto o proto-chlorureto e o sal ammonico ficam por dissolver. (*Pédroni.*)

SULPHATO DE COBRE.

Sulphato cuprico, Deuto-sulphato de cobre, Super-deuto-sulphato de cobre, Vitriolo azul, Vitriolo de cobre, Vitriolo de Venus, Vitriolo de Chypre, Capa-rosa azul, Pedra lipes.

O sulphato de cobre ($\text{SO}^2 + \text{CuO} + 5 \text{H}^2\text{O}$) é alterado com o sulphato de protoxydo de ferro; e reconhece-se solvendo uma pequena porção em agua distillada, e deitando no soluto ammonia liquida em excesso, que precipita o ferro no estado d'oxydo e dissolve o cobre. Passando-o por um filtro previamente pesado, lavando o precipitado e pesando-o depois de secco a 105° ou 110° , e ainda melhor depois de calcinado, ter-se-ha a quantidade de sulphato de ferro, o peso d'oxydo de ferro, e o sulphato equivalente desconhecido. 100 peroxydo de ferro : 388,26 proto-sulphato de ferro :: peso de peroxydo achado : x sulphato de protoxydo de ferro equivalente. (*Pédroni.*)

SULPHATO DE FERRO.

Sulphato ferroso, Proto-sulphato de ferro, Sulphato de ferro verde, Sulphato de ferro ao minimo, Vitriolo de ferro, Vitriolo verde, Vitriolo marcial, Vitriolo romano, Capa-rosa verde.

O sulphato de ferro ($\text{SO}^3 + \text{FeO} + 7 \text{H}^2\text{O}$) contém muitas vezes pequenas quantidades de sulphato de cobre; o qual se reconhece deitando em uma pequena quantidade

do sal, solvido, um grande excesso d'ammonia liquida. O liquor, que sobrenadar no precipitado, será d'um azul mais ou menos carregado, se existir cobre. (*Pédroni.*)

SULPHATO DE MAGNESIA.

Sulphato-magnésico, Proto-sulphato de magnésio, Magnesia sulphatada, Vitriolo de magnesia, Vitriolo magnésiano, Sal cathartico amargo, Sal d'Inglaterra, Sal d'Epson, Sal de Sedlitz, Sal de Seydschutz, Sal de canal, Sal d'Egra.

O sulphato de magnesia ($SO^5 + Mg O$) é adulterado pelo sulphato de soda; mas distingue-se facilmente esta fraude, porque o soluto não precipita nem pelo carbonato de potassa, nem pela potassa caustica. A mistura d'estes dous saes pode ser determinada, solvendo-os n'agua, ajunctando carbonato d'ammonia, e aquecendo para precipitar toda a magnesia no estado de carbonato: filtra-se depois o liquor, e evapora-se até á seccura em uma capsula, obtendo-se assim um residuo, que, calcinado em um cadinho, deixa o sulphato de soda sem ser decomposto. (*Pédroni.*)

SULPHATO DE POTASSA.

Sulphato potássico, Proto-sulphato de potássio, Sal polychresto de Glaser, Tartaro vitriolado, Vitriolo de potassa, Sal de Duobus, Arcanum duplicatum, Panacea holsatica, Specificum purgans.

O sulphato de potassa ($SO^5 + KO$) pode conter misturados os sulphatos de zinco ou de cobre.

Para se reconhecer a presença d'estes compostos, o Sr. Moritz manda solver um peso qualquer de sulphato de potassa suspeito em uma certa quantidade d'agua distillada, e ajunctar-lhe depois carbonato de potassa, que precipita o zinco e o cobre no estado de carbonato. Estes saes, depois de bem lavados, são tractados pelo acido sulphurico diluido, lançando-se no dissoluto a ammonia em excesso: o zinco precipita-se no estado d'oxydo, recolhe-se sobre um filtro, lava-se e secca-se. O peso d'este oxydo indica a quantidade de sulphato crystallizado, que representa 32,585 d'oxydo = 100 de sulphato.

Para se conhecer o cobre no soluto filtrado, ao qual se adjunctam as aguas da lavagem, deita-se um pequeno excesso d'acido chlorhydrico. No liquor acido, levado á ebullição, se introduz uma lamina de ferro polida, e o cobre se deposita no estado metallico; o qual se lava, secca, e toma-se o peso: 25,801 de cobre = 100 de deuto-sulphato de cobre crystallisado. (*Pédroni.*)

SULPHATO DE QUININA.

O sulphato de quinina ($\text{SO}^5 + \text{C}^{20}\text{H}^{24}\text{Az}^2\text{O}^2 + 8 \text{H}^2\text{O}$), sendo d'um preço elevado, é quasi sempre mais ou menos falsificado, ja pela falta de cuidado, ja com conhecimento de causa; e as substancias estranhas são geralmente: o sulphato de cal crystallisado em agulhas, a salicina, e algumas vezes o acido margarico ou estearico, o asucar, amydo, mannita, sulphato de cinchonina, acido borico, &c. Os meios empregados para reconhecer estas substancias, são tantos e tão variados, que mui difficil seria descrevel-os em resumo. Chamo a attenção sobre o que ja se acha inserto n'este Jornal, ácerca do objecto em questão.

No tomo 2.^o da 1.^a serie, pag. 78 — Parecer e analyse sobre o sulphato de quinina; feita pelo 1.^o Operador, o Sr. F. M. C. Leal Junior.

No tomo 3.^o da 1.^a serie, pag. 547 — Meio de reconhecer a falsificação do sulphato de quinina pela salicina; extrahido do J. de Ch. Med. de Paris, pelo nosso Consocio, o Sr. José Tedeschi.

No tomo 4.^o da 1.^a serie, pag. 400 — Discurso do nosso Consocio, o Sr. Henrique José de Sousa Telles, feito na Sessão da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 9 de Julho de 1846, ácerca do melhor e mais facil meio de reconhecer a falsificação do sulphato de quinina.

No tomo 5.^o da 1.^a serie, pag. 99 — Parecer da Commissão de Chymica da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, ácerca da qualidade de varias amostras do sulphato de quinina.

No tomo 2.^o da 2.^a serie, pag. 58 — Novo reagente

para reconhecer o sulphato de quinina, pelo Sr. Vogel junior, de Munich; traducção por mim feita do J. de Ph. et de Chimie de Paris.

TAMARINDO.

O tamarindo é fornecido pelo *tamarindus indica*, da triandria monogynia de Linneo, e da familia das leguminosas de Jussieu.

A polpa pode conter uma quantidade assaz notavel de cobre, proveniente dos vasos aonde é evaporado. Reconhece-se a presença d'este metal, mergulhando, por algum tempo, uma lamina de ferro sobre que se deposita o cobre.

Tambem se tem fabricado polpa de tamarindo com a polpa de ameixa, acidulada com o cremor de tartaro ou com o acido sulphurico, e misturada com asementes do tamarindeiro. No primeiro caso, a fraude é impossivel de reconhecer. Se existir acido sulphurico, dilue-se a polpa de tamarindo n'agua; o liquido filtrado dá um precipitado branco abundante pela agua de baryta, insolúvel n'agua e no acido nitrico. (*Galtier.*)

TAPIOCA.

A tapioca é a fecula do *jatropha manihot*, arbusto da familia das euphorbiaceas de Jussieu.

Esta fecula pode conter cobre, devido aos vasos em que é preparada, e tornar-se por consequencia toxica. Muitos são os meios pelos quaes se pode reconhecer a presença do cobre; o mais simples consiste em ajunctar, á massa da materia suspeita diluida em agua distillada quente, algumas gottas de vinagre, e mergulhar n'esta mistura, por espaço d'um quarto de hora, uma lamina de ferro polida, que se tornará avermelhada se houver cobre. (*Garnier e Harel.*)

A tapioca é substituida pela tapioca artificial, formada com a fecula. Esta ultima é em grãos arredondados, quasi regulares, mais brancos, menos opacos, e mais facéis de quebrar que os da verdadeira tapioca. A geléa que produz com a agua fervendo é opaca, d'um sabor insipido, e cheiro semelhante ao da gomma d'amydo ou fecula. (*Pédroni.*)

TARTARO EMETICO.

Tartarato antimónico-potássico, Tartarato de potassa e antimónio, Proto-tartarato de potássio e antimónio, Tartarato de potassa antimoniado, Tartarito de potassa antimoniado, Tartaro antimoniado, Tartaro estibiado, Tartaro emético, Antimónio tartarisado, Emético.

O tartaro emético ($C^3H^2O^{10} + KO$) + $C^3H^2O^{10} + Sb^2O^5$) + $2 H^2O$) é falsificado pelo cremor de tartaro; mas o oxydo de ferro, cal, silica, acido sulphurico, acido chlorhydrico, sulphatos, e chlorhydratos, proveem da má preparação. O chlorureto de baryo descobre o acido sulphurico ou um sulphato; o azotato de prata o chloro ou um chlorureto. A não completa solubilidade indica a existencia do cremor de tartaro; e a coloração amarella do soluto a do ferro: o qual será ainda reconhecido pelo ferrocyanato de potassa, tendo sido o liquido acidulado pelo acido acetico. (*Dorvault.*)

VINAGRES.

Os vinagres tem apparecido no commercio falsificados pela addição dos acidos mineraes, e outras substancias prejudiciaes á saúde.

N'este Jornal, tomo 2.º da 1.ª serie, pag. 693, vem inserto um artigo por mim traduzido ácerca das falsificações dos vinagres; e no tomo 4.º da mesma serie, pag. 485, o discurso que fiz sobre este assumpto, na Sessão da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de 14 de Junho de 1846.

E' digno d'especial menção o discurso feito pelo nosso Consocio, o Sr. Henrique José de Sousa Telles, na sobredita Sessão, e inserto no tomo 4.º da 1.ª serie d'este Jornal, pag. 394; no qual demonstra os meios mais fauceis para reconhecer as falsificações dos vinagres.

VINHOS.

Os vinhos estão sujeitos a diversas falsificações; sempre damnosas á saúde publica, á moral, á agricultura, e ao commercio.

Os meios para reconhecer estas fraudes, teem sido descriptos por muitos e respeitaveis Chymicos; e na Sociedade Pharmaceutica Lusitana hão sido ja tractados e discutidos, e bem assim publicados n'este Jornal, no tomo 2.º da 1.ª serie, pag. 614, e tomo 4.º da mesma serie, pag. 289 e 344.

J. D. Corrêa.

Remedio contra as efflorescencias da face.

Tendo a experiencia demonstrado que os topicos contra as *efflorescencias* da face dos mancebos (espinhas carnaes?) são todos inefficazes ou perigosos; o Sr. René Van Oye elogia muito o seguinte que parece ter sido preconisado por Hufeland.

Borax 40 grãos,
Agua distillada de rosas }
„ „ de flores de laranjeira } ãa meia onça,
Dissolva.

Lavam-se as manchas muitas vezes ao dia com esta agua.

Gargarejo contra as anginas.

Mostarda commum 7 oitavas,
Sal commum 4 escropulos,
Vinagre commum 3 oitavas,
Agua quente ou fria (*) 6 onças e meia.

Filtre. Centro de Documentação Farmacêutica

Este gargarejo é de uma era imemorial entre os crioulos da Ilha de França. E o Dr. Fleury, Cirurgião da 1.ª Classe de Marinha, que foi quem mandou a formula á Sociedade Practica de Medicina de Paris, assegura tel-o applicado com bom resultado em mais de 300 casos d'anginas de diferentes formas.

(*) Se a ignorancia indisciplpavel da acção da agua quente, e da agua fria sobre os principios da mostarda, pode fazer com que a formula mande applicar indifferentemente para este gargarejo a agua em qualquer temperatura.

Traductor.

Collyrio para as manchas da cornea; pelo Sr. Fronmüller.

Este Practico diz ter tirado muito bom resultado do sulphato de cadmio applicado na seguinte formula.

Sulphato de cadmio. 4 grãos,
Agua distillada de rosas onça e meia,
Laudano liquido de Sydenham. . de 1½ a 3 escrop.

Misture e faça collyrio para instillar ás gottas.

Tambem o Sr. Fronmüller, nas ophtalmias chronicas, tem usado do tannino com bom resultado, tanto em collyrio, como em pomada, segundo as formulas seguintes:

Tannino. de 6 a 12 grãos,
Agua distillada 2 onças,
Laudano de Rousseau. . . . de 1½ a 3 escrop.

Misture para fazer collyrio.

Tannino. de 8 a 12 grãos,
Manteiga lavada 7 escropulos.

Misture e faça pomada. (Bol. de M. C. y F.)
S.^a Beirão.

Do Hypericão.

No Boletim Official da Sociedade Hahnemannica Maritense, de Fevereiro e Março do corrente anno, lê-se a respeito do *Hypericum perforatum* (Hypericão, Milforado), que esta planta ja era empregada por Hippocrates contra as enfermidades do peito, contra a dysmenorrhea, e contra a leucorrhæa; e que os Medicos Arabes consideravam as sementes do hypericão com grande estimação. D'este modo Merue o primogenito, dizia que eram de grande utilidade nas dores e prolapso do recto. Madckusi as recommenda contra as hemorrhoides e contra as ascaridas. Oscibiadd (Ebu-Abu) asseverava que supprimiam a salivação. Kindi (Abus-Jusus-Jakub-ben-Isak) assegura que tomadas interiormente produzem dilirio, vertigens e dores intestinaes. (Traduç. do Arabe para Alemão pelo Dr. Southeimer.) S.^a Beirão.

Pharmacia veterinaria; continuada do pag. 354.

Po excitante para os animaes cornigeros (MATTHIEU).

Mostarda preta	$\frac{1}{3}$ onça,
Flor d' enxofre.	} ãa 1 ,,
Po cordial.	
Alforvas.	4 ,,
Sal de cosinha.	16 ,,

Faça po. (Delafond e Lassaigue.)

Contra as doenças anemicas. Estende-se um bom puzillo sobre uma fatia de pão, e da-se ao animal.

Po hippiatrico.

Antimonio cru.	2 partes,
Enxofre.	} ãa 3 ,,
Po d'alcaçus	
— d'anis.	} ãa 6 ,,
— de cominho	
— de bagas de loureiro	
— d'alforvas.	

(V. M.)

Po incisivo e peitoral n.º 1.

Alcaçus em po.	6 onças,
Kermes mineral.	3 ,,

M. (Delafond e Lassaigue.)

Po incisivo e peitoral n.º 2.

Malvaisco em po.	8 onças,
Enula.	} ãa 4 ,,
Enxofre lavado.	

M. (Delafond e Lassaigue.)

Po incisivo e peitoral n.º 3.

Alcaçus em po.	8 onças,
Enula.	} ãa 4 ,,
Asafetida.	

Estes pos se administram no periodo de secreção das bronchitas agudas e chronicas.

Po kusico.

Acetato de potassa.. }
Enxofre..... }
Carvão vegetal..... }
 }ãa 3 onças,
 } ¼ oitava.

Divida em papeis de meia oitava. (Habert.)

Empregado para prevenir e combater a doença dos cães. Faz-se tomar tres papeis d'este po cada dia, continuando por tres dias.

Esta preparação parece-nos assimillar-se ao po de Helmel, vendido para o mesmo fim. O po de Vatrín contra a doença dos cães, parece-nos pos purgativos vegetaes.

Po purgativo.

Aloes..... 10 partes,
Sal d'Epson..... 8 ,,
Anis..... 3 ,,

Administra-se na dose de duas a tres onças, em sêmeas ou mel. (Lebas.)

Po sulphuro-antimonial (CLATER).

Sulphureto d'estanho.. }
Nitro..... }
Cremor de tartaro... }
Enxofre..... }
 }ãa 3 onças.

Uma colherada em sêmeas, ou avêa molhada, de tarde e manhã, ao cavallo, para conservar o ventre livre e dar lustro ao pêllo.

Po ionico.

Genciana em po..... }
Quina em po..... }
 }ãa 1 onça.

Ajuncta-se quasi sempre a dez onças de mel.

Po vermifugo n.º 1.

Feto macho em po..... 4 onças,
Tanaceto em po..... 2 ,,

Asafetida em po . . . }
Aloes } ãa 1 onça.

M. Meia, uma, e duas onças para o cavallo, e duas oitavas a meia onça para animaes mais pequenos.

(Delafond e Lassaigue.)

Po vermifugo n.º 2.

Feto macho em po 8 onças ,
Musgo de Corsega em po }
Genciana em po } ãa 1½ ,,
Rhuibarbo em po }
Mercurio doce lavado 7 oitavas.

M. As mesmas doses que o precedente.
(Delafond e Lassaigue.)

Po vermifugo.

Enxofre 12 partes ,
Mercurio 4 ,,
Triture para extinguir o metal.
Feto macho }
Rhuibarbo } ãa 4 ,,
Tanaceto }
Genciana }
Absintho }
Sabina } ãa 1 ,,
Aloes }
Ricino }

Faça po. Na dose de duas onças para o cavallo, misturado com sementeas ou mel. (Lebas.)

Preparação perigosa.

Obs. A maior parte dos pos para uso interno, de que acabamos de dar as formulas, unidos ao mel, constituem tantos electuarios que os Veterinarios com os mesmos nomes especificos.

Estes electuarios tambem, dando-se-lhe a forma de bolos, não mudam mais que o nome generico.

PROVENDAS MEDICAMENTOSAS.

Mistura de substancias alimentarias e de substancias medicamentosas, que se dá aos animaes, com um fim therapeutico.

Provenda nutriente e excitante.

Avêa contusa 5 lib. e 4 onças,
Bagas de zimbro contusas 2 „
Sal marinho 1 „
Misture, e dê ao animal em muitas rações.
(Delafond e Lassaigue.)

Provenda nutriente e tonica (DELAFOND).

Avêa contusa 5 lib. e 4 onças,
Palha cortada 2 „ e 8 „
Genciana em pó 1 „
Sulphato de ferro em pó 2 oitavas,
Carbonato de soda 2 „
Para os carneiros, e animaes bovinos.

Tinctura d'aloës.

Aloës succotrina 3 onças,
Agua-ardente 30 „
Macere por 15 dias.

Feridas do pe do cavallo.

Tinctura de cantharidas (CODEX).

Cantharidas em pó 2 onças,
Alcohol de 56° 16 „
Macere por 15 dias, e coe com expressão.

Tinctura de cantharidas e d'euphorbio.

Agua-ardente vesicante.

Cantharidas 4 partes,
Euphorbio 1 „
Agua-ardente 24 „

Serve-se d'ella sem ser filtrada, como resolutiva e ru-

befaciente; nos esforços, torceduras, rheumatismos, e tumefacções. (Lebas.)

Tinctura contra o mormo, farcino, e sarna.

Cantharidas. 1 onça,
Agua-ardente. 16 „

(Gazette des Hôpitaux.)

Tinctura de cubebas (CODEX).

Cubebas contusas. 3 onças,
Alcohol de 80°. 12 „

Macere por 15 dias, cõe, exprima, e filtre.

Emprega-se no catarro auricular recente dos cães.

Theriaca.

Po cordial. 84 partes,
Sulphato de ferro. 4 „
Galbano. }
Myrrha. }
Incenso. } aa 1 „
Extracto d'alcaçuz. }
Cravo da India. }
Camphora. }
Terebinthina. 8 „
Extracto de junipero. 12 „
„ de papoulas brancas. 8 „

Mel duas vezes o peso do po.

Vinho q. s. para dar uma consistencia d'electuario. Esta preparação convém ao temperamento do cavallo: é excellente cordial, fortificante, excitante, incisivo, e calmante. A dose é de 2 onças para o cavallo, 4 onças para o boi, e meia onça para o carneiro. (Lebas.)

Topico Terrat, contra o farcino (lamparões).

Chlorureto de mercurio. 1 onça,
Sulphureto amarello d'arsenico. 10 oitavas,
Acido arsenioso. 4 „
Euphorbio. 4 „

Oleo de bagas de loureiro. . . . 4 onças.

Faça unguento a brando calor.

Applica-se sobre os lamparões dos cavallos.

Este unguento produz, segundo seu Auctor, uma phlogose, que tem resultado uma ferida simples que se cura por si mesma.

O Auctor, em sua formula (privilegiada), não se explica sobre a natureza do chlorureto mercurial. Mas sem duvida é o bichlorureto que emprega.

Esta pomada tem a maior analogia com a de Napoles.

Unguento quente resolutivo fundente.

Unguento vesicatorio. $\frac{1}{2}$ onça,
,, napolitano. 2 oitavas,
Sabão de Starkey }
Oleo de bagas de loureiro }ãa 1 ,,
Cera amarella. }

Para fundir (resolver), os butões de lamparões, os tumores frios do garrot (agulha), os agriões, lobinhos, ovas, sobre canas, esparvões, alifafes, &c. (Lebas.)

Unguento contra o unheiro dos carneiros.

Oxydo de cobre $\frac{1}{2}$ oitava,
Alumen calcinado }ãa 18 grãos,
Sal ammoniaco }
Camphora 10 ,,
Unguento populeão. 2 oitavas.

(Lebas.)

Unguento contra as ulceras da cabeça do carneiro (CLATER).

Pez negro 2 libras,
Alcatrão }ãa 1 ,,
Enxofre }

Unguento contra as callosidades (WHITE).

Unguento d'althea 4 onças,
Camphora 2 ,,
Oleo volatil d'oregão 1 ,,

Unguento deseccativo adstringente.

Unguento do carreiro e do cocheiro.

- | | |
|------------------------|--------------------|
| Verdete..... | } ãa duas oitavas, |
| Sulphato de zinco..... | |
| Alumen calcinado..... | dous escropulos, |
| Camphora..... | meia oitava, |
| Unguento populeão..... | 2 onças. |

Para detergir e cicatrizar as feridas humidas e babosas, verrugas, gretas nas quartellas e na curva dos joelhos, &c.

Unguento digestivo simples.

Torna-se mais activo junctando-lhe essencia de terebinthina.

Unguento fundente (GIRARD).

- | | |
|--------------------------|----------|
| Terebinthina..... | 1 libra, |
| Sublimado corrosivo..... | 1 onça. |

M. exactamente. A proporção do sublimado pode ser augmentada até $\frac{1}{8}$.

(Delafond e Lassaigue.)

Para a resolução das cordas farcinosas recentes, e tumores chronicos.

Unguento ou balsamo nervino (LEBAS).

- | | |
|--------------------------------|-----------------------|
| Unguento d'althea..... | } ãa meia onça, |
| Oleo de bagas de loureiro..... | |
| Estoraque liquido..... | uma oitava, |
| Cêra amarella..... | duas e meia oitavas, |
| Camphora..... | dezoito grãos, |
| Essencia de salva..... | } ãa dous escropulos. |
| „ d'alfazema..... | |
| „ d'alecrim..... | |
| „ de tomilho..... | |

Unguento do pe.

E' uma mistura de azeite, cêra, banha, sêbo de vitella, terebintina e mel, em proporções variaveis. Bourgelat, Delafond e Lassaigue prescrevem partes eguaes de

cada substancia. Fundem-se estas substancias em um tacho, cõa-se ao travez d'um panno de linho, e guarda-se em um pote. Bracy-Clark manda preparal-o fazendo derreter junctamente: Sêbo 5 libras e 4 onças; Cêra amarella 4 onças; Alcatrão 8 onças.

Alguns Veterinarios mandam corar de preto o unguento, com pos de sapatos, quando deve ser applicado ao casco.

Empregado para untar o casco, quando está duro, secco, e fendido.

Unguento vesicatorio.

Pez negro.....	}ãa	4 partes,
„ resina.....		
Cêra amarella.....	3	„
Azeite.....	12	„
Cantharidas em po.....	6	„
Euphorbio.....	2	„

Para formar vesicatorios. (Lebas.)

Unguento vesicatorio fundente.

Unguento vesicatorio.....	}ãa	100 partes.
„ fundente de Lebas		

Misture a frio. Contra sarnas recentes. Bom para os fagos fracos.

Vinagre contra o javarro cartilaginoso (MARIAGE).

Sub-acetato de chumbo liquido..	}ãa	4 onças,		
Sulphato de zinco.....			2	„
„ de cobre.....				
Vinagre.....	16	„		

Deve ser agitado quando for usado. Em injeccões e em pranchetas nas aberturas fistulosas do javarro.

Vinagre esturnutatorio (MATTHIEU).

Alumen.....	}ãa	1 onça,
Sulphato de zinco.....		
Pimenta d'Espanha.....		
Essencia de terebinthina.....		

Camphora..... 2 oitavas,

Vinagre forte..... 2 lib. e 8 onças.

Reduzi as substancias em po, misturai-as ao liquido, deixai macerar. Agitai antes de usar d'elle.

Uma colherada de café, introduzida em uma ou outra ventá, na broncho-pneumonia dos animaes cornigeros. Provoca abundantes lagrimas e espirros que desembaraçam os animaes das mucosidades,

Vinagre scillitico.

Empregado no prurido do pesçoço e cauda dos cavallos.

L. A. Corrêa.

CHYMICA.

Iodureto d'amydo soluvel; pelo Sr. Dubois, Pharmaceutico em Limoges.

Os processos publicados até ao presente para obter o iodureto d'amydo são tão complicados, e as descripções feitas por alguns de seus Auctores tão longas (1), que julgo d'interesse para os meus Collegas offerecer-lhes a preparação seguinte; que, por sua simplicidade, está ao alcance de todos.

Trituro fortemente, em um almofariz de porcellana ou de vidro, 20 partes d'iodo (2) com 180 partes d'amydo não torrado (3), que ajuncto ao iodo em pequenas porções; depois humedeço mui ligeiramente a mistura com pouca agua, introduzindo-a em um balão de vidro (4) ou qualquer outro vaso conveniente, que tapo com cuidado e o ponho em banho d'agua quente, de maneira que o balão fique mergulhado até ao collo: de vez em quando tiro-o para agitar, e experimento se o iodureto se torna

(1) Outros fazem monopolio.

(2) Se o iodo tem sido dissolvido em um pouco d'ether ou d'alcohol, a mistura torna-se mais facil e intima, e a operação um pouco abbreviada.

(3) E' necessario que o amydo seja de boa qualidade.

(4) O balão deve ser grande, para que se possa agitar com facilidade a mistura.

solúvel. É necessário, termo medio (5), tres horas para tornar o iodureto completamente solúvel n'agua.

O iodureto acha-se no balão reduzido a massa espessa, pegajosa e elastica, que se lava muitas vezes, sobre um filtro, com alcohol (6) rectificado, e se desecca ou ao ar livre, ou em uma estufa, ou finalmente em uma capsula de porcellana, a brando calor.

Quando a deseccação está concluida, o iodureto é uã materia negra, brilhante, quasi inodora, como crystallizada (7), friavel; e se reduz a po, se não está muito fino, conservando todavia o seu brilho. Este po pega-se aos dedos, ainda que pouco humedecidos, e os faz azues.

O soluto n'agua é d'um bello azul, imitando muito o azul do cyanureto de ferro (8).

Todos os preparados, em que entra o iodureto d'amydo, tornam-se de facil execução.

Este processo pode-se applicar, com algumas modificações (9), na preparação dos ioduretos de ferro e d' enxofre.

(Revue clinique.)

J. D. Corrêa.

(5) Se as condições, que acabo d'indicar, teem sido bem executadas,

(6) Uma unica lavagem pode ser sufficiente; enche-se então o balão d'alcohol, agita-se de tempos a tempos, e no fim d'algumas horas lança-se tudo sobre um filtro.

O alcohol e o iodo em excesso não se perdem, antes com elles se obtém uma tinctura d'iodo, posto que fraca; o que tem levado a estabelecer esta questão: ; Em que proporções o iodo e o amydo estão combinados? Não posso resolver hoje este pequeno problema, ao qual prometto voltar; porém é certo para mim, que a quantidade de iodo é infinitamente mais pequena que se pensa em geral, e que as formulas dadas para as pilulas, xarope, pastilhas, &c., d'iodureto d'amydo, peccam pela base, e sem duvida serão rectificadas logo que se conhecer melhor a composição d'esta nova agente therapeutico.

(7) Tem o aspecto de bom carvão de pedra.

(8) O iodureto d'amydo insolúvel, completamente ou em parte, não apresenta os mesmos caracteres: quando está humido, não se apega aos vasos, a massa não tem consistencia; e, quando está sêcco, é d'um negro sem lustro, algumas vezes azul ou avelludado, ordinariamente pulverulento, raras vezes é bem homogeneo. Se é em parte solúvel, o soluto apresenta um azul violeta.

(9) A mistura d'iodo e d'enxofre, ou d'iodo e de ferro porphyrisado, não deve ser humedecida.

PHYSICA.

Mappa das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, no mez de Novembro de 1851.

Temperatura media da atmospha	11°,5 R.
„ maxima „	14
„ minima „	10
Maxima variação diurna de temperatura	2
Pressão media da atmospha	milim. 760,85
„ maxima „	767,07
„ minima „	756,91
Ventos reinantes	NE. N.
Altura da agua no pluviometro	
Dia mais chuvoso do mez	
Grau medio d'humidade no hygrometro	2°,6

Observações.

N'este mappa o que apparece mais notavel é a falta absoluta de chuva n'este mez, o que é muito raro aqui, em Lisboa; pelo menos não vi ainda nas observações meteorologicas publicadas que se desse um mez de Novembro todo sem chover uma so vez! A temperatura tambem foi n'este mez um pouco superior áquella que costuma ser a media d'este mez. A pressão barometrica foi antes para mais forte do que o commum d'esta estação; todavia as apoplexias, e as hemorragias não teem sido tão frequentes n'este periodo como o costumam ser aqui, em Lisboa, em Outubro e Novembro: pertence aos Iatromechanicos explicar esta correlação de factos.

As molestias que mais teem grassado em Lisboa e circumvisinhanças, são as erysipelas, especialmente de face

e cabeça, e os phlegmões. Tem-se notado bastantes vezes um facto celebre e muito grave, que vem a ser, invadir a inflammacão a mucosa nasal, boceal, e guttural, com o character gangrenoso logo desde a sua origem, com corrimento d'um liquor fetido e denegrido, insupportavel para os doentes e mesmo para as pessoas, que assistem aos enfermos. Mais d'uma vez este accidente morbido tem posto termo á existencia dos doentes, especialmente nas primeiras edades.

Actualmente principiam a reinar as pneumonias, e as pleurizias tão proprias d'esta estação; com tudo o character pernicioso e ataxico-adyamico, que muitas enfermidades apresentavam, no mez passado, principia a desaparecer, ou pelo menos a ser menos commum e as molestias estacionarias reinantes ficam so com a gravidade, que lhes é propria independentemente da complicação nervosa. O consumo do sulphato de quinina, e dos preparados nervinos no Hospital de S. José foi no mez de Outubro dohrado d'aquelle que tem logar em Novembro, o que confirma tambem o que acabamos d'asseverar.

Largo do Caldas, em o 1.º de Dezembro de 1851.

S.^a Beirão.

HISTORIA DA PHARMACIA

E DAS

SCIENCIAS ACCESSORIAS.

Representação dos Alumnos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, endereçada ao Governo, acerca das habilitações scientificas e prerogativas dos Pharmaceuticos (*).

SENHORA! — Os abaixo assignados, Alumnos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, vem respeitosamente ante o Throno de Vossa Magestade ponderar que:

(*) A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, julgou conveniente que continuassem a existir as duas Classes de Pharmaceuticos; e n'este sentido representou ao Governo de Sua Magestade e ás Camaras Legislativas, em data de 23 d'Abril de 1849, bem como pediu para os Pharmaceuticos, fillos das Escholas, as prerogativas que os Supplicants solicitam.

Os Redactores.

Permittindo as disposições da Lei de 29 de Dezembro de 1836 o habilitarem-se Pharmaceuticos individuos sem instrucção alguma regular, e comprovando apenas oito annos de practica n'uma Botica; em quanto que os Supplicantes são obrigados a frequentar as Aulas de Lingua Latina, Franceza, Philosophia, Chymica, e Botanica, e obter as respectivas approvações; e, finalmente, dous annos na Eschola Medico-Cirurgica, entretidos com o estudo de Materia Medica e Pharmacia, para serem admittidos a exame; resulta a mais notavel desigualdade em conhecimentos e habilitações entre uma e outra classe de Pharmaceuticos; e esta desigualdade deve conscienciosamente importar outra no que diz respeito a garantias e considerações individuaes; e não havendo Lei que restrinja o numero d'estas para os Pharmaceuticos habilitados pela practica dos oito annos, succedendo pelo contrario conferirem-se-lhes Cartas essencialmente eguaes ás que recebem os Pharmaceuticos da outra classe, os Supplicantes julgam reclamar um acto de Justiça, ao pedir de duas cousas uma: ou abolição dos exames practicos, de sorte que todos os Pharmaceuticos sejam equiparados em estudos e habilitações, da mesma sorte que o estão sendo no gozo de garantias, ou no caso d'essa classe de Pharmaceuticos dever continuar a existir, por motivos que o Sabio Governo de Vossa Magestade intender, Mande por uma Lei que estes não possam concorrer com os do Curso das Escolas para os Empregos e Partidos, que houverem de ser providos pelo Governo, Camaras Municipaes e Mizericordias, nem tão pouco estabelecerem-se em Lisboa, Porto, e Capitães de Provincia, sem mui justificado motivo.

Os Supplicantes reputam inutil invocar exemplos d'uma semelhante legislação, que para casos identicos se tem adoptado em outras Nações.

A provada rectidão de Vossa Magestade, e a justiça da nossa pretensão, foram os dous estímulos que nos animaram a fazel-a subir a Augusta Presença de Vossa Magestade, a Quem cheios de confiança e de respeito = Pedimos, Haja por bem deferir na forma, que requeremos.

— E. R. M.^{ce} — Lisboa, em 6 de Dezembro de 1851.
— Francisco Xavier Ogando. — José Joaquim de Sousa Pereira. — João de Sousa Pereira. — Joaquim José Alves. — Antero da Costa e Oliveira. — Pedro Augusto Franco. — Joaquim Antonio d'Oliveira.

REVISTA DOS JORNAES.

Novo adhesivo. — A gomma lacca em po, dissolvida no alcohol bem rectificado, constitue um adhesivo que se propõe como succedaneo do collodio e da dextrina. Usa-se estendendo o soluto, espesso, sobre um tecido qualquer e applicando-o á parte inferma. Dizem os Jornaes que adhere perfeitamente sem irritar a pelle, e que é impermeavel ao ar, á agua, aos óleos, ás secreções organicas, &c.

Reagente para descobrir o assucar nos liquidos animaes. — O Dr. Donaldson emprega o reagente seguinte para descobrir o assucar no sangue, nas urinas, no figado, &c.

Carbonato de soda crystallisado.....	5 gram.
Potassa caustica.....	5 „
Bitartarato de potassa.....	6 „
Sulphato de cobre crystallisado.....	4 „
Agua distillada.....	32 „

Ferva e filtre.

Lancam-se algumas gottas d'este soluto no liquido que se suspeita ter assucar, e aquece-se á alampada. Passados poucos minutos, depois da applicação do calor, o liquido adquire a cor *verde-amarellado*, e torna-se tanto mais *amarello-avermelhado* quanto maior é a quantidade d'assucar que contém.

Nova especie d'assucar. — O Sr. Dessaigne estudou recentemente a materia assucarada que o Sr. Braconnot descobriu na bolota de carvalho. A sua formula é: $C^{12}H^{24}O^{14}$. Tem propriedades notaveis, e parece constituir uma especie nova.

Arsenico no subnitrito de bismutho. — O Sr. Lassaigne encontrou n'este sal, vendido como puro, arsenico na proporção de $\frac{1}{600}$ em tres gram. Para ensaiar a pureza do subnitrito tracta-se pelo acido sulphurico puro, evapora-se até á seccura, tracta-se o residuo pela agua distillada, e experimenta-se no apparelho de Marsh.

Melancia. — O Sr. Lendle analysou a melancia, fervendo 70 p. de succo obtido de 100 p. de polpa, com uma pequena quantidade d'agua de cal, evaporando á consistencia de xarope, e fazendo-o crystallisar na estufa. Obteve: Agua..... 67
Materia assucarada..... 3
Residuo..... 30

100

Empregando o bisulphito de cal obteve mais 2 por 100 de assucar.

Preparação dos loochs brancos. — Quando no n.º passado mencionámos a modificação que o Sr. Sauvan fez n'esta ordem de preparados, não fomos bem explicitos, e para evitar confusão de novo dizemos que a innovação na preparação d'uma poção gommosa camphorada consiste em misturar o assucar pulverisado, a camphora, e a gomma adragantha, introduzir esta mistura n'um frasco, *que deverá conter a poção*, e agitar por dous minutos.

Magnesia empregada como antidoto dos saes de cobre. — O Sr. Roucher publicou um trabalho, cujas conclusões são as seguintes:

1.ª A magnesia calcinada destroe inteiramente os symptomas do envenenamento pelo sulphato de cobre, quando se administra a tempo sufficientemente approximado da ingestão do veneno.

2.ª A dose de magnesia necessaria para neutralisar os efeitos do sulphato de cobre é pelo menos 8 gram. para 1 de sulphato.

3.ª E' provavel que a magnesia seja antidoto de todos os saes de cobre.

2.ª Serie, T. II.— N.º 12.

Conferencias sanitarias em Paris. — O Boletim de Medicina C. y F. de Madrid, diz que os Medicos que concorreram ás conferencias sanitarias tem sido tractados com muita distincção. Na abertura da Assembléa destinou-se-lhes uma tribuna, tem sido convidados pelos Ministros para as suas reuniões, e para a sua mesa, e o proprio Presidente da Republica os tem convidado para os seus soirés.

Hemostatico. — O Dr. Budol aconselha como poderoso hemostatico o algodão molhado em oleo de terebinthina.

Parto monstro. — Na Alemanha uma mulher pario, d'uma vez, cinco filhos; o maior tinha quinze pollegadas, e o mais pequeno onze. Morreram 23 horas depois de nascerem.

Estatistica medica de Londres. — Existem em Londres 2,574 Medicos, dos quaes 2,237 exercem todos os ramos da sciencia de curar; 187 são Cirurgiões; 150 Physicos e 52 homoeopaths. Ha 1,816 Membros do Real Collegio dos Cirurgiões; 416 destinados aos estabelecimentos de caridade publica; 646 são auctores; 312 tem publicado livros ou memorias; e 334 redigem diversos periodicos. (*Boletim de Medicina, C. y F.*)

Opusculo. — Recebemos um folheto de cento e sete paginas, que tem por titulo = Febre amarella. = O artigo febre amarella da Cyclopedia britanica, traduzido do inglez por João Felix Pereira, Medico e Cirurgião pela Eschola de Lisboa, Lente de Geographia, Chronologia e Historia no Lyceu Nacional da mesma Cidade, &c. &c. Está á venda.

Escholiaste medico. — Recebemos o n.º 5 d'este importante jornal, que faz honra aos seus Redactores.

Reforma do Corpo e Serviço de Saúde do Exercito. — Por um Decreto de 6 de Outubro passado foi Sua Magestade servida reformar o Corpo e Serviço de Saúde do Exercito. Os RR. do *Escholiaste medico* consideram esta reforma importante e tecem elogios ao Ministro da Guerra. No Corpo de Saúde entram tres Pharmaceuticos e um

Practicante de Pharmacia. Um dos Pharmaceuticos é destinado para o Deposito Geral de Medicamentos, e dous para os Hospitaes Militares permanentes de Lisboa e Porto. O Practicante de Pharmacia será o Ajudante do Pharmaceutico encarregado do Deposito Geral dos Medicamentos.

Litteratura medica. — O Sr. Dr. Lima Leitão, distincto Professor de Clinica Medica na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, e bem conhecido pelos seus trabalhos litterarios, acaba de publicar a traducção do 1.º volume do poema de Lucrecio = *De rerum natura*. O Esculapio, publicou no seu n.º 148 fragmentos dos tres cantos que entram no 1.º volume. Folgamos de que o interprete de Virgilio e de Milton não abra mão de trabalhos que tanto o honram e de que a litteratura patria aproveita.

Reforma do Corpo de Saúde Militar. — Parecem-nos dignas de attenção as reflexões que sobre esta reforma fez o Sr. Tedeschi (José), na chronica do Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias d'este mez.

Sousa Telles, Junior.

PEÇAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 429, de 30 d'Outubro de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 6 horas e meia da noite abriu-se a Sessão, leu-se e approvou-se a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

Os Srs. J. Tedeschi, A. Carvalho, e Telles Junior, fizeram propostas de Candidatos para Socios; e tendo sido approvadas, foram admittidos e proclamados os Srs., Joaquim de Sa Charem, do Rio de Janeiro, para Membro Correspondente Nacional; Antonio de Carvalho Junior,

Francisco Maria de Carvalho, e Eduardo de Castro, para Membros Effectivos.

O Sr. J. D. Corrêa propoz que fossem convidados os nossos Consocios Correspondentes Nacionaes a promoverem o augmento de Socios, enviando propostas de Collegas que mereçam a approvação da Sociedade. — Approvado.

Foram remettidas para as Commissões de Redacção e de Direito Pharmaceutico umas Reflexões ácerca do Regimento dos Preços dos Medicamentos, feitas pelo nosso Collega o Sr. Miguel José d'Abreu, d'Alvares, para darem o seu parecer.

O Sr. J. A. Rodrigues pediu o adiamento do seu juizo critico sobre os artigos extrahidos do Jornal de Pharmacia de Paris.

Levantou-se a Sessão ás 8 horas.

Acta n.º 430, de 13 de Novembro de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Sendo 6 horas da noite foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Telles Senior, em nome do Sr. Dr. Pereira Caldas, de Braga, propoz dous Candidatos para Socios; e Vicente Tedeschi fez outra proposta no mesmo sentido. Declaradas urgentes, e precedidas as formalidades do Regimento interno, foram admittidos os Srs., Pedro Manuel d'Aratjo, e João José Pereira, Pharmaceuticos em Braga, e José Maria d'Andrade Junior, Pharmaceutico em Lisboa.

Foi approvado o Parecer da Commissão de Direito Pharmaceutico ácerca das propostas de Candidatos para Membros Honorarios; e, em seguida á votação por espheras, foram proclamados os Srs., José Maria Latino Coelho, de Lisboa, proposto pelo Sr. Telles Junior, e

Dr. José Pereira Reis, do Porto, proposto pelo Sr. J. D. Corrêa.

O Sr. Dr. Benevides, Membro Honorario, remetteu á Sociedade uma traducção da Gazeta Medica de Madrid, ácerca da Hygiene Militar.

O Sr. J. A. Rodrigues apresentou o Parecer da Commissão de Chymica sobre a analyse da Agua dos Casaes da Camara, pertencente ao Sr. Antonio Theophilo d'Araujo. — Foi approvedo, e encarregada a Mesa de o reduzir a Consulta.

A's 8 horas fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Acta n.º 431, de 27 de Novembro de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Foi aberta a Sessão pelas 6 horas da tarde; e, depois de lida e approveda a Acta da antecedente, deu o Sr. 1.º Secretario conta da correspondencia e dos objectos doados.

O nosso Membro Honorario, o Sr. Dr. Pereira Caldas, de Braga, remetteu uma proposta de Candidato para Socio.

O Sr. Oliveira Senior, apresentou uma exposiçào que acompanha uma planta enviada por um nosso Collega das Caldas da Rainha, na qual diz haver na dita planta propriedades vomitivas e purgativas. — Remettida para a Commissão de Historia Natural.

O Sr. 1.º Secretario participou que a Mesa havia entregue ao Sr. Ministro do Reino a Representação da Sociedade, na qual se pede, por um Decreto com força de Lei, o uso-fructo do Edificio que actualmente occupa; e que S. Ex.ª declarara que a pretensão era de toda a justiça.

O mesmo Sr. Secretario levou á consideração da Sociedade os relevantes serviços prestados pelos nossos Consocios os Srs., Paes, Aquino Alves, e Cunha e Oliveira.

O Sr. J. D. Corrêa pediu que na Acta se fizesse espe-

cial menção d'estes serviços, e que se votassem agradecimentos não só á Mesa, mas igualmente aos tres dignos Socios apresentados pelo Sr. 1.º Secretario. — A Sociedade approvou este pedido do Sr. Corrêa.

Foi admittido para Membro Correspondente Nacional o Sr. Raymundo Alves Torres, Pharmaceutico em Guimarães; proposto pelo Sr. Dr. Pereira Caldas, de Braga.

Entrou em discussão o Juizo critico do Sr. J. Tedeschi, ácerca de um artigo inserto no n.º 234 da Gazeta Medica do Porto, que tracta da febre amarella, e prova a necessidade de Facultativos a bordo dos navios. Depois de alguma discussão, em que fallaram os Srs., Telles Senior, Telles Junior, e J. D. Corrêa, deliberou a Sociedade que fosse remettido para a Comissão de Redacção, para resolver como julgasse conveniente.

Pelas 7 horas e meia da noute fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Vicente Tedeschi,

2.º Secretario.

Lista dos Senhores Collaboradores d'este Tomo.

- Albano Abilio Andrade. *Porto.*
Alumnos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de *Lisboa.*
Antonio de Carvalho. *Idem.*
Bernardino Antonio Gomes (Dr.) *Idem.*
Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão (Dr.). *Idem.*
Commissão de Chymica.
Commissão especial encarregada de apresentar um juizo critico sobre a Obra « Pharmacologia Geral, do Sr. Dr. B. A. Gomes. »
Commissão de Pharmacia.
Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de *Coimbra.*
Eugenio Rodrigues d'Oliveira. *Lisboa.*

Francisco Antonio Alves d'Azevedo.	Lisboa.
Francisco Antonio Pereira da Costa (Dr.)	Idem.
Francisco Bernardo dos Santos.	Porto.
Francisco José Rodrigues Loureiro.	Lisboa.
Henrique José de Sousa Telles.	Idem.
Izidoro da Costa Azevedo.	Idem.
João José da Silva Junior.	Setubal.
João José de Sousa Telles.	Lisboa.
João Victorino Pereira da Costa.	Torres-Vedras.
Jonathan Pereira (Dr.).	Londres.
José Dionysio Corrêa.	Lisboa.
José Joaquim da Silva Pereira Caldas (Dr.).	Braga.
Lourenço Antonio Corrêa.	Ilha de S. Miguel.
Sebastião Athanazio Estanislau da Silva.	Lisboa.
Vicente Tedeschi.	Idem.

Lista dos Senhores Subscriptores d'este Tomo.

Ambrosio Faustino Andrade.	Porto.
Anacleto Antonio Rodrigues d'Oliveira.	Lisboa.
Anacleto José d'Oliveira.	Porto.
André Valente d'Almeida Miranda.	Villa Nova de Portimão.
Antonio José Teixeira Lemos.	Porto.
Antonio Vaz Teixeira.	Touça.
Calisto Gaudencio Feio.	Lisboa.
Candido Joaquim Xavier Cordeiro.	Leiria.
Casimiro Antonio Barbosa	Porto.
Constantino de Mello Pereira.	Lisboa.
Custodio Lopes Vieira.	Cintra.
Eschola Medico-Cirurgica de	Lisboa.
Eschola Medico-Cirurgica do	Porto.
Florencio Peres Furtado Galvão (Dr.)	Coimbra.
Francisco Taybner de Moraes.	Marinha Grande.
Guilherme Antonio de Lima Monteiro.	Ilha Terceira.
Joanna (D.) Candida de Gouvêa.	Villa-Nova d'Ourem.
João Alves Ferreira Leite.	S. Martinho de Silvaes.

João José de Sousa.	Chaves.
João Rodrigues Pereira Peixoto.	Porto.
Joaquim Antonio Corrêa.	Lagôa.
Joaquim Pedro d'Abranches Bizarro (Dr.).	Lisboa.
José Baptista Pereira Galvão.	Carvalhido.
José Dionysio Corrêa.	Lisboa.
José Joaquim Brochado Caldas.	Porto.
José Maria Teixeira da Costa.	Rio de Janeiro.
José Romão Rodrigues Nilo (Dr.).	Lisboa.
Manuel Claudio d'Assumpção Martins Frausto.	Alcaçovas.
Manuel Lopes Pereira da Silva.	Porto.
Manuel da Rocha Oliveira Neves.	Escaris.
Mathias Albino da Costa Freitas.	Guimarães.
Pedro Antonio Soares Velloso (Dr.).	Porto.
Prudencio José Rodrigues Mauricio.	Thomar.
Sebastião José Ferreira & Filho.	Porto.



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

D'ESTE TOMO.

Paginas.	Linhas.	Erros.	Emendas.
79	2	8 oitavas.	8 onças.
226	27	artigo 31.º	artigo 131.º
340	19	Homelle	Homolle.

INDICE ALPHABETICO

DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO.

A

Acção (da) d'alguns reactivos sobre a quinina; pelo Sr. Vogel.	169
Acidos organicos — crenico e apocrenico — encontrados por Berzelio nas aguas mineraes de Porla; pelo Sr. J. J. S. Pereira Caldas, de Braga.	82 e 118
Acta da Assembléa Geral do Monte-Pio Pharmaceutico, de 17 de Julho de 1851.	286
— do Conselho Administrativo do Monte-Pio Pharmaceutico, de 17 de Julho de 1851.	287
— da Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade, de 24 de Julho de 1851.	246
Actas (extracto das) das Sessões Litterarias da Sociedade, desde 10 d'Outubro de 1850 até 27 de Novembro de 1851. 35, 63, 94, 162, 197, 228, 244, 283, 370 e	403
Adhesivo (novo) para a reunião e cura das feridas; pelo Dr. Mellez.	326
Aerolitho.	195
Agua-ardeute camphorada para beber.	17
— camphorada, do Codex.	76
— vesicante; pelo Sr. Lebas.	391
Agua-mineral dos Cucos.	38
Agua-potavel do Casal da Casa Branca, na Freguezia de Bemfica.	354
— sedativa (1. ^a formula) ordinaria; pelo Sr. Raspail.	16
— (2. ^a formula) mediana.	16
— (3. ^a formula) muito forte.	17
Aguas ferreas de S. Thiago de Frayão.	337
— mineraes do Gerez.	303
— mineraes do Reino. 38, 303 e	337
— minero-medicinaes.	366
— dos Poços em Setubal, denominados « Poço velho e Poço novo ».	328
Aguas potaveis do Reino.	328 e 354
Alcohol camphorado.	17
— camphorado para beber.	17
Aloina (sobre a); pelo Sr. J. Stenhouse.	358
2. ^a Serie, T. II. — N. ^o 12.	55

Amydalina nas plantas ; pelo Sr. Wicke.	366
Amydulina.	242
Analyse chymica da Agua mineral dos Cucos.	38
— das Aguas dos Poços em Setubal, denominados « Poço velho e Poço novo » feita pela Commissão de Chymica.	328
— chymico-legal dos liquidos envenenados, remetidos pelo Sr. Juiz Ordinario do Seixal ; feita pela Commissão de Chymica.	114
— chymico-toxicologica de um liquido remettido á Sociedade pelo Sr. Juiz de Direito de 2.º Districto Criminal de Lisboa ; feita pela Commissão de Chymica.	185
— medico-legal (no processo do Conde de Bocarmé).	239
— das sementes de linhaça ; pelo Sr. Meurein.	306
A nicotina e os fumantes.	241
Annuncios.	304
Antidoto dos saes de cobre.	401
<i>Aridium</i> (um novo metal).	224
Arnicina.	194
Arsenico nas plantas.	194
— nas plantas ; encontrado pelo Sr. Stein.	367
— no subnitrate de bismutho.	401
Assacú (ensaios com o ; feitos pelo Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.	288
Assembléa Geral do Monte-Pio Pharmaceutico.	286
Aviso aos Pharmaceuticos.	336
Azeite — falsificações.	69
Azevre ou aloes — falsificações.	69

B

Balsamo de copaiva — falsificações.	70
— de copaiva (observações acerca do), acompanhadas d'alguns ensaios practicos, para verificar a sua pureza ; pelo Sr. H. J. de Sousa Telles.	137
— d' enxofre.	179
— ou unguento nervino ; pelo Sr. Lebas.	393
— vulnerario de Lebas.	77
Banha de porco — falsificações.	70
Banho arsenical de Tessier.	76
Bebeerina.	313
Beberagem adstringente para cavallo ; pelo Sr. White.	78
— anodina de White.	77
— anti-catarrhal para o boi ; pelo Sr. Clater.	77
— antiseptica.	77

Beberagem antiseptica acida.	77
— antispasmodica de Blaine.	78
— contra a meteorisação de Moiroud.	78
— cordial theriacal de Lebas.	78
— cordial com vinho; pelo Sr. Lebas.	78
— diaforetica de Lebas.	79
— diuretica de Lebas.	79
— emetica.	79
— estimulante de Bourgelat.	80
— fundente de iodureto iodurado; pelos Srs. De-	
lafond e Lassaigue.	79
— incisiva de Lebas.	79
— de iodureto de potassio.	79
— opiada de White.	79
— purgativa.	80
— refrigerante.	80
— uterina com cravagem de centeio; pelos Srs.	
Delafond e Lassaigue.	80
— vermifuga para o cão.	81
— vermifuga para o cavallo.	80
Bebida adoçante de Moiroud.	81
— emolliente.	81
<i>Bellerophon Duriensis.</i>	160
Bólos, pastilhas, doces, liquores — falsificações.	70
Borax — falsificações.	72
C	
Cabelleireiros e perfumeiros.	335
Calumba — falsificações.	72
Cantharidas — falsificações.	73
Carga cantharidada.	106
— resolutive de Delafond e Lassaigue.	106
— resolutive fortificante de Delafond e Lassaigue.	106
— simples de Gasparim.	106
Carta com uma declaração; feita pelo Sr. Dr. Beirão.	332
Casca bebeeru.	313
— Carthagens.	313
— copalchi.	314
— da raiz de romãseira — falsificações.	73
Cascas de quina (noticia ácerca das) recebidas no commer-	
cio inglez; pelo Sr Jonathan Pereira, de Londres.	309
Caso d'envenenamento (supposto) por abortivos.	192
Castoreo — falsificações.	75
Cataplasma adstringente.	107
— adstringente de Delafond e Lassaigue.	107
— anodina.	106
— antiseptica de Blaine.	107

Cataplasma contra os arestins e unheiros dos cavallos.	107
— rubefacente com euphorbio; pelos Srs. Delafond e Lassaigue.	108
Cato — falsificações.	75
Caustico negro.	108
Cautela com o chloroformio.	239
Cedrina.	194
Cera amarella — falsificações.	75
— branca — falsificações.	171
Cerato arsenical.	108
— camphorado.	18
— sulphurado.	300
Cerveja branca — falsificações.	172
Cha — falsificações.	170 e 173
Charlatães.	368
Chloroformio — falsificações.	173
Chocolate — falsificações.	174
Chymica organica.	366
Cigarros de camphora.	19
Clyster antispasmodico de Blaine.	108
Collaboradores (lista dos Srs.) d'este Tomo.	406
Collyrio para as manchas da cornea; pelo Sr. Fronmüller.	386
Coniina (sobre a composição da); pelo Sr. R. Wagner.	331
Conselho Administrativo do Monte-Pio Pharmaceutico.	287
Conservação das urinas; pelo Sr. Mialhe.	363
Considerações sobre o novo Regimento dos Preços dos Medicamentos; pelo Sr. A. A. Andrade, do Porto.	5
Consulta da Sociedade, com a analyse chymico-legal dos liquidos envenenados, remettidos pelo Sr. Juiz Ordinario do Seixal.	114
— da Sociedade, com a analyse chymico-toxicologica de um liquido remettido pelo Sr. Juiz de Direito do 2.º Districto Criminal de Lisboa.	185
— da Sociedade, com o ensaio chymico de uma agua potavel do Casal denominado da Casa Branca, na Freguezia de Bemfica.	354
Cosmetico dentifrico do Sr. Barbier Bergeron.	299
Cravagem de centejo — falsificações.	174
Cravo da India — falsificações.	175
Cremor de tartaro — falsificações.	176
— de tartaro soluvel — falsificações.	176
Creosota — falsificações.	176
D	
Daturina na urina.	194
Decreto de 4 de Fevereiro de 1851, designando as subs-	

tancias medicamentosas que os Pharmaceuticos podem vender sem dependencia de receita de Fa- cultativo.	127
Digitalina.	340
Discurso do Sr. Presidente, Antonio de Carvalho, feito na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1851.	269
Divisão das gomas-resinas nas poções e no emplastro de diachylão.	339
Donarium (novo metal).	306
Drupas de loureiro (analyse das).	191

E

Edital do Conselho de Saúde Publica do Reino, patentean- do a parte penal por Lei imposta aos Pharmaceu- ticos, sobre preços dos medicamentos.	62
— do Conselho de Saúde Publica do Reino, indican- do a legislação ácerca das visitas ás lojas de drogas.	61
Electuario apperiente d'Hayne.	108
Elixir calmante de Lebas.	108
Embrocação contra as entorses.	109
— contra as ovas e callos.	109
— estimulante de Bracy-Clark.	109
Endosmosa (phenomeno da); pelo Sr. Barreswill.	124
Ensaio chymico de uma agua potavel do Casal denomi- nado da Casa Branca, na Freguezia de Bemfica; feita pela Commissão de Chymica.	354
— qualitativo da Agua mineral dos Cucos; feita pe- la Commissão de Chymica.	38
— das quinas pelo chloroformio; pelo Sr. Ravour- din.	189
Ensaios com o assacú (relatorio ácerca dos); feitos pelo Conselho da Faculdade de Medicina da Universida- de de Coimbra.	288
Envenenamento (do) pela nicotina.	217
Enxofre dourado d'antimonio — falsificações.	177
— sublimado — falsificações.	177
— viscoso.	357
Escammonéa — falsificações.	177
Escholiaste Medico.	334 e 402
Espermaceti — falsificações.	178
Espirito de Minderer — falsificações.	178
Essencias — falsificações.	208
Estanho — falsificações.	208
Estatistica escholastica.	339
— medica de Londres.	402

Estatística da Secretaria da Sociedade, do seu 16.º Anno	
Litterario.	333
Estoraque — falsificações.	209
Estrychnina — falsificações.	209
Estudos medicos e pharmaceuticos em Hespanha.	301
Estyracina (da); pelo Sr. J. Wolff.	125
Ether acetico — falsificações.	210
— bromhydrico.	224
— nitrico — falsificações.	210
— sulphurico — falsificações.	210
Etherisação para os casulos da seda.	221
Exercicio illegal da Pharmacia, impunidade.	363
Explicação relativa ao phenomeno da endosmosa, apresentada pelo Sr. Barreswill.	124
Exposição universal.	244
— universal em Londres.	363

F

Fallecimento do Sr. Antonio da Encarnação Coelho, Administrador da Botica do Hospital da Universidade de Coimbra.	336
— do Sr. Lugol.	363
— do Sr. Luiz José Nunes, Pharmaceutico em Elvas.	304
— de D. Pedro Terradas.	224
Falsa-quina (<i>portlandia hevandra</i> , L.)	237
Falsificação de varios medicamentos (notas sobre a); insertas no Medical Times.	37
— (das) de varios medicamentos e substancias alimentarias, e dos meios de reconhecel-as.	
Extracto de diversos Auctores, feito pelo Sr. J. D. Corrêa. 69, 171, 208, 314, 341 e	377
Farinhas — falsificações.	211
Febre amarella no Porto.	305 e 334
— amarella do Rio de Janeiro.	221
Fezes d'ouro — falsificações.	211
Filho posthumo.	242
Flores de zinco — falsificações.	211
Fogo inglez.	110
Formulas (algumas) indicadas pelo Sr. Raspail.	16

G

Galardão academico.	337
— scientifico.	366
Gargarejo contra as anginas.	383
Geologia (memoria sobre a) dos suburbios do Porto, in-	

cluindo o carvão siluriano e os schistos de Val- longo; pelo Sr. Daniel Sharpe.	143
Gomma alcatira — falsificações.	212
— arabica — falsificações.	212
— asafetida — falsificações.	212
— galbano — falsificações.	213
— kino — falsificações.	213
Gommas-resinas (divisão das) nas poções e no emplastro de diachylão.	339
Gordura nas diversas regiões do corpo humano (varieda- des da); pelo Sr. Lassaigne.	191
Gottas de Grindle contra a tosse.	299
III	
Hemostatico.	402
Homœopathia.	224 e 336
— em Lisboa.	243
— em Portugal.	195 e 301
Hydrologia medica.	195
Hypericão (do).	386
I	
<i>Illanus Lusitanicus.</i>	156
Iluminação a gaz; pelo Sr. A. Becquerel.	101
Iodo — falsificações.	170 e 214
Iodureto d'amydo soluvel.	238
— d'amydo soluvel; pelo Sr. Dubois.	395
— de potassio — falsificações.	214
<i>Isotellus Powisii.</i>	155
Jornaes hespanhoes de Medicina.	225
Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa.	305
Juizo critico ácerca d'alguns artigos de diversos Jornaes; pelo Sr. V. Tedeschi.	357
K	
Kermes mineral — falsificações.	215
L	
Labdano — falsificações.	215
Lactato de ferro — falsificações.	216
Legado scientifico.	340
Leite — falsificações.	216
— d'enxôfre — falsificações.	217
Limalha de ferro — falsificações.	314
— de ferro (presença da) no proto-iodureto de fer- ro; pelo Sr. Hainaut.	171
Limonada de tartarato de soda; pelo Sr. F. Desvignes.	104

Limonada purgativa de tartarato de soda; pelo Sr. I. C. Azevedo.	141
Linhaça (analyse das sementes de); pelo Sr. Meurein.	306
Linimento antipsorico.	110
— cantharidado camphorado de Moiroud.	110
— contra a sarna dos carneiros.	110
— contra a sarna dos cavallos.	110
— excitante resolutivo de Vatel.	110
— fortificante resolutivo.	111
— irritante de Lebas.	111
— irritante de Pott.	111
— mercurial inglez de Moiroud.	111
— narcotico simples de Moiroud.	111
— vesicante de Solleysel.	111
Liquor da Bohemia contra o meteorismo.	112
Lista dos Srs. Collaboradores d'este Tomo.	406
— dos Srs. Subscriptores d'este Tomo.	407
Litteratura medica.	403
Lobelina.	194
Loção antipsorica.	112
— contra os arestins.	112
— contra os arestins; pelo Sr. Duvallé.	112
Loochs brancos (preparação dos)	401
— brancos (preparação dos); pelo Sr. Sauvan.	365
Lupulina contra as creações nocturnas.	239
Luz electrica.	362
51	
Magnesia (meio facil de reconhecer a falsificação da).	357
— alva — falsificações.	315
— calcinada — falsificações.	315
— empregada como antidoto dos saes de cobre.	401
Manná — falsificações.	315
Mannita.	221
Manteiga d'antimonio — falsificações.	316
— de cacao — falsificações.	316
— de vacca — falsificações.	316
Mappa das observações meteorologicas feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Sr. Dr. Beirão.	361 e 397
Marupá.	238
Mastigadouro adoçante.	113
— apperiente de Lebas.	114
Medicina e Pharmacia na Belgica.	303
Medicos homœopathicos (devem os) preparar os medicamentos que receitam?	363

Meio facil de extinguir os incendios.	223
— facil de reconhecer a falsificação da magnesia.	357
Melancia.	401
Mel commum — falsificações.	317
Mellito ou mel d'aloës, de Lassaigue e Delafond.	114
Memoria sobre a Geologia dos suburbios do Porto, incluindo o carvão siluriano e os chistos de Vallongo; pelo Sr. Daniel Sharpe.	143
— sobre algumas preparações pharmaceuticas, em que entram corpos gordos; pelo Sr. Deschamps.	10
Mercurio — falsificações.	318
— doce — falsificações.	318
Mistura adstringente e escharotica de Villate.	114
Morphina — falsificações.	318
— (preparação da); pelo Sr. Guillermond.	360
Morte causada pela camphora.	224
— causada pelo chloroformio.	337

N

Não houve nem ha febre amarella em Lisboa.	334
Nicotina (do envenenamento pela).	217
Nitrato de potassa — falsificações.	319
— de prata fundido — falsificações.	319
Notas sobre a falsificação de varios medicamentos; insertas no Médical Times.	37
Noticia (breve) das Aguas thermaes dos Cucos.	40
— ácerca das cascas de quina recebidas no commercio inglez; pelo Sr. Jonathan Pereira, de Londres.	309
Nova capa para as pilulas.	221
— especie d'assucar.	400
Novo adhesivo.	400
— anesthesico.	224
— Jornal de Medicina.	336
— meio de tornar o iodo soluvel na agua.	224
— metal (<i>donarium</i>).	306

Objectos doados á Sociedade; publicados na Sessão Sollemne Anniversaria de 24 de Julho de 1851. 262

Observações meteorologicas (mappa das) feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Sr. Dr. Beirão. 361 e 397

Oleo d'amendoas doces iodado na phtisica pulmonar; pelos Srs. Duncann e Nuun. 327

— camphorado. 17

— de *croton tiglium* — falsificações. 320

— enxofrado. 179

— de figados de bacalhau. 238

Oleo de figados de bacalhau — falsificações.	320
— de mamona — falsificações.	321
— terebinthinado.	17
— terebinthinado de Raspail.	179
Oleos fixos — falsificações.	320
— medicinaes — falsificações.	321
Operação da talha; feita pelo Sr. A. M. Barbosa.	334
Opiata bechica.	179
— bechica incisiva de Lebas.	179
Opio — falsificações.	322
— francez.	338
Opusculo sobre a febre amarella; pelo Sr. J. F. Pereira.	402
Oração inaugural; feita pelo Sr. Dr. Thomás de Carvalho.	368
— da sapiencia; feita pelo Sr. Corral y Oña.	365
Organisação da Pharmacia na Norwega (relatorio sobre a); pelo Sr. Martins.	20
<i>Orthis Duriensis.</i>	158
— <i>Lusitanica.</i>	159
— <i>Miniensis.</i>	158
— <i>Noctilio.</i>	157
<i>Orthoceras vagans.</i>	160
Ouro e prata — falsificações.	322
Oxymellito de cobre, do Codex.	179
Pão de trigo — falsificações.	341
Parecer da Comissão especial encarregada de apresentar um juizo critico sobre a Obra « Pharmacologia Geral » do Sr. Dr. B. A. Gomes.	201
— da Comissão de Pharmacia ácerca d'uma falsa- quina remetida á Sociedade.	237
Parto monstro.	402
Pasta contra os arestins, de Gasparin.	180
— de náfé da Arabia.	297
Penas por Lei impostas aos Pharmaceuticos, sobre preços dos medicamentos.	62
Pharmaceutico (um) premiado.	538
Pharmacia veterinaria; pelo Sr. Doryvault.	76, 106, 179, 348 e 387
Pharmacologia Geral, do Sr. Dr. B. A. Gomes.	201
Phosphato de soda — falsificações.	341
Pilulas adstringentes.	181
— alterantes de Bell.	180
— anodinas de White.	180
— anthelminticas.	180
— antifarcinosas de Lebas.	181
— canicuras.	181
— caninas.	181
— para os cavallos; pelo Sr. Soubeiran.	184



Centro de Documentação Farmacéutica

Pilulas contra a ictericia; pelo Sr. White.	182
— contra a inapetencia; pelo Sr. Lebas.	181
— contra a pulmoeira; pelo Sr. White.	182
— contra a tosse; pelo Sr. Blaine.	182
— contra a tosse; pelo Sr. White.	182
— cordeaes de Morton.	182
— diureticas temperantes de Lebas.	182
— magistraes de proto-iodureto de ferro; pelo Sr. Mayet.	19
— de proto-iodureto de ferro por dupla decomposição; pelo Sr. Chevallier.	365
— purgativas.	183
— purgativas inglezas.	183
— purgativas de Lebas.	183
— purgativas de Morton.	183
— purgativas de Strauss.	183
Po adoçante n.º 1.	350
— adoçante n.º 2.	351
— adstringente, do Sr. Lebas.	351
— adstringente deseccativo; pelo Sr. Bracy-Clark.	351
— antifarcinoso (contra lamparões); pelo Sr. Moritz.	351
— arsenical, modificado por Schaac, contra a agua nas pernas.	351
— bechico adoçante, do Sr. Lebas.	352
— bechico incisivo.	352
— de Blaine contra a doença dos cães.	352
— contra a choréa, pelo Sr. Bonneau.	299
— contra a diarrhea dos cães; pelo Sr. Blaine.	352
— contra a inapetencia; pelo Sr. Lebas.	353
— cordial do Sr. Lebas.	354
— diaphoretico.	354
— diuretico do Sr. Lebas.	354
— excitante para os animaes cornigeros; pelo Sr. Matthieu.	387
— hippiatrico.	387
— incisivo e peitoral; pelos Srs. Delafond e Lassaigue.	387
— de Joannes — falsificações.	342
— purgativo; pelo Sr. Lebas.	388
— kusico; pelo Sr. Habert.	388
— sulphuro-antimonial; pelo Sr. Clater.	388
— tonico.	388
— vermifugo; pelos Srs. Delafond e Lassaigue.	388
— vermifugo; pelo Sr. Lebas.	389
Pomada anti-ophtalmica de Desault.	13
— anti-ophtalmica de Janin.	13
— anti-ophtalmica de Lebas.	184
— anti-ophtalmica de Régent.	14
— anti-ophtalmica de Velpeau.	15
— antipsorica, do Sr. Helmerich.	350

Pomada arsenical de Napoles; pelos Srs. Delafond e Lassaigne.	184
— com azotato mercurico, pomada citrina.	15
— d'azotato de prata de Jobert.	15
— de biodureto de mercurio.	350
— de calomelanos.	11
— camphorada.	18
— de cantharidas, do Sr. Moiroud.	348
— citrina.	15
— contra a agua nas pernas; pelo Sr. Debeaux.	348
— contra o arestin do cavallo; pelo Sr. White.	349
— contra as gretas na dobra dos joelhos; pelo Sr. White.	349
— contra os joelhos coroados; pelo Sr. White.	349
— contra as molestias de pelle dos cães; pelo Sr. Blaine.	349
— contra a sarna dos carneiros; pelos Srs. Daubenton e Tessier.	349
— deseccativa, do Sr. Rodier.	349
— deseccativa contra a agua nas pernas; pelo Sr. Moiroud.	349
— d'euphorbio; pelos Srs. Delafond e Lassaigne.	350
— de Gondret.	12
— d'iodureto de potassio.	12
— d'iodureto de potassio, do Codex.	350
— de Lyão.	12
— mercurial.	307
— mercurial — falsificações.	342
— mercurial enxofrada.	350
— populeão enxofrada.	350
— com sulphato mercurioso.	11
— sulphurada.	300
Portaria do Ministerio da Fazenda, sobre o custo de cada libra de sabão d'Hispanha.	60
— do Ministerio do Reino, obrigando os Pharmaceuticos a terem nas boticas herva sancta e sabão d'Hispanha.	35
— do Ministerio do Reino, providenciando sobre registro de matriculas dos practicantes pharmaceuticos.	59
— do Ministerio do Reino, acerca do registro dos practicantes de Pharmacia.	226
Portarias do Ministerio do Reino, sobre erros encontrados no Regimento dos Preços dos Medicamentos de 1850.	35 e 88
<i>Portlandia hexandra</i> , L.	237
Prata de cupella — falsificações.	343
— em folhas — idem.	343

Premio (a concurso).	241
Premios scientificos.	223
Preparações peitoraes compostas com os fructos de náfé da Arabia; pelo Sr. J. J. Sousa Telles.	296
— pharmaceuticas (memoria sobre algumas), em que entram corpos gordos; pelo Sr. Deschamps.	10
Presença do iodo no ar.	222
Principio cathartico do aloes.	219
Programma de Lições para o Curso de Materia Medica da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, no anno lectivo de 1851 a 1852; pelo Sr. Dr. B. A. Gomes.	323
— d'um premio proposto pelo Instituto Medico Valenciano.	196
— de premios que offerece a Academia de Medicina e Cirurgia de Barcelona.	242
— sobre Questões Scientificas, publicado na Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade, em 24 de Julho de 1851.	259
Proporcional (da) redução das Officinas; pelo Sr. Gnior de Grand-maison.	130 e 165
Proto-iodureto de ferro (presença da limalha de ferro no); pelo Sr. Hainaut.	171
Provenda nutriente e excitante; pelos Srs. Delafond e Lassaigne.	390
— nutriente e tonica; pelo Sr. Delafond.	390
Provenidas medicamentosas.	390
Purgante em café.	300
— do Dr. Fauconneau Dufresne.	300
Quadro (resumo do) da Sociedade, com as alterações occorridas; publicado na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1851.	265
<i>Quandoque bonus dormitat Homerus.</i>	222
Quarentenas.	305 e 335
Queijo — falsificações.	343
Questões Scientificas (programma sobre), publicadas na Sessão Solemne Anniversaria da Sociedade, em 24 de Julho de 1851.	259
Quina amarella.	312
— amarella achatada.	312
— amarella encanudada.	312
— do Brasil.	237
— cinzenta ou argentea.	311
— cinzenta de corda.	310
— de corda superfina.	310
— de Cusco.	313

Quina de Guiné.	237
— de Loxa ou de corôa.	310
— do Rio de Janeiro.	237
— vermelha.	312
Quinas — falsificações.	344
— (ensaio das) pelo chloroformio ; pelo Sr. Rabourdin.	189
Quinina (da acção d'alguns reactivos sobre a); pelo Sr. Vogel.	169
RR	
Raiz d'althea — falsificações.	344
— d'angelica — falsificações.	344
— de calumba — falsificações.	344
— de galanga — falsificações.	345
— de genciana — falsificações.	345
— d'helleboro negro — falsificações.	345
— d'ipecacuanha — falsificações.	346
— de jalapa — falsificações.	346
— de valeriana — falsificações.	346
Reactivos do iodo.	223
Reagente para descobrir o assucar nos liquidos animaes.	400
— (novo) para reconhecer o sulphato de quinina ; pelo Sr. Vogel.	58
Reducção das Officinas (da proporcional) ; pelo Sr. Guior de Grand-maison.	130 e 163
Reforma do Corpo de Saúde Militar.	403
— do Corpo e Serviço de Saúde do Exercito.	402
Regimento dos Preços dos Medicamentos.	243
— dos Preços dos Medicamentos (considerações sobre o novo) ; pelo Sr. A. A. Andrade, do Porto.	5
Relação dos Doadores e dos Objectos doados á Sociedade, lida na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1851.	262
— da maior parte dos doentes que fizeram uso dos banhos dos Cucos, no anno de 1850.	47
Relatorio acerca dos ensaios com o assacu ; feito pelo Conselho da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.	288
— sobre a Organisação da Pharmacia na Norwega ; pelo Sr. Martius.	20
— circumstanciado dos Trabalhos da Sociedade, feito na Sessão Solemne Anniversaria de 24 de Julho de 1851.	246
— dos trabalhos feitos pelo Delegado da Sociedade, em Setubal, a fim d'obstar á venda de medicamentos nas mercearias.	92
Remedio contra as efflorescencias da face.	385
Representação dos Alumnos de Pharmacia da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, endereçada ao	—